



Encadernação e
Douração

EDGARDO DE CARVALHO

São Paulo
Rua Liberdade, 788





J. DE LENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.



VI

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDICTOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—
1866.

LIVROS A' VENDA

na Livraria Garnier

69 RUA DO OUVIDOR 69

Resumo da historia contemporanea desde 1815 até 1865 por um professor, 1 v. enc.....	3\$000
Relação de uma viagem a Venezuela, Nova Granada e Equador, pelo conselheiro Lisboa; 1 v.	
Romances historicos por um brasileiro, 1 v.	
Littérature portugaise son passé, son état actuel, par J. M. Pereira da Silva; 1 v. enc...	3\$000
Manuel de Moraes, chronica do Setulo XVII por J. M. Pereira da Silva; 1 v. enc.....	3\$000
Questões praticas de direito criminal pelo conselheiro Dr. J. Liberato Barroso; 1 v. enc..	4\$000
Regulamento das alfandegas e mesas de rendas annotado por Eleuterio Augusto de Atayde; 1 v.....	5\$000
A Liberdade e a Legislação vistas á luz da natureza das cousas por Frederico Francisco Figanière; 1 v.....	3\$000
Direito civil ecclesiastico brasileiro antigo e moderno em suas relações com o direito canonico por Candido Mendes de Almeida; 3 v. enc.....	18\$000
Le Brésil , Buenos-Ayres, Montevideo, et le Paraguay devant la civilisation par Charles Expilly; 1 v. enc.....	4\$000
Verdade sobre o Parguay por Quentin; 1 v. broch.....	1\$000

AS MINAS DE PRATA

LIVROS A' VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

96 RUA DO OUVIDOR 69

A Baroneza de Ratteville, 2 volumes em 8.º, 3\$600.

A Virgem da Polonia, pelo Conselheiro J. J. Rodrigues Bastos ; 1 volume em 4.º, 4\$000.

A Batalha de Navarino, ou o Renegado, por M. More ; 1 volume em 8.º, 1\$500.

Beatriz e o aventureiro, pelo Dr. Guilherme Centazzi ; 1 volume em 8.º, 2\$000.

Belisario, por Marmontel; 1 volume em 12, 1\$600.

Betsi, ou as extravagancias do destino, 2 volumes em 4.º, 4\$000.

Os battuecas, novella por M.^{me} de Genlis ; 2 volumes em 8.º, 4\$000.

Os dous artistas, ou Albano e Virginia, pelo Conselheiro J. J. Rodrigues Bastos ; 1 volume em 4.º, 4\$000.

O medico do deserto, pelo mesmo ; 1 volume em 4.º, 4\$000.

J. DE ALENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

VI.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDICTOR

69,—RUA DO LAVADOR,—69

1866

TYPOGRAPHIA DE QUIRINO & IRMÃO
rua da Quitanda n. 27.

I

A espinga do drama no deserto.



Magestoso assoma o astro rei.

O deserto enche-se de luz e vida.

Desdobram-se a perder de vista as vastas planícies que formam o dorso da gigantesca serra, e a cobrem, como pellos de hirsuta fera, as densas e sombrias florestas virgens.

O yelho pagé lá está acororado na crista do rochedo. A seus pés, corre aos saltos o caudaloso rio, que de repente tolhido no arrojo por uma molle de granito, empina e bolea-se como um indomito corcel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Immovel e estreitamente ligado ao negro rochedo como uma continuação delle, o selvagem ancião parece algum idolo americano, que o rude labor dos aborigenes houvesse lavrado no pincaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo. As longas e alvas cans espargem-se pelas espaldas, como os frocos de espuma que desfiam na lomba do penedo.

Do rosto seu, lhe ficou a fronte nua e proeminente, onde os raios do sol nascente batem de chapa; o resto das feições, somem as rugas profundas que os annos cavaram naquella tez negra e requeimada. Não é mais phisionomia humana; as revoluções da vida a têm desfigurado inteiramente, como os cataclismas transformam o risonho valle em um brejo cheio de tremadaes e corcovas. As fosforecencias que á noite luzem dessas profundas charnecas são os fulgores dos olhos fugidos pelas orbitas.

Esses olhos, tão fortes ainda, que se affrontam com os esplendores do sol, o velho pagé ora os põem no chão, onde a terra fórma como um alveo abandonado pelo rio; ora os estende pelo horisonte alem, como si devassassem a incommensuravel distancia.

Que viam elles nesses pontos extremos?

Ali naquella areia que outr'ora humedeciam as aguas do caudaloso rio, scintillam frouxamente aos raios do sol nascente miriadas de pequenas pedras brancas da feição de pingos de christal. Deus semeára o diamante em abundancia ahi, bem longe da ambição humana, que mais tarde devia ir arranca-lo de seu leito ignorado. O velho que nesse momento as contempla desdenhosamente de cima do rochedo, sabe acaso que tem á seus pés riquezas maiores que nunca possuiram reis da terra?

Longe, no horisonte sem limites, não ha mais que o espaço infinito; mas os olhos do pagé vêem um vulto de mancebo armado que avança pelo sertão em busca da serrania; o caminho é arduo, o passo tardio. A alma do velho aneia para attrahir mais rapido o esperado guerreiro; porque sente que a vida se eschoa lentamente do decrepito corpo.

Quem sabe si o pagé não viu nascer o seu ultimo sol?

Eis o que os olhos do velho contemplavam, ali no sopé do rochedo, e alem, nos confins do horizonte. Mas a misteriosa ligação entre os thesouros e o desconhecido guerreiro, só o poderá saber quem penetrar em sua alma.

A historia é verdadeira, porém estranha.

Havia mais de meio seculo.

Abaré, o grande pagé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguassú e Maragogipe pelo feroz emboaba; suas tribus dispersas e foragidas, seus filhos captivos do estrangeiro; cobriu-se de luto. Mas Tupan lhe fallára á noite, na hora dos sonhos, e elle fôra de taba em taba, rugindo o maracá por todo o valle ou montanha, onde resoava a doce lingua da valente raça.

— Guerreiro de Tupan, dizia elle; não vistes as aguas do grande rio em sua nascença? São pequenas correntes, que uma sede de tapir estanca; um formigueirò basta para lhes fazer voltar o rosto. Mas quando se reuñem, nada resiste á torrente impetuosa, que vai escalando

os rochedos, e traspassa o seio do mar como a seta vossa traspassa o peito do guerreiro inimigo. Eis o que Tupan mandou que vos dissesse!

— Pagé, ensina o sentido das palavras de Tupan! exclamavam os guerreiros.

— Uni-vos como as aguas do grande rio, e então precipitae-vos sobre as tabas dos brancos, porque sereis invenciveis como a torrente veloz!

Assim caminhou Abaré de povo em povo, concitando a grande raça á guerra sagrada; mas suas palavras cahiram no chão, como a semente na terra safara, e não deram fructo; apenas uma flôr fanada, que logo myrrou.

As tribus continuaram a viver dispersas pelo sertão, e a formidavel nação tupinambá, a que pertencia o pagé, emigrou atravez das florestas para o immenso valle do Amazonas, berço de sua raça. Abaré a acompanhou até aos pincaros da cordilheira que cingia a terra de seus paes; ali parou.

Viu seu povo descer as vertentes orientaes da serrania; mas do lado opposto se dilatavam os campos de sua infancia, as florestas á cuja sombra descansavam as cinzas dos seus maiores, a

patria do velho, ao qual já não restam flores para semear em terra estranha. Sentiu que seus pés tinham raízes profundas naquelle chão, e que seu corpo dormiria melhor á vista daquelles horisontes venerados.

Deixou pois que o ultimo dos tupinambás desaparecesse longe entre as arvores; e quando já não se ouvia o canto das mulheres cadenciado com o passo dos guerreiros, ergueu-se elle em busca de um abrigo para a noite. Beirando o rio chegou a uma profunda garganta da montanha, onde o chão fugia de repente, deixando apenas para conter as aguas em seu leito uma estreita muralha de rocha.

Os olhos de Abaré, como os do animal nocturno, deleitavam-se com o aspecto desse abismo cheio de sombra e silencio. Elle desceu pelas escarpas do rochedo até onde abria-se uma fenda, coberta de limo e parasitas. O borborinho surdo, que exhalava d'ali, como de um caramujo, fazia suppor a entrada ecliptica de alguma gruta profunda. O velho pagé penetrou sem hesitar.

Depois de estreita e sinuosa galeria, abria-se de repente aos olhos deslumbrados uma magnificencia da natureza. O aspecto era de uma ex-

plendida cidade subterranea, toda vasada em prata. Templos soberbos, palacios sumptuosos, torres elegantes, ali si succediam uns aos outros. Quanto tem de mais sublime e gracioso a architectura gottica, oriental ou grega, as ogivas rendadas, os arabescos delicados, as columnas elegantes, fôra ali excedido pela mão da natureza. O divino artista creára todas essas maravilhas com a simples gota d'agua que transudava d'entre o intersticio do rochedo.

O rio passava por cima da immensa gruta. As filtrações de suas aguas tinham produzido aquellas formosas estalactites, de tão bizzaros desenhos. O rumor da torrente resoava harmoniosamente pelas vastas abobadas. Entre as fendas do rochedo via-se a limpida veia, e atravez coava a luz que scintillava aljofrando as brilhantes cristalisações.

Vampiros e animaes carniceiros povoavam o dominio subterraneo. O velho pagé assentou entre elles sua jazida; talvez careceu de recorrer alguma noite á força do braço possante para firmar o seu direito de occupante; mas afinal conquistou a paz. Seus visinhos aprenderam a respeitá-lo, e alguns pagavam o tributo á suze-

rania do homem, que muitas vezes nutriu-se da caça que elles preavam.

Abaré era venerado de todas as nações de sua raça.

Quando alguma tribu, que a perseguição dos colonisadores, embrenhava pelos sertões, affagava projectos de vingança e liberdade; antes de levar as armas aos povoados portuguezes, não deixava de subir á montanha para consultar o grande pagé de seus ritos e saber d'elle si a sorte da guerra lhe seria propicia.

O velho do cimo de seu rochedo abrupto, os avistava ao longe; e sua alma confrangia-se em uma dôr grande. Quando chegavam, descia até a borda do rio; ali enchia a mão da areia alva e fina, que orlava a margem vestida de relvas. E fallava aos guerreiros de sua raça com uma voz surda e triste:

— Estão aqui nesta mão mais grãos de areia do que nações restam da grande raça dos Tupis; e o halito de Abaré os faz voar a todos uns apoz outros.

Soprando na mão esparzia a areia nos ares; feito o que apanhava outro punhado, mas da que

estava embebida da agua do rio, e amassando-a, apresentava uma bola :

— A mesma areia assim unida, qual guerreiro forte é capaz de move-la com seu halito ?

Então cravando o olhar feroz no povo admirado, exclamava :

— Ide, filhos degenerados. Tupan vos abandona. Sereis dispersos como a areia seca do rio pelo sopro do trovão inimigo !

Lançada essa imprecação o velho pagé sumia-se nas entranhas da terra, e penetrava em seu antro.

A tribu afastava-se triste e remordida por aquella ameaça ; apoz ella vinha outra, e outras ; mas a união da grande raça era impossivel, para que ella soffresse a pena de culpa originaria ; segundo resavam as antigas tradições.

Correram as luas.

Um dia viu Abaré approximar-se do rochedo um guerreiro, coberto com as vestes e as armas da raça, á qual votava odio intranhado ; sua alma sedenta expandio-se, porque a dor que nella vivia, ia ser applicada com sangue inimigo. Correu-lhe pelos beiços um sorriso que afiou os

comilhos rangendo-os. Seus olhos cravaram sobre o estrangeiro o olhar magnetico da cascavel.

O guerreiro branco encaminhava-se para o velho pagé, calmo e decidido, apesar das ameaças que elle via se condensarem sobre aquella fronte escavada. Tinha a coragem do forte, e a audacia do ambicioso; a sede de riquezas que nesse tempo arrancava tantos aos seus lares para expô-los aos mil perigos do deserto, tambem o trazia á elle por esses sertões.

Enchia então o mundo a noticia das inexgotaveis minas do Potosi; e a imaginação humana, que jámais se deixa vencer da realidade, esparzira immediatamente sobre toda esta região americana situada entre o Amazonas e o Paraná, serras de ouro e prata, cidades de esmeralda e porphido, sitios encantados.

Aquelle guerreiro era um valente roteador dos sertões: o gentio o chamava Moribeca, — *o caçador de gente*. Embalado por taes contos de fadas e guiado por informações do gentio, o guerreiro se partira do seio da familia, na esperança de descobrir outras minas de prata mais abundantes que as do Perú; e ao depois de cerca de um anno de longas excursões pelas cabeceiras

do rio de S. Francisco, chegara afinal á serra do Sincorá.

Quando elle chegou em face do velho pagé, todas as nuvens condensadas na frente deste se desfizeram como as brumas da manhã aos raios do sol. Abaré vira sobre as faces brancas do guerreiro a côr de sua raça, e nos olhos a scintilha do sol americano.

— Foste tu gerado do sangue ou da carne de Tupy.

— Minha mãe era filha de Paraguassú !

— Tu és de minha carne, e filho do meu flanco. Abaré e Paraguassú saíram do mesmo ventre !

— Quantas luas contas ? exclamou admirado o aventureiro.

— Tantas quantas eram precisas para ser pae do pae de teus paes !

O guerreiro interrogou o velho pagé sobre os thesouros que buscava ; mas este apesar de sua boa vontade de ser útil ao neto de sua irmã, não deu noticia alguma importante. Nisto observou o aventureiro em umas pedras miudas e mui alvas, que o selvagem tinha engastadas nas faces ; e

chegando perto começou de examina-las com olhos avidos :

— Que pedras são essas que Abaré tem cravadas no rosto ?

— São as lagrimas de Aracy ; brilham como elle, e não ha força que as possa quebrar, porque toda a força vem do sol.

— Dai-me uma que a veja de mais perto !

Depois de a examinar :

— Pagé, onde achaste estas pedras ? Ha grande copia dellas ?

— Porque perguntas isto ?...

— Porque estas pedras são mais preciosas do que o ouro e a prata de que te fallei á pouco.

— Para que servem entre os brancos estas cousas, que vens de tão longe e correndo tantos perigos á busca dellas ?

— Quem as tem em grande quantidade na taba dos brancos é o primeiro e o mais poderoso.

— Primeiro que o pagé, e mais poderoso que o chefe dos guerreiros ?

— Sim ; porque o pagé e o guerreiro o servirão.

Abaré derrubou a cabeça ao peito e cahiu em profunda meditação. O aventureiro lhe fallava, instando pela resposta, mas elle permaneceu inabalavel e mudo como o rochedo. Afinal despertou :

— Então si tivesses disto mais que nenhum outro, serias poderoso d'entre os teus irmãos brancos ?

— Viria a ser de certo !

— Pois eu vcu dar-te esse poder, si tu promettes fazer o que Tupan ordena.

— Dize, Abaré ! replicou o aventureiro ansioso.

— Tu empregarás toda a força que eu te der em vingar a raça de teus paes ! Promette que has de faze-lo !

O aventureiro hesitou, apesar da ambição que lhe entumecia os seios d'alma, e da nenhuma authoridade do selvagem sobre a fé de um homem civilisado, elle julgou menos nobre obter o beneficio por um embuste. Mas acodiulhe ao espirito uma idéa. Civilisar a raça de sua mãe, restituir-lhe a proeminencia que lhe competia como senhora daquella terra, não era vinga-la contra a

sua oppressora ; vingá-la pela religião e pela intelligencia ?

— Prometto-te que o poder que me deres empregarei em vingar a raça de minha mãe contra a raça que a opprime e captiva.

— Vem, filho !

Abaré conduziu o neto de Paraguassú á gruta. O effeito desse spectaculo deslumbrante sobre o aventureiro foi magico ; ficou por muito tempo sem palavra nem reflexão, paralisado pela poderosa impressão. O sonho brilhante das minas de prata, que por tanto tempo surria á sua ardente imaginação, ali estava realisado com um esplendor phantastico.

Tal era a idéa que se apoderara do espirito do aventureiro, e o absorveu por muito tempo. A illusão, para quem não fosse sabido em mineralogia, era infallivel ; realmente aquellas bisarras cristalisações, á cega luz que esclarecia as profundas crastas, tinham o brilho embaciado da prata sem polimento.

O velho pagé mostrou-lhe atravez das fendas do rochedo a veia limpida do rio.

— E' dahi que as pedras cahem de tempo

em tempo ; mas Aracy as semeou no fundo do rio tantas quantas são as flores do muricy.

O aventureiro suspirou.

— O rio é bem profundo !

— Tupan o arrancará do seu caminho !

— Dá-me as pedras que tens, pagé, para que eu volte ao lado de minha esposa e de meu filho, de quem ando ausente ha onze luas. Depois virei a ti melhor preparado, para tirarmos o rio do seu caminho.

O pagé deu ao guerreiro seu maracá.

— O maracá do pagé está cheio das lagrimas de Aracy, leva-o contigo, e parte. Abaré fica te esperando.

O aventureiro despediu-se do velho e sahio da gruta ; por onde passava com sua faca de mato acutilava profundamente o tronco das arvores, mas de modo que o prolongamento do entalhe acompanhasse a direcção da sua marcha. Depois de algumas horas de caminho encontrou a bandeira arranchada á sombra das aroeiras, onde pela manhã o deixara, para explorar os arredores ; já seus homens estavam inquietos pela demora, mas sem prejuizo do apetite com que devoravam uma grande peça de caça preparada de moquem.

O chefe fez honra á ceia; e dormiu abraçado com o maracá, sonhando palacios encantados, e thesouros fabulosos. Ao raiar da alvorada levantaram o rancho, e partiram em direitura á cidade do Salvador. Deixou-se porêr ficar atraz o neto de Paraguassú acompanhado de um indio manso, e plantou ali uma cruz mui alta, no cimo da qual via-se entalhada a letra—M.

Durante a jornada Moribeca affastava-se de espaço a espaço, para deixar ou no tronco das arvores, ou na opposição de grandes pedras, um marco da sua rota, que indicava do melhor modo em grosseiro mappa. Era este um pedaço de panno embebido na gomma da igcica, sobre o qual traçava com tinta de urucú a direcção da cordilheira e dos rios principaes em relação á Bahia.

Chegado enfim á cidade, foi seu primeiro cuidado procurar o velho judeu Samuel, que apesar de usurario lhe comprou as pedras de maracá por boa somma; eram todas diamantes de boa agua entre 2 a 3 quilates. O segredo foi promettido e guardado, pois estava no interesse de ambos; á um importava não desperter a menor suspeita sobre a descoberta; ao outro

não assoalhar os seus teres, nem comprometter as futuras avenças.

O preço dos diamantes recebeu-o Moribeca em rica baixela de prata, e custosas alfaias de que adornou sua capella, construida em terras do eugenho, para as bandas da Jacobina.

Depois de algum tempo passado no seio de sua familia a consolar a longa ausencia, dispoz-se á partir de novo para o Sincorá, mas desta vez munido dos instrumentos precisos e acompanhado de gente bastante para fazer uma vasta exploração, e tornar carregado de tanta riqueza, que fartasse a maior ambição.

No meio dos preparativos dessa jornada, a morte o surpreendeu. Quando viu proximo seu fim, chamou á beira do leito o filho, já homem feito, e por muito tempo lhe fallou á puridade; transmittia-lhe as noticias precisas para que Roberio descobrisse a rota anteriormente por elle marcada sobre o terreno e indicada na planta. Estas explicações prolongavam-se por demais e o enfermo se enfraquecia; não obstante levou elle o filho até a gruta do pagé, onde havia de encontrar thesouros fabulosos por elle descobertas.

Emquanto fallava via o enfermo despenharem-se

aos seus olhos cascatas de diamantes, que irradiavam chispas e scintelhas de todas as côres do prisma; em torno delle rutilava um céu recamado daquellas estrellas, que o pagé na sua linguagem poetica chamava as lagrimas do sol: a cada instante relanceava em sua imaginação um esplendor semelhante á viva phosphorescencia dos mares tropicaes. Entretanto uma só vez o nome dessa maravilha da natureza, que só nasce e só perece pela combustão, veio aos seus labios.

O assumpto o enchia de mais e subjugava seu espirito, já perturbado pelas vascas da morte.

Tambem seu filho não se lembrou de inquirir a natureza dos fabulosos thesouros que seu pae lhe annunciava.

A profusão de prata, que depois da entrada no sertão, havia em todo o serviço não só de casa e capella, como de jaezes e armaduras, não escapára á Roberio, que suspeitava seu pae de haver trazido de suas explorações boa copia desse metal. Ouvindo-lhe pois na hora extrema as maravilhas da descoberta, acreditou desde a primeira palavra, que eram as minas de prata o famoso thesouro.

Precipitou Roberio a partida para o Sincorá,

receiando que o tempo apagasse alguns dos vestígios deixados pelo pae; munio-se de instrumentos precisos para aventar os rumos e quasi escoiteiro fez-se na volta do sertão.

Entretanto esperava Abaré pela volta do guerreiro.

Desde o dia primeiro e ultimo em que o vira, revolvia o pagé em sua mente feroz idéas de sangue e vingança. Aquellas pedras alvas e limpidas lhe pareciam agora gotas de um veneno mais violento que o *uirary*; cada uma dellas levaria a morte ao seio de um inimigo de sua raça.

Remontando o curso do rio chegou elle a uma paragem, onde a onda espraizando-se em formosa bacia, escoava por angustiada garganta fendida na rocha viva. Sobranceiro levantava-se o penedo abrupto, ponta de um serrote pedregoso, que estendia-se como um espinhaço da cardilheira. Galgou o velho os alcantis e longamente ficou-se a olhar o penedo e o rio; depois sopesando nos hombros formidaveis uma enorme lasca de rocha, arrojou-a no estreito canal; a pedra sumiu-se na profundidade das aguas, e o rio magestoso continuou sua marcha rapida para o oceano, como o brioso corcel que a mão do menino fustigou brincando.

Mas Abaré voltou no outro sol, e no outro, em todos que seguiram. As grandes massas graníticas semeadas na lomba do penhaseo foram á uma e uma precipitadas das alturas do alcantil nas profundezas do abismo. O rio que em principio zombava dellas já irriçava o dorso e rugia de colera.

Quando Roberio chegou ao alto da serra, no lugar que seu pae assignalára com uma cruz, o pagé repousava da tarefa do dia. Cabira a tarde; a lua nascendo illuminava de lividos toques aquella sinistra figura pendida á borda do abismo; Abaré olhava o rio medindo o que lhe faltava para concluir o arduo labor; e de vez em quando brandia o grande maracá, esecutando com prazer o rumor que dentro faziam as alvas pedras, cobigadas pelos brancos.

— Si meu filho vier antés que Tupan tenha arrancado o rio de seu caminho, achará bastantes pedras colhidas por Abaré!

A essa mesma hora do crepusculo, guiado pelos signaes approximou-se Roberio do rio e penetrou na gruta; os raios da lua coando pelas fendas do rochedo illuminavam o maravilhoso espectaculo. Foi presa da mesma illusão que o pae; desde-

brava-se ante seus olhos uma cidade mourisca vasada em fina prata resplandente. Estava paralisado pela violenta commoção, quando ouviu sobre a cabeça o murmúrio das vozes de seus companheiros : estremecendo á idéa que elles podessem acertar com a entrada da gruta, e devassarem o immenso thesouro que seus olhos devoravam, arrancou-se á esse extase da riqueza, e correu ao encontro dos aventureiros para affastá-los quanto antes do lugar, e faze-los voltar á Bahia,

Certo agora da descoberta do pae, ia preparar-se para a exploração das minas. Tinha escripto a rota de sua jornada até o lugar da cruz. Dahi á entrada da gruta estava ainda por escrever, mas a impressão que nelle produziu o deslumbrante painel, accendeu por tal forma a cubiça da riqueza e com ella o ciúme e o terror de perde-la, que engendrou modos de acautelar o seu precioso segredo contra um accidente possível, o da perda do manuscrito.

Da cruz em deante inventou uma falsa rota que levava a lugar justamente opposto ao da gruta ; e entre as linhas dessa escriptura continuou com uma tincta simpatica a descripção do

verdadeiro rumo, conforme os signaes por elle avivados e melhor arrumados.

Entrando á noite fechada na gruta percebeu o pagé que ali tinha penetrado alguem; seu olhar felino sondou as trevas debalde; no dia seguinte conheceu pelas pegadas impressas o pé de um guerreiro branco. Cuidando que fosse seu filho, esperou-o tres dias immovel na christa do rochedo, de onde primeiro o vira; no quarto como não chegasse, desvaneceu-se a esperanza e voltou ao trabalho.

Muitas luas decorreram, sem que nenhum filho da raça branca perturbasse a solidão do pagé. O velho selvagem começava a temer que o guerreiro da sua carne não dormisse já o ultimo somno no seio da terra; mas o ardor da vingança não arrefecia nelle, antes accendia-se com a idade; a sua fé era robusta e valente.

Um dia viu avançar atravez da floresta um guerreiro branco, já idoso, que se encaminhou direito á elle.

— Pagé, conduz-me á tua gruta.

— E' o filho de Abaré quem te mandou ao pagé?

— Sim ; elle manda-me a ti buscar as riquezas que lhe prometteste !

— Tupan ainda não mudou o rio do seu caminho, mas Abaré guardou para seu filho mais pedras que elle tem de cabellos ná cabeça.

O pagé conduziu á gruta o guerreiro branco, e mostrou-lhe um grande vaso de barro cheio de diamantes brutos :

— Toma quantos quizeres !..

O desconhecido ficou livido ; subito tremor percorreu-lhe o corpo.

— Porque tremes ?

— Porque ?... si meus companheiros vissem o que tenho deante dos olhos, nos matariam a ti e a mim, e derramariam até a ultima gota de sangue para disputar este thesouro.

O pagé vergou a cabeça e afundou-se na meditação.

O aventureiro vencendo a commoção que delle se apoderara, avançou a mão para o vaso ; ao limpido tinir da pedraria agitada, sentiu uma descarga electrica pela rede nervosa do seu organismo. Então apoderou-se delle um frenesi, quasi um delirio ; precipitou sobre o vaso, mergulhou os braços até os cotovellos ; fez se despenharem do

alto jorros de diamantes ; embriagou-se emfim dessa vista deslumbrante.

— E derramariam até a ultima gota de seu sangue !... murmurou a voz cava do velho pagé.

Esse echo de seus primeiros terrores evocou o aventureiro de sua ebriedade. Ergueu-se estremecendo ; com rapido movimento encheu de pedras preciosas seu chumbeiro, e arrancou-se á fascinação que o subjugava. Correu á entrada da gruta, e fugiu com as ultimas restas de luz da tarde que se morria. Ao volver uma ultima vez o rosto para o vaso cheio de diamantes, vira elle um lampejo fulvo, que desferiam as profundas pupilas do velho pagé, e brilhava mais que os fogos da pedraria.

Vendo fugir assim o guerreiro branco, com o espirito da vingança terrível de Tupan, Abaré sorria com delicias de tigre saciado.

E o aventureiro fugia sempre : aquellas riquezas fabulosas lhe incutiam mesmo de longe misterioso horror ; a só lembrança dellas gelava o sangue em suas veias.

Infeliz velho !... Não era ambicioso, não. Vivera a melhor parte de sua vida pobre, honrado e feliz ; nunca pelo seu espirito calmo perpassara

um sonho de cobiça. Mas a desgraça roçara seu casalinho com a aza negra. Ramon da Silva perdera a esposa; e ficou na terra viuvo e mutilado do coração, para assistir ao martyrio da unica filha, com que Deus abençoara sua união.

Foi então que se lembrou do poder do ouro; si o tivesse em quantidade talvez pudesse comprar ao mundo para sua filha uma porção da felicidade que o mundo lhe negava por ser pobre. Esse pensamento o trouxe ao Brasil, e o embrenhou pelos sertões como tantos outros aventureiros á cata de riquezas. Deixando a filha na cidade do Salvador unira-se á uma banda que haviam formado varios socios, e com ella apprehendera a entrada no sertão.

Tinha Ramon noticia das *minas de prata* descobertas por Moribeca; e encontrando por acaso em seu caminho um caboclo de nome Gonçalo Inhuma, que acompanhára Roberio Dias em sua viagem, ouvira d'elle pouco mais ou menos o que declarara muito depois ao P.^o Manoel Soares e constava de sua memoria. Guiado pelas indicações do selvagem chegára ao rochedo onde vira sentado o pagé; o qual o tomara por um enviado de Moribeca. De sua parte Ramon conjecturou que fosse o velho

quem descobrisse a Roberio as minas de prata, e aproveitando-se de sua illusão exigira as riquezas promettidas.

Ao romper d'alva tornou Abaré á seus trabalhos até o dia em que o rio atalhado na sua carreira por uma muralha de granito, coracoveou espraçando-se pela encosta do rochedo. O primitivo leito do rio ficou a descoberto; o pagé viu com satisfação que a fina vasa era tapessada de diamantes sem conto.

— Meu filho póde chegar.

Desde esse dia sentado na christa do rochedo, esperava o guerreiro de sua carne, que lhe promettera voltar: mas cada sol que se deitava por detraz da serrania levava-lhe mais uma esperança, e mais um calor da vida, que abandonava o seu corpo decrepito. As vezes quando o desanimo o entrava, elle revolvía as profundezas de sua alma, e de lá arrancava aquelle echo lugubre:

— E derramariam até a ultima gota de seu sangue l...

Sabe-se agora porque o velho pagé, acorçado na christa do rochedo olhava o leito abandonado do rio, e o horisonte ermo.

Nessa manhã sentiu que seu fim se approximava;

e ao sahir da gruta carregou para o pinçaró elevado o *cámucy* que havia fabricado com suas proprias mãos, segundo os ritos de Tupan. Ali estava ao seu lado, esperando-o, a urna funeraria que devia guardar seus ossos, e servir-lhe de leito derradeiro.

Entorpecido pelos vapores acres do tabaco, o pagé devaneava. Descobrio longe, longe, aquelle vulto de guerreiro branco que avançava atravez do sertão. Não era o neto de Paraguassú, mas procedera do sangue delle. O guerreiro esforça; o velho anceia; e nessa esperança tantas vezes renascida, quantas finada, vão-se os ultimos e tenues espiritos da vida.

Mas eis que um som grato ao coração de Abaré o revoca á existencia.

Resoa perto a inubia dos Tupynambás; a alma do velho pagé se dilata no prazer de abraçar com o extremo olhar a multidão de seus filhos. Volve o rosto para a floresta de onde rompe a tribu guerreira, de terrivel aspecto.

Oh! dôr! seus filhos, os valentes, os fortes, á quem elle transmittia outr'ora as palavras de Tupan, renegaram das crenças de seus paes, e são agora conduzidos, como um bando de capivaras,

pelo homem negro, *abaruna*, que serve ao Deus dos brancos! Só faltava essa amargura á vida já tão attribulada do velho pagé.

Os selvagens pararam á um aceno do sacerdote christão, que se dirigiu só e com tardo e vacillante passo para o rochedo.

O P.^o Ignacio do Lourical, da companhia de Jesus, voltava de sua digressão pelas cabeceiras do S. Francisco de onde trouxera aquella tribu, para aldea-la nas proximidades da Bahia. Avisando o pagé, o apóstolo de Christo cingio os rins, caminhou aante, onde elle via uma luta a sustentar com o inimigo da religião, e uma alma a remir.

Abaré sepultado em sua dor, viu-o que se approximava; e quanto lhe restava de vida refluio aos labios em um assomo de colera feroz:

— Venceste, *abaruna*! Tupan deixou que seus filhos degenerados se esquecessem delles e de seus paes; para te seguirem como captivos. Mas o dia da vingança chegará!... Tupan já arrañcou o rio do seu caminho!...

O velho debruçou-se sobre o alcantil, e com um gesto feroz apontou o alveo do rio:

— Vês?... A gente branca correrá para aqui

em busca das pedras que tanto cobiça ; com a fome dellas os guerreiros se devorarão, como os abutres pela carniça. Minha raça será vingada e esta terra de meus paes beberá até a ultima gota do sangue inimigo !

O selvagem sorriu :

— E de dentro do seu *camucy* a alma de Abaré voará aos campos alegres para regosijar-se com Tupan !

Proferidas essas palavras o velho arrastou-se até o grande vaso de barro vidrado, que encravará antes n'uma fenda do rochedo, e nelle entrou, sentando-se como os idolos dos pagodes indios : depois deixando cahir a tampa, cujos bordos cobrira de uma resina fortissima, sellou pela eternidade seu ultimo jazigo.

O sacerdote christão extremecera deante das tão extranhas palavras. Desceu ao alveo do rio ; e sentiu, calcando as riquezas immensas, arderem-lhe as plantas, como se caminhasse sobre brasas accesas. Sua alma angelica entristeceu pensando nas desgraças que estavam ali sementeas para a pobre humanidade : o labio apostolico murmurava as palavras de Ecclesiastes :

Ubi nullæ sunt opes, multi et qui comedunt eas.

O P.^o Ignacio tornou aos Tupinambás, que já tinham armado as redes á sombra de grandes jatobas:

— O Senhor do céo, filhos, ordenou ás aguas, como á todas as cousas, seu lugar na terra; si o homem põe obstaculo á sua vontade, o castigo descera sobre elle. Este rio foi tirado de seu caminho, deve hoje mesmo á elle voltar!

Ao transmontar do sol a tribu dos Tupinambás alinhada á margem, tinha os olhos fitos na garganta obstruida pelos esforços gigantescos de Abaré. Um grosso tronco seco fôra pelos selvagens embutido com violencia no lisim da rocha que servira como de pilastra á construcção do pagé; embebendo a agua, o madeiro excessivamente poroso inchava.

Afinal ouviu-se um ribombo medonho: as entranhas do rochedo se tinham dilacerado; aluido o esteio, desabou com estridor a muralha pelasgica; e o rio, um instante sorprezo, atirou-se no primitivo leito, e seguiu a marcha que a natureza lhe tinha marcado.

Sobre a penha culminante, onde pela manhã o selvagem profeta lançava sua imprecção de vingança, a noite achou o sacerdote christão que elevava ao Senhor de misericórdia a prece da caridade !...



II

Remonta a agonia os vãos.



Em pé, na porta do presidio, apoiado sobre a bengala, para não cair, estava o doutor Vaz Caminha. Seu livido e macerado semblante tinha já a descor baça da lapida sepulchral; e de feito a vida ali estava morta e sepultada no tumulo daquelle corpo gasto, mas galvanizado por uma

vontade poderosa. Com os olhos pregados no chão, ninguém sabia que abismos de dor sondava esta vista profunda e cadaverica.

Ao lado d'elle o pobre Gil, agarrado á sua mão, chorava silenciosamente, affogando os soluços e enxugando as lagrimas com a garnacha do velho advogado, a qual lhe encobria quasi todo o rosto. O menino tinha os olhos upados de tanto chorar; e de vez em quando murmurava com um accentò inexprimivel :

— Senhor Vaz !... senhor Vaz !...

Ao menor rumor que vinha da prisão esse grupo singelo de um grande martyrio estremecia, e volvia pavidos esgares para o lobrego edificio.

Eram seis horas.

A dubia claridade do rapido crepusculo matutino desenhava já no azul desbotado do céu o negro perfil da fortaleza. O pateo estava cheio de soldados dos pelotões que formavam ; e notava-se o bolicio que annuncia um acontecimento extraordinario.

Nisso abriu-se o portão exterior, e um frade assomou no limiar. Vaz Caminha na esperanza de obter alguma noticia achegou-se d'elle quando atravessava :

— P.º Mestre !... foi o que teve tempo de dizer.

O jesuita ao passar conchegara-se ainda mais no habito, cuja aba levantou sobre o rosto, carregando o sombreiro ; mas deixou cahir no ouvido do licenciado rapidas e soturnas palavras :

— Silencio, irmão ! A' rua de Santa Luzia, si quereis salva-lo !

Seguiu apressado rua abaixo, quebrou a esquina, saltou a cerca de um quintal e apresentou-se na varanda de D. Dulce aos olhos espantados da velha Brazia que varria a casa.

Cousas importantes tinham passado dentro da prisão.

O carcereiro acodira á abrir a porta ao signal do frade. Do lumiar o P.º Molina volveu de novo o rosto para o prisioneiro :

— Ainda é tempo, filho !

— Não !...

— Morrei pois , victima de uma pertinacia insensata ; mas lembrae-vos na ultima hora que Deus póde punir-vos mais cruelmente ainda, arrancando-vos o amor e a estima daquella que amastes na terra !

Estacio avançou com um salto de tigre ; elle havia comprehendido todo o alcance daquella ter-

rivel ameaça. Ao mesmo tempo uma idéa luzira em seu espirito :

— Escutae, Padre !...

Molina recommendou ao carcereiro que esperasse á alguma distancia, e voltou ao prisioneiro :

— Que segurança me daes do cumprimento de vossa promessa ? Si vos eu entregar o meu segredo, que meios tendes para livrar-me do supplicio que me espera e arrancar-me já desta masmorra ?

O jesuita sorrio :

— Era essa a causa de vossa recusa !... Me julgastes capaz de trahir-vos, apossando-me do vosso bem para depois abandonar-vos á sorte fatal.. Vejo que ainda não reconquistei vossa estima !

— Respondei ; o tempo urge.

— Tinha tudo preparado. Si acceitasseis o que propuz, sois da minha estatura, e coberto com este sombreiro, envolto neste habito, á mercê do lusco fusco da alvorada, passaríeis entre os guardas como o P.^o Molina.

— E ficaríeis em meu lugar, encarcerado nesta masmorra ?...

— O tempo preciso para vos pordes em segurança.

— Acaso me julgaes uma criança para acreditar ingenuamente quanto vos approuver?... Só vós não havieis de pensar no perigo á que vos expondes tramando a evasão de um réo de alta traição l...

— Oh! pensei em tudo l... Sahindo d'aqui me deixariéis justificado. Vêdes estes objectos?

O jesuita sacara de baixo do habito uma corda de linho e um punhal. Nos olhos de Estacio scintillou rapido um lampejo; mas elle o apagou sob a expressão de mofa que empanou seu bello semblante.

— Entendo! Vossa Paternidade me estenderia os braços que eu lhe ataria ás costas para simular que tinha havido surpresa e violencia.

— E então! Poderiam accusar-me por ventura?

— De certo que não; mas cousa peor poderia succeder.

— Qual, filho?

— Quando eu bem disfarçado no habito de V. Paternidade, e depois de lhe ter dito ao ouvido o meu segredo, transpuzesse o limiar daquella porta e ganhasse o corredor; V. Paternidade que tem uma voz de cantochão excellente, entoaria o *Aqui d'Elrei*, e eu seria apenhado como o coelho ao sahir da toca.

— Também occorreu-me isto ! disse o jesuita sorrindo. Conheceis este pequeno instrumento ?

— Nunca o vi. Para que serve ? disse o mancebo fingindo habilmente ignorancia.

— Pera de angustia, é o nome que lhe davam nos carceres da inquisição. Serve para fazer muda a boca que se obstina a fallar. Ora si ao mesmo tempo que me ligasses os braços, me introduzisseis este objecto entre a maxilla e o paladar, ficaria eu privado do movimento e da palavra.

Estacio abanou a cabeça :

— Não acreditaes ?...

— Vendo, póde ser.

O P.^o Molina com uma expressão de simplicidade que devia tornar Estacio desconfiado, tomou delicadamente a pera e a introduzio na boca. Era o que o mancebo esperava ; travando com força dos braços do frade, murmurou-lhe ao ouvido :

— Melhor é, Padre, que não me obrigueis a usar de violencia ! Rendei-vos de boa vontade. Lembrae-vos que eu tenho a morte atraz de mim a perseguir-me, e a ventura avante a sorrir-me.

O frade acobardou-se, e submisso deixou que

o mancebo ligasse-lhe os pulsos ás costas e o despisse do habito. O disfarce operou-se em um instante; Molina deitado sobre a enxerga seguia de travez com um olhar manhoso os movimentos do mancebo :

— Quando eu estiver em liberdade trataremos de nosso ajuste, P.^o Molina !

O carcereiro veio abrir a porta ao signal convencionado; e o falso jesuita ganhou facilmente e sem excitar a minima suspeita o portão do pateo, onde encontrara o advogado e Gil; d'ahi conseguiu penetrar em casa da formosa andaluza.

Advertida a dama, de que a procurava um Padre da Companhia, correu agitada e commovida. Dando com aquelle vulto negro, em pé no meio do aposento, ainda coberto com o sombreiro derrubado sobre a fronte, a formosa senhora, pensou estar em face de seu marido. Tinha o mesmo talhe e o mesmo porte. O contorno alvo e energico da parte inferior do rosto, que se desenhava sobre a gola preta, era do religioso de Palos.

Impellida pela explosão da veemente paixão tantos annos concentrada, ella precipitou para o vulto :

— Senhor !

Estácio que só esperava o momento de ficar só com ella, descobre-se então. A formosa dama no impeto de atirar-se aos pés daquelle que suppunha seu marido, cahiu nos braços do manco.

Nesse instante chegaram o advogado e o pagem Vaz Caminha apesar do estranho abalo que lhe causará a voz do frade e da importancia do aviso, hesitava um instante; porém o menino, movido por um secreto pressentimento o puxava pela mão, e o obrigou a seguir para a casa de Dulce, onde teve a felicidade de abraçar o filho querido de sua alma.

Duas horas depois apresentava-se na portada do palacio do Governador um cavalleiro armado em guerra com a viseira cahida, o que em tempo de paz, naquelle lugar e dia claro, pareceu estranho. Apeou o guerreiro presto e entrou no corpo da guarda onde reinava ainda a agitação produzida pelo acontecimento da manhã.

Quando entrava na prisão para conduzir o condemnado, achou o official incumbido da execução o P.^o Molina com os pulsos e artelhos ligados, mordança na boca e estendido de bruço sobre a enxerga. Lavrado o auto da evasão, e tomado

os depoimentos do confessor e carcereiro, despachou immediatamente o commandante ao Governador um official com a communicacão do acontecido.

D. Diogo ficou indignado; era a segunda vez que pela negligencia ou desidia dos subordinados aquelle mancebo zombava e escarnecia de sua autoridade. Enviou ordens umas sobre outras, e para todas as partes; contestou a communicacão do commandante, declarando-lhe que elle responderia em tres dias pelo preso evadido, si o não restituísse á justiça.

Entretanto o desconhecido dirigiu-se a um porteiro de massa que ali achava-se :

— Levae-me ao Sr. Governador.

— Que lhe quereis, e quem sois? perguntou o homem com a insolencia da gente baixa que serve aos grandes.

— Dizei-lhe que o busca um desconhecido, o qual só a elle se descobrirá; que lhe traz aviso certo do lugar onde se acitou o preso que esta manhã se evadiu da fortaleza.

— Segui-me!

O guerreiro subiu as escadas após seu guia, e atravessou os corredores cheios de gente curiosa.

Ao chegar ao gabinete o porteiro, fez-lhe signal que esperasse atraz do reposteiro, e entrou para dar aviso ao Governador. Ouvio-se a voz sonora de D. Digo que dizia:

— Trazei-o já á minha presença.

Affastado o reposteiro franqueou-se a entrada ao guerreiro. Este penetrando no gabinete, despediu com um gesto o porteiro, e fechando a porta correu-lhe os ferrolhos.

D. Diogo de Menezes que o esperava no fim da sala, sentado á meza de trabalho, erguendo os olhos dera com aquelle vulto armado no instante em que elle praticava a singular acção de trancar a porta. Desenhou-se no seu varonil e magestoso semblante uma ligeira sorpresa motivada pela estranheza do caso; abaixando rapido e imperceptivel olhar para as guardas da espada, que descansava ao lado sobre a cadeira, esperou com a placidez e serenidade de quem sente-se em uma esphera superior, onde não ousam penetrar as paixões más.

Entretanto o cavalleiro psrava no meio do aposento, com mostras de respeito, na sua nobre attitude:

— Approxímai-vos, cavalleiro; e si é exacto o

aviso que me trazeis, a recompensa ha de ser prompta e igual ao serviço.

— Fiz saber-vos, senhor Governador, que indicaria a vossa senhoria o lugar certo onde se acha o preso evadido esta manhã. Vou alem da minha promessa, pois vo-lo entregarei eu proprio em pessoa.

— Onde está elle então?

Com um gesto cheio de nobreza e graça, o cavalleiro ergueu a viseira do elmo e descobriu a bella e altiva phisionomia de Estacio.

Desta vez a surpresa foi tal que D. Diogo de Menezes duvidou de seus olhos e acreditou em uma allucinação dos sentidos.

— Ah! A Providencia vos entrega de novo á justiça de El-rei. Desta vez não escapareis, exclamou o Governador dirigindo-se á porta.

Estacio se lhe antepoz em face:

— Haveis de ouvir-me primeiro, senhor Governador; não se condemna um homem indefeso!

— Sois um espião e traidor. Estaes condemnado a menor supplicio que mereceste. Não ha para vós compaixão. Eu vos lamento e abandono á vosso desgraçado destino.

Estacio sorriu:

— Ha duas horas que estou livre. Nesse tempo, montado no excellente animal de que me apeei á vossa porta, tendo sob minha mão a tres leguas daqui uma companhia de homens destemidos, podia estar longe e fóra do alcance de vosso braço. Quando pois venho eu proprio á vossa presença, correndo novo risco de vida para chegar a ella atravez de vossa guarda, e isto para dizer-vos que me haveis de ouvir... Pensaes, senhor Governador, que eu venha pedir-vos graça e compaixão?

— A que vindes então? perguntou o Governador com sobranceira.

— Venho exigir justiça e reparação do agravo que me fizestes, suspeitando de minha honra e maculando meu nome!

— Ousaes ameaçar-me?... E agora vejo que estaes armado! disse D. Diogo com desprezo.

O mancebo com um movimento rapido arrajou de si as armas:

— Estas eram armas para vossos guardas si me impedissem chegar até aqui; para Vossa Senhoria trago-as de melhor tempera. As provas cabaes de minha innocencia, e do que acabo de prestar á El-rei.

D. Diogo de Menezes sabia conhecer os homens;

seu olhar profundo devassava os intimos recolhidos d'alma. Desde que Estacio lhe apparecera de um modo tão extranho, elle sentia um generoso impulso de seu coração á attrahi-lo para aquella altiva e briosa juventude. Mas a robusta convicção que tinha da culpa do mancebo, o encerrava dentro da rigida severidade do juiz. Abanou pois a cabeça; ao passo que seu olhar benévolo pousava nas feições gentis do mancebo.

— Infeliz mancebo! murmurou.

— De que sou eu accusado perante Vossa Senhoria?...

— De haverdes trahido a vossa patria em favor do inimigo.

— Tirando do castello de São Alberto tres presos... Um aqui está em vossa mão, e estaria desde hontem, si não cahisse em uma emboscada quando para aqui vinha.

— Os dois flamengos?

— Vão ser restituídos a Vossa Senhoria dentro de poucas horas.

— Onde estão elles?...

— No sitio da Sapucaia em boa guarda.

— Si dizeis a verdade, estaes perdoado.

— Estas são as provas de minha innocencia,

Sr. Governador. Agora, a captura destes presos que se evadiam, a destruição dos dois navios de contrabando que os esperavam em Itapoam para leva-los a Hollanda; a descoberta do plano que concertaram os judeus desta cidade para entregarem a Bahia aos holandezes; estas são as provas da vossa injustiça.

— Farei igual reparação, Estacio, dou-vos minha palavra. Referi como as cousas se passaram.

Estacio contou os varios acontecimentos de que fôra protogonista desde a noite da escapula do castello até aquelle instante; omittindo unicamente aquella parte que se referia do segredo das minas de prata, e sobre a qual pedia venia ao Governador para guardar reserva, declarando apenas que um motivo de honra o chamava ao Rio de Janeiro.

— Chegae perto, Estacio; que eu vos abraçe. Sois um heróe!... exclamou D. Diogo commovido.

— Si o que fiz merece alguma recompensa, peço a Vossa Senhoria, como a unica que desejo, a graça de confirmar a promessa que dei a uma filha em favor de seu velho pae.

— Qual promessa?...

— Que lhe perdoareis a parte que tomou na trama urdida para a entrega da cidade.

— E' grave ; mas a mereceis, Estacio. Conquanto que o velho Samuel deixe para sempre o Brasil.

— E' justo. Esta noite vos entregarei a missiva do judeu.

— E por que não agora?

— Careço de tempo para busca-la onde a occultei. Quanto aos flamengos, partirei já para trazê-los á vossa presença ; podeis fazer-me seguir por uma escolta.

— Sereis vós quem me seguireis, meu alferes de acavallos, disse D. Diogo erguendo-se.

— Não comprehendo a Vossa Senhoria.

— E' o começo da reparação, Estacio. D. Francisco de Aguilar, que teve não sei quaes queixas do filho, veio solicitar-me hontem sua baixa, como um castigo que lhe queria inflingir.

— Ah !...

— O posto vago achou em vós quem dignamente o servisse ; partiremos ambos, sem guarda nem sequito para Sapucaia.

— As ordens de Vossa Senhoria !...

Estacio sahia do gabinete á esperar que D. Diogo

se preparasse. Na ante-camara viu seu velho amigo e padrinho que esperava tranqüillo o fim da pratica. O advogado sabia agora o que o mancebo tinha obrado; e confiava na austera justiça do Governador, tão inflexivel no perdão, como generoso na recompensa.

O mancebo e o velho abraçaram-se estreitamente; um nada perguntára, o outro nada dissera; ambos tinham-se entendido pela expressão mutua do semblante. O de Estacio trazia o contentamento que logo reflectiu-se no de Vaz Caminha.

— Livre, mestre, livre e premiado!

Instantes depois appareceu o Governador e saudou affectuosamente o advogado.

— Nós os velhos, doutor Vaz Caminha, já de pouco prestamos. Ei-lo aqui, este imberbé mancebo de dezenove annos, que é melhor advogado do que vós, e melhor juiz do que eu! Vistes o instante em que ganhou seu feito, que vós tivestes por perdido, e eu por julgado afinal?...

— Não foi elle, Sr. Governador, mas a sua innocencia sob a guarda da Providencia.

Os dois cavalleiros partiram afinal do palacio. O Governador adeante meio corpo do cavallo, como era uso quando andava com seus inti-

mos, em privança. O alferes lhe guardava a esquerda.

Os dois flamengos foram restituídos ao castello de S. Alberto nessa mesma tarde; Samuel posto em liberdade, mas intimado da ordem do Governador que lhe dava seis mezes para liquidar seus haveres e deixar as terras do Brasil para não mais voltar. Enquanto o velho rabino ouvia a palavra severa do governador, Rachel á parte se despedia de Estacio que de proposito a arredára daquella scena, para lhe poupar a humilhação do pae.

— Si algum dia, Estacio, disse-lhe a formosa judia, carecerdes do coração de uma irmã para repartir com elle as alegrias ou tristezas do vosso, sabeis já onde esse amigo vos espera!

— Eu vos prometto, Rachel! Praza á Deus que nesse momento eu o ache pleno das felicidades que vos desejo.

— Oh! No instante em que delle vos approximardes, asseguro-vos que o achareis feliz.

Estacio cortou este dialogo, que lhe pungia; e chegou-se a Samuel para murmurar-lhe ao ouvido:

— Trabalhae melhor a ventura de vossa filha,

Samuel. Lembrae-vos que lhe deveis a vida, e o ouro de que sois tão avaro.

O Governador comprehendendo a necessidade que Estacio devia ter de repouso e expansão no seio da amisade, depois da vida agitada e tormentosa, que vivera durante cerca de dous mezes, o despediu, recommendando-lhe que no dia seguinte fosse em busca da missiva dos judeus, e lh'a trouxesse o mais breve possivel.

— A's sete horas da manhã, aqui serei ás ordens de Vossa Senhoria.

Estacio correu á porta do palacio onde o esperava Antão com a gente, que vinha de levar ao castello de S. Alberto os dois flamengos. Juntos encaminharam-se á casa de Christovão. No meio da alegria dos dous amigos entrou João Fogaça, que do primeiro olhar reconhecendo quem ali estava, soltou esta estrondosa exclamação :

— Então l.... Que vos dizia eu, Christovinho?

O capitão de matto abriu um braço e apertou Estacio ao peito; estendendo ao Antão dois dedos que encheram a mão ao marujo, embora a tivesse bem espalmada. Depois disto escancarou a boca em uma formidavel gargalhada, que o al-

liviou de algumas arrobas da alegria, que acabava de sentir.

O resto do dia foi consagrado a festejar a boa volta. Christovão deu suas ordens para que no pavimento terreo se banqueteassem com profusão todos os companheiros da famosa empreza; enquanto sua meza de jantar, coberta já da fina copa de prataria, só esperava para encher-se das abundantes e saborosas iguarias, que chegasse o quinto conviva, o Dr. Vaz Caminha, voltou o portador do recado trazendo a resposta do advogado:

« Desculpai-me com vosso amigo, Estacio. Em vossa feliz idade, depois da longa ausencia e dos ricos passados, comprehendo quanto carecem vossos jovens corações de expandir-se mutuamente. O contacto de um velho coração gelaria, crede-me, a doce effervescencia de vosso festim. Ride, folgai, enchei-vos de alegria e venturas; e quando vos sentirdes á transbordar, vinde então vasa-las no seio de vósso velho amigo e mestre. »

Os convivas sentaram-se á meza. Christovão nesse dia vencera a tristeza que de tempos o acobrunhava, e se entregou aos jubilos de uma amizade que lhe parecia agora ainda mais cara e intima pelas provanças por que passara, e talvez que

tambem pela revolução que se operara em sua alma. Os dois amigos consumiam o tempo em conversar ; mas cousa singular, nenhum delles tocara ainda naquillo que mais os interessava. Nem Estacio fallava de Inezita, nem Christovão de Elvira.

Entretanto João Fogaça comia, e Antão bebia ; cada um delles tinha sua especialidade. O capitão de matto desafiava a indigestão com o mesmo denodo com que o seu ajudante desafiava a embriaguez.

Era tarde da noite quando Estacio partiu. O incançavel mancebo não foi porém direito á casa ; só por volta da madrugada bateu elle á porta onde o esperava Gil, dormindo a somno solto. Então pôde repousar algumas horas : quando despertou com a primeira claridade do dia, a velhinha D. Mencia advertida de sua chegada, correu a deitar-lhe a benção.

A' hora emprazada apresentou-se o novo alferes em palacio e entregou á D. Diogo de Menezes a missiva dos judeus. O Governador apressou-se em tomar conhecimento desse papel cuja importancia avaliava :

— Ide, Estacio, careceis de trajar-vos conforme

vosso posto ; e tambem deveis ter necessidade de algum repouso. Dou-vos tres dias de folgæ.

O joven alferes não tinha necessidade de repouso; possuia uma organisação poderosa que descansava variando a sua immensa actividade. As emoções, as subjugava elle com sua vontade de ferro. Do que tinha necessidade e muita, era de amor, que lhe matasse a sede abrasadora d'alma.

Logo depois da recusa formal que soffrera de D. Francisco de Aguilar, os acontecimentos o tinham arrebatado de modo, que não lhe deixaram tempo, nem mesmo para sentir, quanto mais para meditar, a influencia daquelle facto sobre sua existencia. No meio porém dessa voragem que ameaçara traga-lo, quando recordava as palavras duras do fidalgo, havia em sua alma alguma coisa de aspero e rigido. Era uma fibra destendida, uma crispação interior, o quer que fosse emfim, que annunciava o assomo energico da vontade tenaz.

Agora esse movimento interior definia-se ; tornava-se revolta contra a severidade de D. Francisco. A alma do mancebo, feita para a luta, electrizada pelos obstaculos, se erguia para correr á conquista da mulher amada, e disputa-la ao mundo inteiro !

— Ignez deve ser minha !... murmurava uma voz dentro de sua alma. Outra replicou :

— E será, querendo ella !

Cogitou um instante :

— E' preciso que eu a veja hoje mesmo.

O mancebo voltou a almoçar com a tia ; foi depois estar uma hora com seu velho mestre e padrinho ; visitou Alvaro de Carvalho que já sabia das suas cavallarias altas, e deu-lhe tantos ralhos quantos abraços.

— Emfim estaes um homem !... Já não precisaes de mim, rapaz !... Deveis agradecer-me ter-vos tirado dos miolos as carolices de vosso padrinho e mestre, o doutor fuinhas !

Tendo cumprido com os deveres da amizade, Estacio tratou de realisar seu projecto.

Acompanhado de Gil, dirigiu-se para Nazareth.

Cahia a hora da sesta.

A calçada do edificio estava cheia de pagens e lacaios, ricamente trajados, que tinham pelas re-deas os cavallos de uma lustrosa comitiva, a rir e galhofar, como costuma a gente dessa laia quando se encontra.

Em uma recamera, do lado direito do edificio, D. José de Aguilar cruzava o aposento em todos os

sentidos com um passo curto e impaciente, que semelhava o trote miudo e rapido da fera em torno da jaula. Ali encerrado desde a vespera por seu pai, o moço estremecia de cholera ; seu rosto pallido e contrahido esboçava bem os sentimentos pungentes que lhe dilaceravam a alma.

A porta do aposento abriu-se ; D. Francisco de Aguilar appareceu carrancudo e terrivel : a um gesto seu entrara um pagem e depondo sobre a cadeira um pacote com varios objectos, retirou-se : o fidalgo fechou a porta e dirigiu-se ao filho :

— Já não pertenceis á milicia. O Sr. Governador vos expulsou esta manhã da sua guarda, para que a não deshonreis !

Os dentes do moço rangeram.

— Restitui-me pois esta espada, que eu a despedace como o vil instrumento da traição e da cobardia !

— Serei tudo quanto quizerdes, senhor, cobarde, não !...

— Cobarde sois, porque vosso coração apodreceu.

O fidalgo desfez o pacote, e tirou delle uma thesoura :

— Tomai ! Talvez manejeis melhor este ferro que

o outro. Abatei esta barba, distinctivo nobre do cavalleiro. Não sois digno já de trazê-la.

— Nunca !...

— Fazei-o com as vossas proprias mãos, se não quereis que o façam meus escravos !

O moço submetteu-se.

— Agora trocai por estas vestes de mesteiral as vossas de fidalgo, que manchais ao vosso contacto.

— Esbofeteai-me as faces, senhor ! E' mais generoso, do que entornar-me assim aos poucos a vergonha e a humilhação !...

— Calai-vos e lembrai que generoso sou quando vos poupo o baração !

— Tambem a vós o poupaes !... disse D. José ironico.

— Esta noite mesmo embarcareis em um navio que vos espera afim de levar-vos á Africa, para onde vos destino.

Direito, inflexivel como entrara, o fidalgo retirou-se, deixando o filho esmagado sob o pezo da sentença; recolheu então ao seu gabinete, onde o esperava seu mordomo, com quem tinha de concertar nos aprestos necessarios para a partida do navio, que havia de conduzir a Angola o filho desterrado.

Emquanto isto passava, na aza opposta do edificio a scena era mais calma e amena.

Estamos na peça onde habitualmente passava a familia do fidalgo as quentes sestras do verão. Era uma varanda corrida ao longo da horta sobre a qual havia uma linha continua de ojivas.

D. Ismenia sentada em sua alta poltrona, perto da arcada gozava da vista campestre que se desdobrava a seus olhos, escutando a palavra animada de D. Lopo de Vellasco. O Commendador, inspirado por aquelle quadro alpestre, contava á fidalga uma das suas memoraveis caçadas. Elle tinha vindo render a D. Ignez suas homenagens, como noivo escolhido e aceito pela familia ; mas apenas chegando, esquecera o motivo de sua visita, e deixava a imaginação correr por montes e valles.

A fila de escravas sentada sobre o estrado e occupada em varias obras de agulha e tear, arrancava a miudo da sua tarefa olhares curiosos, que iam extasiar-se na galharda compostura de D. Lopo, e nas luzidas gallas de sua roupa de primor. Lá para si, pensava o terceiro estado do solar castelhanõ, que sua doninha devia ser muito feliz com tão guapo marido.

Entretanto Inezita, isolada no extremo da va-

randa, sentia naquelle instante amarguras crueis. O rompimento da projectada alliança com D. Fernando não lhe fôra sequer uma pausa ao martyrio de seu coração; ao mesmo tempo que D. Francisco lhe annunciára a feliz nova, dissipava o primeiro assomo de sua alegria participando-lhe a outra e mais illustre união, tratada com o commendador. O supplicio persistia pois; apenas houvera mudança de algoz.

A donzella amava Estacio na pureza e sinceridade de seu virgem coração. Quando Lopo de Vellasco se apresentou em sua casa, ella não procurou saber que homem lhe destinavam; desde que esse não era o seu escolbido, para ella tornava-se ninguem. Até aquelle instante seus olhos não tinham nem sequer perpassado uma rapida vista pelo vulto do commendador. Magoada e oppressa sómente com sua presença, evocava do coração as doces recordações de Estacio, para abrigar-se no seio dellas. Ahi nesse ninho de seu amor, ella achava delicias e bemaventuranças que a repousavam das tristezas reaes.

Havia um quarto de hora, que D. Francisco sahira da varanda, pedindo venia ao commendador para terminar um negocio de summa impor-

tancia, e não tornára ainda pela rasão que sabemos.

Ouviu-se rumor do lado da entrada, vozes atonadas, estrupido de pés, e o esgrimir de espadas. Logo após soaram passos firmes e rápidos no corredor; pararam um instante, tiniu o ferro, depois continuaram; dir-se-hia um homem que perseguiam, e de espaço á espaço se voltava para afugentar o inimigo. D. Ismenia sobresaltou-se, avisada pelo susurro que percorreu o estrado. O commendador ergueu-se e ia encaminhar-se para a porta.

Mas acabava de arrojar-se ali a estatua elegante de um cavalheiro, que da ponta da espada atterrava a ralé dos lacaios e escudeiros, e a paralisava á grande distancia. Tendo feito um gesto de ameaça, o cavalleiro avançou até o meio do aposento; a criadagem armada de piques murou a porta.

— Venho em amigo, já vos disse. Guardai-vos d'ahi pois, si não quereis pagar cara a ousadia.

E dizendo estas palavras o cavalleiro imprimia uma terrivel vibração á lamina da espada.

Inezita, que até ali se conservára indifferente

e estranha á tudo, com a commoção interior que os echos daquella voz produziram em sua alma estremeceu, volvendo para dentro olhos espantados, que se encheram pasmos da vista de Estacio.

O commendador fizera um gesto imperativo aos criados.

— Aquietae-vos lá, que sabemos o que pretende este cavalleiro.

Estacio depois de saudar com a espada o commendador, agradecendo essa cortezia, embainhou-a. Avançou então para Inezita que estava immersa no extase de o ver, e em distancia conveniente pôz o joelho em terra. Sua voz sonora, levemente tremula, soou clara e distincta no meio do profundo silencio que a estranheza da apparição impunha aos circumstantes :

— Senhora, que eu venero, ainda mais que adoro! Forçoso era que vos fallasse, antes de finir-se de todo a derradeira esperanza! Não havia outro meio mais digno de vós, nem mais proprio de mim, que este embora ardido e estranho. Si meu arrojio vos desagrada e offende, aqui me tendes já senhora á vossos pés para me punirdes. Ordenae a estes famulos vossos qu

me castiguem e expulsem da vossa presença ; o que não pôde seu numero e insolencia, poderá uma só palavra vossa.

Com um gesto energico de negativa, respondeu Inezita. Estacio comprehendendo-a, ergueu-se:

— Mas espero que em vossa bondade já me foi a culpa perdoada, como em meu respeito grande deve estar segura e confiada vossa modestia e virtude. Deante de vossa mãe, e de tantas testemunhas que me ouvem, fallar-vos-hei como se estivesse só em vossa presença ; porque não tereis que enrubecer delles, senão de vossa innocência e pudor. Mas si esse véo de vossa virtude pôde mais que tudo em mim, bem vêdes que não ousarei dizer-vos o que desejo, sem ordem vossa. Mandai pois, si devo fallar, si tornar-me como vim, pago embora de vossa vista, mas desamparado da derradeira esperança, que só me podeis dar.

Inezita escutava lívida ; todo o sangue refluira ao coração, que palpitava aos saltos. A vertigem apoderou-se della ; as pessoas e os objectos que ali estavam em torno desapareceram de seus olhos : dentro daquelle fluido que a envolveu, só apparecia a figura nobre de Estacio.

— Fallae, senhor cavalheiro ; fallae, que vos escuto.

— D. Francisco de Aguilar, vosso pae, senhora, recusou-me ha tres dias vossa mão, declarando-me que jámais consentiria em nossa união. Vim a saber si confirmaes esta sentença cruel ; ou si achaes em vós a força para resistir-lhe.

— Tendes a minha fé, e que nenhum outro a terá jámais, eu vo-lo juro, aqui á face do céo. Mas, sem o aprazimento de quem me deu o ser, nunca senhor, nunca serei vossa...esposa.

O rosto de Estacio cobriu-se de mortal lividez :

— Eu sabia, senhora, que outra não podia ser vossa palavra ; mas queria que ella passasse pelos vossos labios, para acabar-me docemente. Adeus pois, senhora, até o céo, que o martirio de perder-vos me deve ganhar em recompensa.

O alluvio de lagrimas, que sossobrava a palavra no seio da donzella, brotou emfim dos olhos magoados. Ignez abaixou a fronte como um nenuphar cheio de orvalho, e deixou que o pranto lhe rociasse as faces.

Estacio ouviu um murmurio entre os soluços e approximou-se mais : ella dizia :

— Sou mulher e filha ; e pois sem forças, nem

vontade. Mas com essas armas que Deus nos deu á nossa fragilidade, com minhas lagrimas e minhas preces lutarei até morrer: e no ultimo instante ainda a esperança de ser vossa não me ha de desamparar, como meu pensamento não hade arredar-se de vós, seu senhor. Vós que tudo podeis, me abandonaes !...

— Tendes razão, senhora. Cumprirei meu dever; disputarei ao mundo e a todos a minha ventura. Acompanhado pelo vosso pensamento, hei de vencer, eu vos juro. Adeus pois senhora, até o altar !...

Inezita sorriu entre as lagrimas.

Estacio encaminhou-se á porta, quando o commendador embargou-lhe o passo :

— Senhor cavalheiro, conquistastes minha estima e admiração. Si algum dia eu fôr capaz de amar alguma dama, hei de aproveitar vossa lição. Assim amam os cavalheiros; o mais é proprio dos bonifrates que só servem para fazer salas !

Nesse instante os criados affastaram-se, e a figura nobre do fidalgo castelhano destacou-se na porta. D. Francisco correu os olhos pela sala, e adivinhou por longe o que era passado.

AS MINAS DE PRATA

— Que audacia é a vossa de penetrar assim á mão armada em minha casa ?

— Preferieis que entrasse com ciladas, ou corrompendo vossos famulos ?

Não convinha ao fidalgo prolongar esta scena em presença do commendador.

— Retirai-vos, senhor, e não me obrigueis á esquecer o que vos devo ; disse com olhar sinistro.

— Nada me deveis, Sr. D. Francisco ; já vo-lo disse uma vez. O que fiz não foi á vós, nem por vós, mas sómente á ella.

Estacio volveu um ultimo olhar á Ignez, saudou as damas e os cavalleiros para retirar-se.

— Antes de retirar-vos, cavalleiro, estendo-vos a mão. Chamo-me D. Lopo de Vellasco.

— Ah !... Pois retiraè vossa mão. Quanto á meu nome, sabe-lo-heis em occasião e lugar mais propicio. Somos inimigos, D. Lopo.

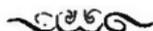
— Excellente !... Os inimigos acabam por amigos. Fico ás vossas ordens, cavalleiro.

Estacio foi-se afinal.

Trazia uma idéa fixa, que lhe occorrêra durante a falla de Inezita. Entregar o roteiro ao

padre Molina, exigindo em volta o cumprimento da promessa feita na prisão.

— Esta mesma noite !... repetia dentro em si.



III

A boca da botija.



O P.^o Gusmão de Molina depois de ter em vão buscado o roteiro das minas em casa de Caminha, se convencera que o manuscripto ou estava sobre o corpo do proprio Estacio, ou em algum escondrijo impenetravel.

Desta base partiu elle para as novas investi-

gações. Preso o mancebo, viu-se já como o fez revistar pelo carcereiro. Não se verificara pois a primeira supposição : restava unicamente a ultima, que desde principio lhe parecera a mais provavel. N'ella pois concentrou-se o espirito do jesuita.

Formulou então seu plano admiravel pela sagacidade e profundeza.

Era este salvar o mancebo da morte eminente e restitui-lo á liberdade. Realizada essa obra, ou o mancebo reconhecido ao beneficio cedia á Companhia o roteiro mediante os augmentos que lhe promettera e a felicidade de obter a mão de Inezita ; ou incredulo e soberbo recusava, e apenas escapo trataria logo de arredar-se da Bahia e pôr-se fóra do alcance do Governador.

Ora o mancebo, deixando a terra sem esperanza de tornar a ella breve, devia levar comsigo o roteiro, e portanto retira-lo do escondrijo onde o occultara. Essa era a occasião de apanha-lo com a boca na botija, como diz o annexim popular.

Foi em virtude desta combinação que o P.^o Molina mandou chamar João Fogaça, com quem teve uma pratica secreta :

— O serviço que de vós exige a Companhia é o seguinte. Trata-se de descobrir um segredo importante para ella. do qual está de posse uma pessoa, que póde fazer muito mal á si e á religião.

— Conte V. Paternidade comigo, pois si estou sempre disposto e é officio meu destruir as ruindades dos máos contra seus semelhantes, muito mais contra Deus.

— Tendes sem duvida em vossa tropa alguns indios mansos, bons caçadores do gentio, e capazes de seguirem uma pessoa dia e noite sem nunca lhe perderem a pista?

— Tenho justamente o de que V. Paternidade falla, mas tal como não imagina.

O capitão de matto offereceu ao Padre os seus tres sentidos supplementares, de quem fez os maiores prologos de louvor.

— Bem, disse Molina, servem-me perfeitamente ; mas é preciso que não busqueis saber delles qual a incumbencia que lhes vou dar, e nem mesmo lhes falleis durante que permanecerem ás minhas ordens l...

João Fogaça rugou o sobr'ólho :

— V. Paternidade desconfia de mim?... E pede meu auxílio?

O P.º Molina esperava pelo assomo:

— Desconfio tanto que tudo fio de vossa lealdade e palavra de bem.

— Mas porque devo eu ignorar aquillo em prol de que trabalho com os meus indios?

— Porque se trata de negocio de honra, no qual sabeis que a divulgação do segredo traz infamia.

— Bem; dou-vos minha palavra.

— Porque não vosso juramento?

— Vale o mesmo; jurarei, si quereis.

— Não; nem da vossa palavra careço já. Basta vossa lealdade propria.

Postos os tres indios á disposição do P.º Molina, elle os industriou convenientemente; disse-lhes que no dia seguinte ás 5 horas da manhã um moço disfarçado em jesuita sabiria da fortaleza de Santa Luzia; o qual havia de ir em busca de um papel escondido algures, e depois tratar de se evadir da terra. A esse homem devião os indios seguir até que tivesse em si o papel, que lhe tomarião por força ou cilada para lho trazer logo á elle Molina.

— Como é o papel? disse Olho.

— Que cheiro tem? perguntou Faro.

— Que som dá? interrogou Ouvido.

O P.^o Molina começou a explicar a fôrma do roteiro á Olho; mas a cada palavra o indio abanava a cabeça respondendo:

— Eu não vejo!...

Afinal o Visitador comprehendeu que o unico meio de penetrar naquella intelligencia era fazer-lhe entender pelos olhos: arranjou um folheto identico ao do roteiro que já tivera em suas mãos, e mostrou-o ao indio. Este o tomou, examinando em todos os sentidos, de face, de lado, de quina, até que pareceu ter gravado aquella fôrma em sua memoria. Então Ouvido tomou-o por sua vez, e amarrotando-o escutou o som produzido pelo quaderro com uma attenção profunda; depois deixou o papel cahir no chão para ouvir a pancada e mostrou-se satisfeito.

— Tem o mesmo cheiro? perguntou Faro.

O P.^o Molina hesitou na resposta:

— Deve ter cheiro de paroba, porque estava guardado em uma arca dessa madeira! disse elle animado por uma repentina recordação.

Os indios ao saber travaram do folheto em branco para o levar ; inquirio do motivo o frade. Podia acontecer que fosse necessario para obter o roteiro fazer uma substituição rapida e subtil desse corpo por outro semelliante.

O jesuita sorrio da astucia dos selvagens, e tomando a penna escreveu no frontispicio do quaderno : *Hodie mihi, cras tibi.*

Na manhã seguinte, á hora aprasada, estavam os selvagens em seu posto, junto do presidio.

O moço disfarçado em frade era Estacio, cuja fuga fôra, além de prevista, concertada pelo Visitador. O estudante cuidara ter embaçado o jesuita ligando-lhe as mãos no instante em que elle se amordaçara com sua propria mão ; e bem longe estava de suppor que todos esses incidentes entravam na trama urdida por Molina.

Quando pois elle transpoz o limiar do portão da fortaleza, os tres indios postados em conveniente posição, separados em distancia, pozeram-se no seu encalce, e chegaram apoz ao quintal do Dulce, de onde examinaram o que passava dentro da casa, até que o mancebo partiu á cavallo e armado para palacio. Apezar do incognito, nenhum delles duvidou da identidade da

pessoa. Assim de ponto em ponto acompanharam Estacio até a casa de Christovão, em frente da qual e durante o jantar dos amigos, tiveram a primeira conferencia. Resultou della que o mancebo ainda não tinha consigo o papel. *Olho* não tinha visto o esgar cuidadoso e gesto disfarçado que denunciavam o occulto portador de um objecto precioso; *Ouvido* não percebera ainda o ranger do papel durante que o sujeito andava; *Faro* enfim não sentira o aroma da peroba, de que estava o roteiro impregnado.

Esperaram portanto.

Por volta de nove horas da noite sahira Estacio de casa de Christovão, e tomara em direcção á ribeira pela descida dos Padres. Os tres indios resvallaram apoz como a sombra triplice do mesmo corpo, projectada por varios raios luminosos. Todos elles iam convencidos de que chegara o momento esperado. *Olho* descobrira na attitude do mancebo os indicios da subtil vigilancia do caçador; *Ouvido* notou que o passo do homem produzia sobre o chão da rua som mais leve e rapido; *Faro* aspirou certas emanações que lhe annunciaram o abalo de uma emoção no organismo do individuo.

Não se enganaram. Realmente Estacio ia em busca, não do roteiro, como suppozera o P.^o Molina, mas em busca da missiva dos judeus que elle deixara occulta com aquelle papel dentro da sua couraça de malhas na noite da chegada.

Dou por lembrado que Estacio desvencilhando-se da gente do Braz á noite de sua volta á Bahia, correrá á praia, onde sumira-se pelo resto da noite para só reaparecer na seguinte manhã em casa de D. Dulce.

O que havia feito o mancebo naquellas quatro horas de noite fechada?

Só elle e Deus o sabiam. Defronte da praia uma canoa amarrada á boia embalava-se brandamente ao arfar das ondas.

— Naturalmente Esteves dorme! pensou o estudante.

Tirou a roupa, da qual fez uma trouxa que amarrou na nuca, e deitou á nado para a canoa. O pescador estava realmente adormecido; saltou dentro o nadador tão subtilmente que não o despertou, e ali, sentado á proa, com os olhos desdobrados pela superficie polida do mar, afundou-se pela vastidão de seu espirito.

Onde occultaria elle seu hesouro, que o pozesse

á abrigo da ambição dos jesuitas, da cobiça dos governadores, e da maldade dos homens?...

— Si o oceano m'o restituísse !...

Desatou a corda que prendia a canoa e deixou-a vogar mansamente á flor dos mares. Então seus olhos correndo a alva fita de areias que se desdobrava até o sitio do Bomfim, divisou o negro contorno de um bosque espesso, que demorava á alguma distancia da praia, na direcção do monte Calvario :

— A cruz da Expição ! balbuciou dentro d'alma.

Deixando a canoa boiar á discrição da maré que a impellia docemente para a ribeira, Estacio nadou para a praia. Ahi chegando, buscou um lugar onde havia pedras para tomar terra, e ganhar o gramado, sem que ficasse impresso na areia o vestigio de seus passos. Encaminhou-se direito ao arvoredado sombrio e nelle penetrou sem hesitação.

Uma vereda cortava esse bosque ao longo, e servia aos que transitavam do forte do Rozario para a cidade. Um claro havia á meio d'elle, onde se erguia sobre um tosco pedestal de alvenaria, uma cruz preta de pau santo, á qual dava o popular o expressivo nome de *Cruz da Expição*.

Resava uma antiga tradição que poucos annos depois da fundação da cidade, ali apparecera certa manhã o corpo de um homem empalado na pelle de uma mulher. Muitas versões correram então á respeito desse horrivel acontecimento, que indicava uma vingança barbara ; mas não se soube nunca nem o nome do author nem os das victimas. Os corpos foram enterrados no mesmo lugar, onde tempos depois appareceu levantada aquella cruz sobre o pedestal da alvenaria.

Como todos os lugares que foram theatro de um acontecimento terrivel e mysterioso, era aquella cercado do pavor e respeito popular. Durante a noite os mais corajosos evitavam por ahi passar, preferindo fazer uma grande volta pela praia. Mesmo com o sol alto o que ali se arriscasse, transpunha o sitio com passo rapido, levando os olhos no chão e o *credo* na boca.

Em sua infancia muitas vezes Estacio levára até lá suas correrias. Já naquelle tempo, impellido pelo seu character á affrontar o perigo, elle passava por ahi frequentemente, tomado de certo respeito e tristeza pela recordação funebre, porem sem vislumbre de temor ; ao contrario com alguma curiosidade de sondar o mysterio dessas abusões populares.

O mancebo conhecia pois perfeitamente o sitio, para onde caminhava.

O pedestal da cruz estava carcomido pelo tempo; as escaras do reboco deixavam á descoberto alguns tijollos já vacillantes pela queda do cimento: com a ponta do punhal Estacio conseguiu arrancar dois delles; cavando no fundo um pequeno vão introduziu o cossolete onde estavam guardados os papeis, e restituiu os tijollos a sua antiga posição. E' escusado dizer para quem lhe conhece a prudencia, que antes de effectuar esse trabalho, percorreu os arredores sondando a treva da noite; e durante elle tinha o ouvido alerta e o olho vigilante.

Terminado o trabalho retirou-se; mas o espaço arenoso que mediava da cruz á beira do bosque, atravessou-o retrocedendo de joelhos, e apagando com as mãos os traços que ali deixara na ida e agora na volta. Tornou pelo mesmo caminho á praia, que foi beirando por dentro d'agua até frontear a canoa. Em poucos instantes a alcançou á nado; acordou Esteves e remaram para o lado da Victoria. Ali desembarcara elle para ir amanhecer em casa de Dulce; enquanto o pescador ganhava a ribeira.

Estacio ficou então perfeitamente tranquillo á respeito de seu thesouro.

Vinha rompendo a madrugada. Elle aproveitou as ultimas trevas para ganhar a casa de D. Dulce, de onde seguira para Nazareth a pedir a mão de Iuzita, e por fim de contas foi parar no carcere de Santa Luzia.

Eis o que effectuara na noite da chegada. Agora vae Estacio fazendo o mesmo itinerario e com iguaes senão maiores cautellas.

Logo adeante da casa de Christovão conheceram os tres indios que tinham a lutar com adversario de temer. De feito Estacio caminhava ao seu fim como si conhecesse que ia seguido: sabia que homem era o P.^o Molina e tinha por certo que o astuto jesuita empregaria todos os meios para conquistar o roteiro. Ora por vezes já tinha Estacio julgado descobrir atraz de si sombras que se moviam quasi imperceptivelmente.

Em vez de ir caminho direito á ribeira, fez muitas voltas, quebrando de repente n'uma esquina e logo adeante na outra para derrotar a vigilancia de quem quer que o espreitasse. Inesperadamente voltava sobre os pés e andava em sentido contrario, como um homem que tivesse esquecido

alguma cousa. Os indios receiosos dessas evoluções foram obrigados a se distanciarem consideravelmente; de modo que afinal no volver de uma esquina o vulto do mancebo se tinha evaporado.

O mancebo, como é já sabido, trouxe dessa expedição nocturna a carta de Samuel, da qual fez entrega ao Governador.

Na tarde em que nos achamos, Estacio partindo-se de casa de D. Francisco sob a impressão daquellas nobres palavras da donzella, tomara a resolução de comprar a protecção dos jesuitas cedendo o roteiro ao P.^o Molina. Elle conhecia o poder da Companhia; e presentia que só aquella força conseguiria vergar a alma de aço do inflexível castelhano.

De Nazareth pois correu á *Cruz da Expição*; desceravou os tijollos soltos do pilar, e achou intacta a cota de malhas que mercara do espadeiro Garro. Cerrando-a ao peito com indisivel sentimento, pareceu-lhe que nunca esse thesouro fôra para elle immenso como nesse momento em que ia cede-lo pela mão de sua Inezita. Era o preço da felicidade.

Seria ave-maria; a lua engolpçada em céu azul derramava effluvios de branca e serena cla-

ridade. A canôa de Esteves vogava para a cidade: o pescador remando; Estacio cogitando.

Das bandas do porto vinha uma galeota á voga solta e velas a romper. Trazia a prôa feita ao rumo da canôa, e com a velocidade da singradura breve prolongou-se rente ao fragil esquife para logo affastar-se.

Nesse rapido instante em que se roçaram quasi os dois barcos, viu Estacio deante delle o altivo busto do P.^o Molina. O Visitador conhecendo-o dirigiu-lhe um gesto benevolo e um triste sorriso de condoimento.

Estacio já roçara, embora raras vezes, a grande alma do P.^o Molina. Conhecia-lhe a tempera e o gume, que o tinha ferido. O Visitador era dos homens que a desgraça não abate, mas recrudescer e exalta. Seu coração devia no triumpho ser magnanimo, porque era forte e não soberbo, como o coração pusilanime.

Sentindo a influencia daquelle sorriso triste, o mancebo portanto estremeceu. Tinha já vencido o jesuita, ou contava infallivel a victoria, para que lhe inspirasse compaixão o adversario?

Insensivelmente levou a mão á coura de malha e tirou o manuscripto. Dois pensamentos simul-

tâneos se reuniram nesse movimento ; verificar pela inspecção visual a existencia do roteiro, e acenar com elle ao Visitador para incita-lo a parar na singradura veloz em que ia.

Do primeiro relanço d'olhos conheceu o mancebo que o pergaminho não era o mesmo. Estava este em branco : no frontespicio em vez das grandes letras vermelhas havia apenas uma phrase escripta no centro. Esforçavam os olhos decifrala, quando o echo da voz do P.^o Molina empennada pela distancia, resoou-lhe aos ouvidos as palavras : *Hodie mihi, cras tibi.*

Involuntariamente as mãos se crisparam sobre o papel como si nelle tivessem a gorja que acabava de proferir aquellas palavras. Logo porem dominou-se o mancebo : seu pensamento valente e ousado longe de titubear ante o golpe que soffrera, se arremessou contra a desgraça para lutar com ella corpo á corpo.

A primeira interrogação do seu espirito foi, como era natural, á respeito da causa do acontecimento. Como descobrira o P.^o Molina ou seu agente o lugar onde estava o roteiro ?

E' tempo de o referir.

Quando, na noite antecedente os tres Sentidos

de João Fogaça conheceram que a caça lhes escapára, entreolharam-se com uma cara de abobora, chata de espanto. *Ouvido* estendeu-se logo na rua e collou o ouvido ao chão: assim permaneceu muito tempo, até que se ergueu de chofre e deitou a correr: os outros o acompanharam. Adeante repetiu a asculção, mas sem resultado algum. Pararam de novo:

— Esteu sentindo! disse *Faro*.

E com as ventas insufladas, aspirando o ar como um cão de caça, foi trotando até a ribeira junto á palhoça de Esteves.

— Entrou ahí!...

— Não: disse *Olho* mostrando o rasto; parou. *Faro* cheirou a porta e a parede da cabana até o tecto.

— Parou para bulir aqui no tecto.

— E tirou o remo! disse *Ouvido* estirado no chão. Estou ouvindo a canoa.

Olho circulou a bahia com um olhar de agnia.

— Lá! murmurou apontando o quer que era de invisivel que só elle descobria.

Os tres indios cahiram n'agua, e nadaram para a canoa: ao chegar viram que estava deserta boiando á discripção; mas *Faro* confirmou pe-

las emanações que ahí achou, a recente estada do mancebo.

O que distinguia os tres indios era unicamente o instincto phisico ; havia nelles, como no animal, completa ausencia de raciocinio. Chegados áquelle ponto, onde acharam o ultimo vestigio de quem procuravam, não se deitaram a conjecturar sobre a direcção que tomára ; isso era uma funcção da intelligencia, que não exercitavam. A' semelhança do cão que perdeu o rastro á caça, começaram a nadar em roda da canôa descrevendo uma ellipse e sondando os circuitos.

Essa evolução levou-os á praia, que distava da canoa cerca de cincoenta braças. Ahí percorrendo a orla de areia em busca de pegadas, viu *Olho* uma pedra solta junto do pequeno arrecife que entrava no mar ; e examinando o alveo, conheceu que a sua jazida era muito recente, pois apenas alisára a flor da areia.

— Hen l... murmurou elle. Foi por aqui l...

— Foi l repetiu *Faro* que cheirava as pedras. No fim das pedras pararam ainda.

— Adeante l disse *Ouvido*. Estou ouvindo as gottas d'agua que elle deixou nas folhas.

Assim chegaram á *Cruz da Expição*, onde

viram na areia os signaes deixados pelas mãos de Estacio quando apagára as suas pegadas. *Ouvindo* ascultando o chão ouviu ainda o passo do mancebo que se afastava, não mais pelo lado do mar, mas pelo monte Calvario.

— Lá! disse elle erguendo-se.

Olho disparou após elle; mas *Faro* não se mexeu. Com o nariz ao vento, desde que entrára na clareira, corria elle em todos os sentidos aquelle pequeno espaço, procurando a fonte de uma leve exalação que lhe pruriria o olfato. Afinal escapeando a brisa, pôde elle conhecer a direcção da veia odorifera e remonta-la, ainda que lenta e incertamente: os companheiros vendo aquillo estacaram: elles formavam um corpo de tres cabeças.

— Está cheirando á paroba!...

— Huh!... fizeram os outros.

Já *Faro* mettia o nariz entre os intersticios da pilastra; *Olho* chegando-se viu que o cimento estava despegado; *Ouvindo* calcou o tijolo solto:

— O papel está fallando dentro.

O cossolete de malhas d'aço foi tirado do escondrijo; dentro d'elle acharam os indios o roteiro e o substituíram pelo rolo que dera o P.^o Molina.

Estacio não podia adivinhar estas particularida-

des ; mas repassando na memoria as circumstan-
cias da noite anterior, elle atinou immediatamente
com o ponto onde sua prudencia e vigilancia fo-
ram mal avisadas :

— Não devia ter entrado na canoa !

Nisto abicaram á praia ; Estacio correu á casa
de Vaz Caminha e narrou-lhe o acontecido. O ve-
lho advogado o escutou impassivel : nessa alma
encarquilhada pela desgraça já não havia espaço
para mais uma ruga :

— Que contaes fazer agora ? perguntou elle.

— Lembrae-vos que tenho de cór o roteiro.
Acabo de o repetir em vindo aqui.

— O P.^o Molina á esta hora já fez o mesmo.

— Sem duvida. Mas si eu puder ganhar-lhe a
dianteira, elle não achará as indicações e balisas
do roteiro, pois eu as terei destruido.

— E depois como voltareis ao lugar ?

— Deus proverá e a minha memoria fará o resto.

— Não é melhor em apagando os rumos e sig-
naes substitui-los por outros só de vós conhecidos,
de modo que perdido o roteiro de vosso pae, te-
nhaes o vosso ?

— Vosso alvitre é sempre o melhor, mestre ;
partirei nesta hora.

— De pouco vós servirá partir assim escoteiro. Careceis de gente e decidida, que deveis ir desse passo assoldadar. Para a paga contaê comigo.

— Então amanhã por cedo.

— Amanhã, sim ; mas uma cousa já vos recommendo. O novo roteiro escrevei-o em cifra só de vós sabida ; evitareis assim o erro de vosso pae, causa innocente de tantas tropelias.

— E o governador?... Bem sabeis que estou alferes !

— Não vos deu tres dias de folga ? alcançaremos maior praso.

Estacio deixando o advogado correu á casa de Christovão.

Serião oito horas da noite, si tanto.

Christovão sentado em frente a uma janella, com os olhos engolfados no azul, scismava. Ali naquella posição immovel e abatida, passava agora o alegre e prazenteiro mancebo de outrora as noites silencioso e pensativo.

Elvira !

Este era o nome que lhe adejava constantemente nos labios entreabertos, esta a imagem que desenhava sua imaginação febricitante ; mas quanto mudada

daquella que antes sorria nos seus devaneios de namorado !

Desde a manhã em que sahira estouvadamente da casa de D. Luiza, Christovão ficára alheio de si e sorpreso da realidade, como um homem que de repente e no meio do somno fosse transportado do seu á extranho paiz ; elle podia comparar-se á um dos sete dormentes da lenda oriental. Si lembrava-se daquella noite cruel, lhe parecia ter soffrido um pesadello, que deixava em seu espirito vaga, mas terrivel impressão.

Sentia-se cheio ainda do amor mais puro e casto ; porem esquecera já por qual mulher sentira na vespera ainda semelhante amor. Seria por Elvira ?... Não ! exclamava sua alma indignada e velando-se ao aspecto dessa imagem evocada. Sim ! murmurava seu coração triste e pesaroso, desfazendo-se em lagrimas ao recordar-se da misera desconsolada.

Assim decorreram muitos dias, durante os quaes não fez Christovão maiores esforços para tornar a ver a infeliz donzella. De resto a sua imprudencia de sahir da casa estouvadamente, e a confissão desesperada de Elvira, tinham redobrado o furor da viuva, e por conseguinte augmentado

ainda mais si era possível a guarda da casa. Por esse tempo notou João Fogaça a tristeza de seu collaço, mas a attribuiu á impossibilidade de ver a amante.

Conseguiu Christovão saber, graças á perspicacia dos selvagens do capitão de matto que Elvira estava enferma ; e isso avivando o amor no seu coração, o attrahia de novo com vehemencia para a donzella.

Então apparecera em sua casa o P.º Molina, que desejoso de sonda-lo á respeito de Estacio, aproveitou a occasião para cumprir a promessa feita á Elvira, approximando-a de quem tanto a estremecia. O mancebo correu á casa de D. Luiza de Paiva, que o recebeu com um olhar repassado de odio, e cheio de ameaças. Mas a recommendação do P.º Molina era terminante ; e a viuva tomando uns ares de victima resignada tolerou que o cavalleiro visse a enferma.

Christovão ajoelhára á borda do leito, e tomando a mão emmagrecida da donzella que pendia inanimada beijou-a longa e tristemente. Despertando da modorra, a donzella abriu os olhos, soltou um grito, e tornou a cerrar as palpebras com as mãos, como se fora victima de uma hallucinação.

— Christovão !... murmuraram seus lábios em tenue sopro.

— Elvira minha ! Olhae-me por quem sois !... Não me quereis olhar?... Causo-vos eu horror por ventura ?...

— Horror, meu Deus !... Alegria que me sufoca e me mata !... exclamou ella esforçando por erguer-se no leito onde cahiu desmaiada.

Quando a donzella voltou a si, engolfando os olhos nos de Christovão, empallideceu horriavelmente, e perguntou-lhe com a voz tremula :

— E' verdade, Christovão, o que me prometteu hontem esse bom Padre ? Que ainda seremos felizes ?...

— Muito felizes, Elvira ! Vossa mãe deu seu consentimento á nossa união, que nos falta para a felicidade, se não for goza-la ?...

Elvira fez-se horriavelmente pallida e murmurou que ninguem a ouvisse :

— O perdão !

Desde então afora os instantes que passava junto de sua amada, cuja convalescença era longa e vagarosa, Christovão buscava os lugares ermos e solitarios, fugindo á companhia dos amigos e socios de seus antigos prazeres. As noites, até des-

horas, passava-as ali, defronte daquella janella; o aposento permanecia na escuridão; a luz viva magoava as melancholias de sua alma; elle preferia o tremulo rutilo das estrellas, que bruxuleavam á afogar-se no azul profundo da atmosphera. Haviam tambem em sua alma lampejos fugazes e crebros que se immergiam em um céu de sombrias recordações.

Naquelle momento acabava elle de chegar de casa de D. Luiza de Paiva.

Inezita sabedora da enfermidade de sua amiga fôra nessa tarde visita-la acompanhada de D. Francisco. Em quanto o fidalgo praticava na sala com a viuva, a donzella correu á camera da enferma pensando encontra-la só. Ao entrar não tove olhos senão para ver sua querida Elvira, magra e abatida, mas sempre formosa.

Correu a abraça-la; sentindo em sua face ardente os frescos e macios labios da gentil menina, Elvira exclamou com um tom pungente:

— Inezita!

— Que foi? Magoei-te?...

— Não me toques!...

— Perdão!

— Foge de mim!

Esta palavra cahira n'alma de Christovão como uma gota corrosiva ; e estava desde então á gastar-lhe a alma.

A scisma do mancebo fôra perturbada pelo passo rapido e forte que souu á porta ; o vulto que ali appareceu pronunciou seu nome, mas com a voz tão agitada que não pôde elle no primeiro instante reconhece-la :

— Christovão ? Estaes ahi, amigo ?

— Quem me chama ?

A pessoa que era avançou prompto. Christovão então a reconheceu perfeitamente.

— Ah ! sois vós, Estacio?...

— Careço de fallar-vos sem detença, Christovão. Uma desgraça acabo de soffrer, que me rouba toda a esperança. Sim, amigo, a justa reparação á memoria de meu pae e a felicidade de meu amor, as duas cousas que juntas á vossa amisade faziam a vida para mim, perdi-as. O objecto de que ambas dependiam foi-me roubado por gente infame !...

— Que objecto era esse, Estacio?...

— A occasião de revelar-vos esse segredo de minha familia não se tinha ainda apresentado, Christovão ; o roteiro das minas de prata que meu avô descobriu, não era uma fabula como se pensou.

— Que dizeis ?

— Não ; pois o tive até hontem em meu poder.

— E vo-lo roubaram, dizeis ?... Mas, Estacio, sem duvida que não ides ficar succumbido com o golpe ?... Deveis castigar o infame e reaver o vosso bom !

— A isso parto amanhã, Christovão !

— Muito bem ; e me tereis ao lado.

— Não, amigo ! Para mór empenho fostes reservado. Eu me vou longe em busca de um thesouro ; mas é preciso que tambem aqui fique como guarda do outro e mais precioso. Irei na minha pessoa ao sertão, ficarei na vossa junto de Inezita.

Estacio contou a Christovão o que era passado entre elle e D. Francisco, occultando porém a infamia de D. José ; referiu a scena da vespera com as palavras da donzella ; e acabou rogando ao amigo que até a sua volta empregasse todos os esforços para obstar o casamento de Inezita.

— Ide tranquillo, irmão. Eu vos juro neste meu coração, que vivo eu, Inezita não se desposará com outro, senão fordes vós, o escolhido de sua alma.

— Não aceito esse vosso juramento, nem careço de algum outro. Tudo fio de vossa amizade. Quanto

á vossa vida não tendes direito de dispôr della assim, pois que pertence á Elvira.

Christovão disfarçou um triste sorriso:

— Ella não o levaria a mal! disse com alguma frieza.

— Christovão, exclamou Estacio; tendes uma corda frouxa n'alma, que desafina daquella doce harmonia de vossas palavras de outr'ora?... Que sopro máu a relaxou?... Dizei-me, amigo, enquanto me tendes ao lado.

— Nada é, nada, Estacio. Cousas que passam, e não valem a pena de com ellas nos occuparmos. Fallemos de vós, e de vossas doces e risonhas esperanças!... Queira Deus que algum verme se não insinue no seio das rosas que viçam em vossa alma.

Niço o pavimento do sobrado estremeceu com a vibração que lhe imprimia um passo robusto e pesado. Logo ouviu-se a voz de João Fogaça que chamava pelo collaço.

O capitão de matto vinha a negocio seu mui particular e de summa importancia.

Eis o caso.

Desde a noite em que o azoara Christovão fallando a respeito da Mariquinhas dos Caixos que o forasteiro não estava em seus eixos. Tres dias pas-

sára ruminando aquella difficuldade grande de sua vida ; e em todo esse tempo fugira da casa da viuva. Quando lhe acontecia passar na visinhança, tremiam-lhe as pernas.

Afinal tomára uma resolução atrevida, e foi de pôr-se nas mãos de Christovão, a fim de arranjar o negocio com a Mariquinhas, a quem não tinha mais animo de encarar. Firme nessa resolução, foi á casa do collaço a primeira vez, mas faltou-lhe o animo de fallar ; na segunda havia animo, mas não soube como começar ; emfim na vespera era dia de banquete e não lhe pareceu proprio. Naquella noite porém vinha decidido.

— Sois bem apparecido João ; pois careço de vossos serviços ; disse Christovão.

— Melhor : gosto mais de ver-vos occupado em maquinar alguma cousa, que estatalado deante de duas ou tres estrellas delambidas, que passam a noite á rotula, como raparigas namoradeiras.

— Não se trata de mim ; careço de vossos serviços para Estacio !

— E' o mesmo ! Vós e elle, elle e vós ; no fim de contas sois um. Vamos ao caso.

— Estacio acaba de ser victima de um roubo ! Desappareceu-lhe um papel precioso que tinha oc-

culto em lugar escuro ; e ha certeza que isso fosse obra de um jesuita !

— Um jesuita ?... Será um tal Molina ?...

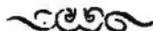
— O mesmo ! acodiu Estacio.

— Pois então fui eu o culpado, sem o ser ! Mas não lhe ha de sahir a cousa como espera ! Vou atraz de vosso roteiro, Sr. Estacio ; não descancarei emquanto não o restituir a seu dono.

O capitão de matto partiu-se em um daquelles raros, mas formidaveis arrancos, que ninguem fôra capaz de conter.

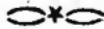
Com pouco foi-se tambem Estacio assoldadar uns dez acostados para sua entrada no sertão. Naquelle tempo era essa uma das profissões mais preferidas da classe necessitada ; e pois facil correu ao manco a tarefa.

Na seguinte manhã, depois de abraçar seu velho mestre partiu Estacio para o sertão.



IV.

A creança engeitada e a herança regeitada.



Poucos dias eram decorridos depois que Estacio partira para o sertão.

Dulce estava só e pensativa na sala. O doutor Vaz Caminha a tinha deixado naquelle instante, immersa em graves preocupações.

Não deve estar esquecido aquelle thesouro en-

terrado pelo velho Ramon sob uma lage do oratorio, nem a empreza que o advogado commettera de salva-lo das garras dos malfeitores, que á elle se atiravam com furor, minando o chão da casa. Pois naquella noite o velho levára á cabo a sua obra: proseguindo na escavação obtivera retirar uma pequena caixa de cedro com lavores de prata embutida. Quer pelo volume que não excederia de um palmo quadrado, quer pelo diminuto peso, julgou o licenciado que não podia estar ali encerrada a immensa riqueza de que lhe fallára a dona:

— Não é esta a caixa; deve estar mais no fundo!

— E' esta sim; nem outra ha!...

— Então os haveres consideraveis que vos deixou vosso pae estão todos contidos aqui.

— E' verdade, nesta pequena caixa; respondeu a dona sorrindo.

— Onde a occultaremos agora?

— Onde melhor vos parecer, que mais seguro esteja!...

— Embaixo da peanha da cruz!... Ficará sob a guarda do Christo!...

— Bem lembrado! Assim caiba ella!...

O advogado ergueu o cruxifixo, e ajustou a

caixa no vão que deixava o ouco pedestal de madeira.

— Bem ; agora tratemos de repôr as cousas no seu antigo estado : disse Vaz Caminha. Quede a nossa botija ?

A dona procurou no canto um largo vaso de boca estreita, que de antemão mandára o licenciado conduzir para a sua casa, bem envolto, de modo que se não avertasse o que realmente era. Estava esse vaso cheio de carvão até a boca.

A idéa de Vaz Caminha era aproveitar-se de um prejuizo muito enraizado na plebe para desvanecer nos salteadores a convicção em que estavam dos ricos possuidos de Dulce. Ainda hoje ha pelo interior quem acredite que o dinheiro enterrado por pessoa finada se transforma em carvão, á vontade de quem o possuiu ; e sobretudo quando o acha outro, que não o escolhido herdeiro da alma penada.

Encontrando a botija, os salteadores sem duvida acreditariam que o ouro de que estava cheia se trocára em carvão ; e deixariam em paz a casa de D. Dulce. Então quando se retirassem já aterrorisados com a superstição, esbarrariam nos quadrilheiros postados ali perto, e iriam chorar os seus peccados na cadêa até o dia do castigo.

O plano não podia ser mais bem concebido e realiado. Entretanto é mister confessar que Vaz Caminha naquelle momento lamentava o trabalho que tomára ; pois lhe parecia que o objecto não valia a pena de tanta fadiga e cuidado. Comtudo sem fazer á este respeito a menor reflexão, que podesse magoar a dama, elle executou até o fim a empreza em que se empenhára, e não deu mostras do minimo desgosto.

Logo que a lage ficou de novo assente e apagados os vestigios da recente obra, o advogado dispôz-se a partir.

— Antes de ir-vos, doutor ; far-me-heis a graça de responder á uma pergunta.

— Ordenando vós, o farei prompto.

— A primeira noite que a esta vossa casa viestes inquirindo eu de como chegastes ao conhecimento da trama urdida contra mim, recusastes satisfazer minha curiosidade. Entendi o motivo desse vosso proceder ; receiastes da fragilidade propria do meu sexo, que não me compromettesse ainda mais ; e eu propria vos dei razão contra mim.

— E' exacto quanto dizeis !

— Agora porém já está o cofre em segurança,

a não ha mais causa á receios : podeis afinal sem inconveniente satisfazer minha curiosidade.

— Era minha intenção ; mesmo porque esta revelação vos servirá de aviso. A pessoa, de quem ouvi a trama, a mesma que deu o primeiro fio para urdi-la, é de vossa casa e confiança.

— De minha casa !... Seria a velha Brasia ?...

— Foi Lucas.

Vaz Caminha contou o acontecido no dia de anno bom e acrescentou :

— Preveni-vos contra elle e tratae de affasta-lo ; mas não vos deis por achada !

A senhora ficou pasma ; e já o doutor se havia retirado, que ainda a encontramos sob o domínio das preocupações despertadas por tão extranha revelação.

Fora mister conhecer o negro Lucas para bem avaliar da surpresa de Dulce.

Pouco tempo depois de chegado ao Brazil, na volta de sua primeira entrada ao sertão, encontrou Ramon, já perto da cidade, occulto no matto, um negro ainda buçal. Estava espojado ao chão, e quasi moribundo. Averiguado o caso, fugira elle apenas desembarcado, e se escondera no matto resolvido a morrer á fome. Quando lhe apresentaram

alimentos, no primeiro movimento, levado pela fome, precipitou-se para devora-los; mas logo sobrepujou a vontade o instincto, cerrou os dentes e recusou obstinadamente qualquer nutrição. Ramon fez abrir-lhe a boca á força, e obrigou-o a engolir alguns tragos de vinho que o reanimasse; feito o que mandou carrega-lo até sua casa.

A tenacidade do negro excitára o amor proprio do branco a doma-lo.

Indagando, soube á qual mercador pertencia o africano e o comprou. Tres dias lutou debalde contra aquella obstinação de jumento: o escravo com os queixos cerrados soffria impassivel o supplicio da fome deante das saborosas iguarias que lhe erão postas deante, e lhe entravam pelos olhos ou pelo olfato. Si não fossem as colheres de caldo e vinho que lhe faziam engulir á força, sem duvida já teria succumbido de inanição. Sua magreza era extrema; de extenuado e debil já nem sentado se podia ter.

Dulce teve curiosidade de ver essa victima ou esse algoz de si mesmo; talvez pressentiu ella nesse suicidio lento e atroz uma dôr immensa; e admirou-se de haver no mundo dôres mais terribes do que as tão barbaras, que lhe tinham as-

solado o coração. Foi, inspirada desse mixto de surpresa e compaixão, até a enxerga onde agonizava o moribundo.

■Ao seu aspecto, desenhou-se no rosto da senhora a mais pungente afflicção ; as lagrimas borbotaram dos olhos e desfiaram ao longo das faces. O quadro era realmente de commover. Imagine-se a creatura expirando nas ancias crueis da morte peor, a morte esfaimada ; e sobre isso a lembrança da condemnação voluntaria ! A mythologia grega memora como um dos supplicios mais crueis o de Tantaló. Si Tantaló, em vez de ser um condemnado, fosse um suicida, o horror subiria de ponto !

Como um anjo da caridade, a formosa dona ajoelhou junto á enxerga, arrastada pelo sublime amor do proximo. Sua mão alva e mimosa suspendeu a cabeça immunda e encarapinhada do enfermo. Um instante só não hesitou. Ali, onde estavam, nos umbraes da eternidade, não havia senhora e escravo, mas unicamente o soffrimento e a consolação.

Quantas vezes depois não assistiram os lares brasileiros á reproducção daquella scena tocante e evangelica ! E entretanto á um paiz como este, onde

no seio de cada família se encontram as nobres filhas de S. Izabel, insultam seus proprios cidadãos, indemandigar a caridade estrangeira ! Tristes tempos são estes em que precisa o nosso povo importar com as mercadorias as virtudes !

O escravo, ao movimento que fizera Dulce, entreabriu as palpebras e estremeceu. Não comprehendia o que viam os olhos : não sabia como surgira aquella apparição. Mas tambem os espiritos não trabalhavam ; os sentidos sim, esses cediam á uma doce e ineffavel influencia. O odio entranhado que votara á raça cruel, por te-lo arrancado ás suas plagas africanas, reduzindo-o de principe que era lá, a escravo ; esse rancor profundo se desvanecia como por encanto.

Quando pois a dona lhe apresentou uma taça cheia de cordial, poz nas bordas os beiços, e vasou-a sem hesitar. A obstinação tenaz transformara-se agora em docilidade de cordeiro. Breve recobrou o escravo as forças com a saude ; e pode entrar no serviço da casa, depois de baptisado.

A dedicação que o escravo tinha pela senhora, estendeu-se á Ramon, de quem chegou a merecer a maior confiança, já pela amizade que mostrava, já pela invencível estupidez de que o suppunha do-

tado. Algumas vezes pode ser essa no escravo uma qualidade preciosa, como é para os orientaes a mudez. O hespanhol assim acreditava ; quando tratou de enterrar o cofre, não tomou contra a curiosidade do escravo as devidas precauções. Lucas não vio, mas suspeitou do que fizera no oratorio, quando o mandaram varrer as lages. Essa suspeita porém não entrou em seu espirito ; perpassou apenas.

Morto o senhor, e passando ao dominio de Dulce, achou-se Lucas em uma inercia continua. Cesaram as viagens e o trafego a que se habituara : a dama com a vida retirada e tranquilla que levava não tinha que lhe dar a fazer, e com excepção de uma ou outra incumbencia fóra de casa, passava o negro todo o seu tempo desoccupado.

Si já possuistes, leitor, algum cão, amigo vosso, haveis de ter notado a presistencia com que o animal senta-se á alguma distancia, com os olhos fixos em vossa pessoa, esperando o menor aceno, que o chame a vossos pés, e o ponha em movimento. Afinal porém fatigado dessa immobildade, afflicto porque não vos occupaes d'elle, o animal inquieta-se, rosna, approxima-se, a principio indeciso, depois vos salta aos peitos, enrola-se aos joelhos ;

apezar da vossa resistencia, vos enche de caricias. Castigae-o embora; esse mesmo castigo o contenta; é uma relação entre vós e elle, é um signal embora doloroso de vossa superioridade e sua obediencia; é a constancia do laço que prende o homem e o animal.

A affeição que tinha Lucas á Dulce era a affeição humilde e sincera do cão. A semelhança do rafeiro, elle tambem quedava-se dias e dias á espera de uma ordem da senhora, de uma occupação em que se empregasse para bem della.

Uma occasião chegou-se á Dulce para fallar-lhe :

— Senhora, dae trabalho á Lucas.

— Que trabalho?

— Mandae Lucas para o sertão, como ia com o defuncto, buscar ouro para a senhora!

Dulce sorrio :

— Para que preciso eu de mais riquezas, do que me trouxe meu pae?... Talvez sem ellas fosse eu mais feliz!

Dois atomos de idéa ficaram no cerebro endurecido do negro, como duas sementes que cahem da arvore sobre a lomba de uma rochia. O vento para ali carrega ligeira camada de pó, que

insinua-se pelos interstícios ; envolto nella as sementes germinam, mas lentamente ; o grelo que desponta só muito tarde consegue romper a fenda estreita do granito, e expandir-se áfinal á luz e ao ar. Assim desenvolveram-se vagarosamente no espirito embotado do escravo, os átomos que ali deixaram as palavras de Dulce.

Ao cabo talvez de um anno chegon Lucas á estas reflexões : Dulce não precisava do seu trabalho porque já era por demais rica : essa riqueza não fazia a senhora contente. Nova e longa rinação foi precisa para tirar dessas reflexões alguma cousa : afinal porém conseguiu e tal qual se devera esperar desse craneo do pedra. A lembrança do oratorio lhe acodio ao bestunto ; e foi seu ponto de partida.

O negro conhecia o Braz de ir frequentemente á taberna mercar azeite, vinho e outros productos do Reino e das Indias. O judengo, sempre incansavel nos seus augmentos, não deixava de fazer fallar o escravo, dando-lhe um pichel de aguardente para molhar a palavra. Lucas chupava o trago, mas não dizia cousa que prestasse. Nem um enredo de casa, nem algum objecto surripiado á senhora ; nada emfim que dei-

xasse lucro ou esperança d'elle ao menos, obtinha do ruim negro. Lucas era de uma fidelidade a toda prova, que só podia ser excedida pela sua discripção.

Desde porém que o africano se convenceu da funesta influencia que tinha sobre a senhora e elle, o thesouro enterrado no oratorio; á primeira apalpadella do Braz, vasou o segredo. O taberneiro rosnou de contente, como o rafeiro faminto que descobriu um bom osso á roer; o prazer entanto foi aguado pela recusa de Lucas em declarar o lugar certo onde estava o dinheiro escondido. De feito, o bruto humano receiava que o Braz e sua gente penetrando na casa offendessem sua senhora; e recuara do seu proposito.

Por muito tempo batalhou o Braz com elle para lhe arrancar o resto do segredo; mas o negro era impenetravel. Elle ruminava o meio de levar ao cabo o seu intento, sem o menor susto para Dulce e sem a menor suspeita de cumplicidade, quando um innocente rato o inspirou. Estava Lucas banzando no terreiro, junto ao outão de casa; acertou o rato de atravessar por deante d'elle, e ganhar o buraco aberto no alicerce da parede.

Lucas tinha achado a solução do seu problema. Foi isso no dia de anno bom. Enviando-o Dulce com o recado á casa de Vaz Caminha, o negro aproveitou o ensejo, para de passagem advertir o taberneiro da descoberta. Estavam os dois na adega, concluindo a trama, quando felizmente apparecera o advogado, a quem o negro não conhecia, mas ouviu nomear pelo Braz. Assim foi que o seguiu a distancia ao sahir da taberna e entregou-lhe a missiva da senhora.

Do mais que seguiu já se deu noticia. Lucas aguardava o resultado com a calma de sua bruta consciencia ; desaparecido o ouro, esperava elle que a senhora pobre viria a ser feliz, e o faria a elle contente, empregando-o em seu serviço. Si alguma leve inquietação o assaltava por vezes, era sómente a respeito da tranquillidade e socego da dona durante a empresa ; e por isso estava elle sempre alerta fiscalizando o trabalho subterraneo dos malfeitores.

Tinha pois razão de sobra, D. Dulce para se admirar da revelação de Vaz Caminha. Não sabia a senhora do que mais duvidar ; si da possibilidade de penetrar uma trama tão bem urdida naquelle cerebro rijo ; si da contradicção de tão

perverso intento com a fidelidade provada e a extrema afeição que sempre reconhecera no escravo.

Mandara a senhora que Brazia chamasse o negro. Este, apresentando-se á porta evocou o pensamento de Dulce a seu projecto de interrogá-lo. Não era talvez muito prudente que uma fragil senhora se expozesse assim á brutalidade do escravo, receioso de severo castigo ; mas ella estava tão habituada a subjugar, sob a sua palavra maviosa e gesto meigo, essa animalidade, que nem um instante hesitou :

— Lucas, tu és um máo escravo !

— Porque senhora diz isto ?

— Fui sempre boa para ti ; emquanto que tu, ingrato, te ajustaste com gente má como tua raça, para roubar tua senhora.

— E' mentira de quem disse !

— Negas ? Não foste tu que convidastes os ladrões para minarem o chão de minha casa ?... Que rumor é este ? Talvez viestes agora mesmo de ajuda-los !...

O negro achatou-se fulminado.

— Senhora, Lucas disse onde estava o dinheiro

para que elles tirassem tudo e levassem ! Lucas não queria nada !...

— E porque razão me fizeste tu esse mal ? Assim pagas os beneficios recebidos ?...

Lucas arrancou do peito um arquejo e desapareceu da sala.

Pensou Dulce que elle fugia com receio do castigo, e estimou esse acontecimento que lhe poupava a dura necessidade de ser um instante severa ; logo porém lhe occorreu que a sua imprudencia podia ter compromettido o plano tão bem combinado pelo doutor. Mas o mal estava feito.

Lucas não fugira ; outro era o seu pensamento. Ganhando o terreiro approximou-se do outão onde estava a bocca da mina ; um vulto agachado se approximava do lado opposto, que o negro logo conheceu. Era o Anselmo.

— Estão trabalhando ? perguntou elle.

— Estão !

— Ainda falta muito ?

— Vae vêr !

A surda voz de Lucas que se espedaçava de encontro aos dentes rangidos, devia arripiar as carnes ao filho da Eufrasia ; mas o bandido es-

tava tão seguro da cumplicidade do negro, que nem sombra de receio lhe toldou o animo. E como podia elle suspeitar o que era passado?

A boca da mina formava um buraco sufficiente para o corpo de um homem ; occulto pelo matagal, durante o dia o tapavam os ladrões com uma grande pedra, que ali proximo jazia. Mal o Anselmo afundou pela cava, o negro com um salto de panthera arremetteu sobre, e esmagou o bandido, que rolou pela mina abaixo ; então quanto encontrou ao alcance da mão, pedras, ramos secos, terra ás braçadas, foi atirando pela boca da mina, de modo a sepultar nella como em uma cova os que ahí se achavam. Houve dentro um grande rumor de gritos abafados ; algumas cabeças surgiram á superficie que logo se abateram esmigalhadas com pedras. Ao cabo de uma hora quedou-se tudo ; a mina estava completamente aterrada , e a lage sellava como lousa tumular aquella sepultura onde jazia o Anselmo e seus cumplices.

Então o negro tornou a casa. Sua senhora se erguera espantada com o rumor subterraneo que ouvira embaixo do leito.

— Senhora póde agora castigar Lucas !

— Que foste tu fazer ?

— Entupir o buraco.

— E elles ?... exclamou a senhora tomada de horrivel suspeita.

— Elles não cavarão mais ! respondeu o negro sereno.

— Foram-se ?

— Para não tornar.

Mais tranquilla á vista da resposta calma do escravo, a senhora interrogou-o de novo, e com seu tacto de mulher arrancou-lhe a revelação do motivo porque tinha Lucas praticado aquella acção. Ella comprehendêu perfeitamente essa anomalia do coração humano ; e culpou-se a si mesma por não ter melhor domesticado esse urso amigo.

Por uma singular coincidência, á esta mesma hora era cercada a taberna do Braz, e a casa vizinha occupada pela tia Eufrazia. O taberneiro e a adela foram conduzidos á cadeia ; e os jogadores pilhados na tavolagem levados á palacio, onde o Governador os reprehendeu e fiutou. D. Diogo ao facto das maquinações do taberneiro e da parte que elle tinha no contrabando reiterado da costa, resolvera dar um exemplo de severi-

dade; e mandara naquella noite executar a diligencia anteriormente planejada.

Chegara entretanto a casa o doutor Vaz Caminha e se accomodará, quando por volta da madrugada, foi despertado em sobresalto. Chama-vam-no a toda a pressa á casa de D. Mencia que se finára durante a noite. A boa velhinha não andava boa desde a partida de Estacio; a conta de seus longos dias estava á esgotar-se. Recolheu a camara e adormeceu mesmo vestida; a aia depois de muito cochilo, admirada que não a chamasse para tirar-lhe as roupas, entrou na camara. D. Mencia adormecera para sempre.

O advogado deu as providencias que o caso exigia; e tornou com o coração cortado. D. Mencia era dessas creaturas modestas que tomam bem pouco lugar na vida, á ponto de quasi não se sentir o vacuo que ellas deixam. Mas para Vaz Caminha ella representava a unica familia de Estacio. Parecia-lhe pois que seu afilhado ainda ia ficar mais só e mais orfão no mundo.

Em casa encontrou o advogado um vulto embuçado que o esperava na porta. A's primeiras palavras o reconheceu logo, e levou ao cartorio. Era D. Fernando de Athayde, que trocara as

roupas de cavalleiro, pelo trajo negro e severo dos ecclesiasticos. O advogado estranhou essa mudança e ainda mais os surcos profundos que a dor cavava nas feições do mancebo.

Segunda vez lamentou Vaz Caminha a dura necessidade que o obrigara a assolar aquella existencia.

— Vossa conjectura foi bem acertada, doutor. Minha... A menina de que falla o testamento do Sr. D. João de Athayde é com effeito a alfeloeira... a Joaninha.

— Como o soubestes?

— Não foi sem custo. A principio procurei tirar della mesma o segredo ou ao menos alguma particularidade do seu nascimento; mas ella nada sabe, senão que a engeitaram na rua, onde a parteira sua madrinha a achou. Voltei-me então para a velha, e embora se mostrasse ella sabedora de alguma cousa, occultava por tal modo que era impossivel nada colher.

— Creio bem; pois á tempos o tentei debalde.

— A final, vendo que nada obtinha, recorri ao meio extremo. Disse quem era, e acrescentei que buscava minha irmã para beneficia-la; como me encommendára á sua hora derradeira, minha mãe.

Si, pois, me ella negasse, se opporia a felicidade da moça.

— Rendeu-se ella a estas razões?

— Tudo confessou. Chamada alta noite para assistir a uma dama, recebera aquella menina com uma somma jurando a sua mãe que não revellaria jámais o que vira e ouvira. Então a velha espalhara a fabula que corre entre o povo de a ter achado na rua envolta em uma toalha.

— Sabia ella, porém, quem fosse a mãe da Joaninha?

— Ignorava; mas a toalha que ainda guarda trazia a marca das duas letras—V. A.

— Violante de Athayde!

— Misera mãe!

E o mancebo enxugou os olhos rasos de pranto.

— Que intenções foram as vossas procedendo á essas pesquisas?

— Ides saber, doutor, pois esse é o motivo que me traz.

Elle tirou do peito do gibão um masso de papeis,

— Aqui estão os titulos de quanto me coube em herança, e bem assim a cessão que faço de

tudo á quem de direito pertence. Assim cumprido fica o testamento do Sr. João de Athayde!

— Mas Sr. D. Fernando, considerae...

— D. Fernando já não existe; este que aqui vêdes, si o foi algum dia, não o é mais; e breve receberá o nome que melhor lhe quadra. Chamar-se-ha João da Dor.

— Acaso pretendeis ?...

— E' uma resolução inabalavel e já em execução; portanto qualquer insistencia vossa é inutil. Sahido da casa de Deus para cumprir este dever, volvo ao abrigo onde me escondi da desgraça e do mundo.

Vaz Caminha ergueu-se commovido.

— Dizei-me... Quando vos afundaes na vossa legitima dôr, não achaes um pensamento de aversão por aquelle que foi causa involuntaria della?

— Seguro-vos que não l... Em principio senti por vós odio entranhado; parecia-me que todo o mal, e não só o conhecimento delle, me vinha de vós! Depois não; agradeçi o ter-me arrancado á falsa posição em que me achava, e na qual podia a fatalidade surprehender-me ainda mais cruelmente.

— Então na sinceridade de vossa alma me perdoastes?

— Si a elle perdoei!...

— Sois um santo, senhor! Deus vós abençoará em vosso sacrificio.

Retirou-se D. Fernando embuçado como viera. Vaz Caminha mandou logo sem mais detença chamar á casa a alfeloeira. Era aquelle um encargo que lhe pesava demasiado e carecia de desempenha-lo immediatamente.

Joanninha chegou sempre esperta e feiticeira, apesar das saudades que curtia com a ausencia de Gil. Ouvindo de Vaz Caminha que estava rica de repente e possuidora de avultada fazenda, ella ergueu os hombros com desdem:

— E de que me serve isto agora? perguntou ao advogado sorpreso de seu desinteresse.

No fundo d'alma murmurou:

— Si com esses haveres pudesse eu comprar mais tres annos por cima da idade de Gil, para que soubesse elle o que é amor!...

— Rapariga, disse-lhe Vaz Caminha, a vossa pergunta é de animo desinteressado, mas ignorante. Quando Deus confia de nós uma porção de fazenda, não é para que a usemos só em nosso

proveito, mas para a distribuirmos com os necessitados.

— Sou uma cabeça tonta ! Muita razão tendes, Sr. Licenciado. Ora pois do que me chega assim de repente, ponde uma parte para aquella que me serviu de mãe ; outra para uma pessoa-nha que eu cá sei ; e a terceira para distribuir em caldo na portaria dos conventos !...

— Já achastes um prestimo, e louvavel, á riquezas. Cuidareis disso com mais vagar ; haveis de buscar uma pessoa segura que se encarregue de vossos negocios !

— Quem melhor do que vós?...

— Não o poderei filha ; sois menor e careceis um tutor. O que posso é requerer para que vos dêem um capaz e inteiro. Conheceis mestre Bartholomeu Pires ?

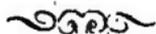
— O mestre de capella ! Quem o não conhece !

— Vos serve elle !

— Qualquer, des que o indicardes.

Joaninha foi-se afinal muito satisfeita, pensando no prazer que sentia a gente em fazer bem ; e lembrando-se na alegria que Gil havia de ter, quando se visse dono de um bonito ginete, e alindado em finas roupas.

Ao lusco e fusco desse mesmo dia um fere-tro sahia da modesta casa de Estacio, e levava ao seu ultimo jazigo a finada D. Mencia. Se-guiam-na duas pessoas sómente, Vaz Caminha, e mestre Bartholomeu Pires.



V.

A caça caçando o caçador.



Reboa pela mata o canto dos Tupinambás.

Está o sol á pino ; porém na floresta reina pallido crepusculo.

Um joven cavalleiro e seu pagem infante avançam silenciosos ao través da folhagem densa ; parecem buscar alguma cousa, pois examinam com

atenção extrema, ora os troncos das arvores, ora o capim lustroso que recama o chão. Afinal o mancebo solta uma viva exclamação que indica ter achado o objecto de suas laboriosas pesquisas:

— Ei-lo, Gil !...

— Onde, Sr. Estacio ?

— Aqui, não vês ?... Coberto todo de limo e cipós.

— E' verdade ! Quem o descobrira !...

— Já decorreram mais de vinte annos des que meu pae aqui esteve, e depois disso quantos acontecimentos passaram, quantos vivós se finaram ! O tronco ao menos, embora decepado, abi está como elle o deixou !...

A arvore era um grosso jacarandá ; o tronco fôra cerrado na altura de doze pés ; á meio d'elle, na face voltada para o oriente descobrio Estacio encravada profundamente no cortex a letra—R—, desenhada com linhas de pregos. Depois de um instante dado á emoção de rever um objecto que ainda guardava o traço das mãos paternaes, o mancebo abateu á golpes de machado o velho tronco.

Quinze dias eram já passados depois que deixára Estacio a Bahia ; o filho viera rastreando o caminho que fizéra vinte e tres annos antes o pae, e

destruindo sua obra para que outros não lograssem o fructo de seu trabalho. Chegando perto do lugar onde conforme o roteiro devia estar apposto um marco ; elle acampava a sua gente, e affastava-se só com Gil. Tratava de descobrir o padrão que Roberio deixara, ora nas arvores seculares, ora enterrado em alguma pedra ou botija ; destruia os vestigios e removia o marco para bem longe. Assim vinha á pouco e pouco substituindo ao antigo um uovo roteiro só d'elle sabido, e conforme o conselho de Vaz Caminha escripto em caracteres indecifráveis.

Tomava Estacio suas notas, enquanto Gil tratava de destruir pelo fogo as raizes da arvore, quando lhes chegou aos ouvidos o canto dos Tupinambás. Seu primeiro movimento foi de prudencia ; mas succedeu logo um sentimento de admiração, repassado de doçura ; entre o alarido selvagem que estrugia nos ares, se elevava serena e placida, como a garça remonta ao céo através da borrasca, uma voz sonora que entoava as antiphonas do psalmo christão :

Benedicam dominum in omne tempore ; semper laus ejus in ore meo.

In domino laudatur anima mea !...

Esse cantico sagrado ali no seio do deserto, tinha o quer que fosse de celeste e augusto.

Estacio fez um gesto ao menino e mettea-se pela ramagem na direcção das vozes. Em pouco chegaram perto de uma campina verde, que a floresta cingia, como um regaço. Ahi tinha acampado uma tribu selvagem : vião-se já erguidos a circular estacada e os esteios das cabanas ; as mulheres ligavam as palmas que deviam cobri-las, ou preparavam mantimentos.

No centro estava atado a um poste, nú, com os pés e as mãos jungidas, o apostolo christão que entoava o hymno sagrado. Em torno d'elle esvoaçava um enxame de abelhas bravas, que ferroavam-lhe o corpo secco e mirrado, aos berros das creanças ferozes. Os guerreiros selvagens desfilavam ao som cadente da musica ruidosa, por deante d'elle, vociferando insultos e ameaças.

O mancebo reconheceu immediatamente no veneravel apostolo do deserto, sen antigo mestre do collegio da Bahia, o padre Ignacio do Lourical. O santo homem, votado ao martyrio, conservava a mesma placidez e mansa humildade, que ornava seu modesto semblante, officinando no altar, ou lendo nas aulas. A alma posta em Deus, que elle

via no arroubo de sua fé, não se apercebia do que passava na terra, nem sentia as torturas que o punham ; seu espirito abreviara as tribulações da vida, e já despregava-se de uma carne secca e definhada para voar ao seio do Creador.

Estacio sem reflectir na temeridade do arrojo, impellido por uma força invencivel, sahio da floresta e avançou intrepido.

Avistando-o de repente, os selvagens o contemplaram um instante sorprendidos da apparição ; mas logo um rugido immenso manifestou o prazer feroz dos canibae. O martyr sentindo o furor do gentio desviar-se delle, abaixou os olhos á terra, e conheceu a causa do accidente. Sua veneravel physionomia contrahio-se com expressão de angustia ; porque nessa alma insensivel a propria dôr, as cordas da caridade tinham uma sensibilidade extrema. Tambem elle reconhecera seu antigo discipulo, e lamentando a sua desgraça exclamara :

— Piedade, senhor, para elle que entra agora na vida ! Multiplicae-me embora ao infinito as dôres da agonia, mas á conta dellas salvai-o !

Não é cousa para admirar o que então succedia ao padre Ignacio. Atado a um poste e destinado ao supplicio por aquella mesma horda de barbaros que

dias antes elle conduzia após si do deserto onde a fôra encontrar e governava com um gesto apenas ! Que brusca e violenta transição ! Mais que natural e conforme com a indole do povo selvagem, sempre dominado por paixões subitas, sem o correctivo da lei ou da rasão culta !

O canto evangelico do sacerdote christão impressionara profundamente os tupinambás, apaixonados como todos os selvagens americanos pela musica. A voz suave que lhes entrava no coração devia governar-lhes a vontade: o christianismo fallando-lhes pela linguagem harmoniosa, reprimiu os excessos da embriaguez e da sensualidade. Mas afinal os vicios de que já estava a sua natureza eivada, um instante reprimidos, tomaram o de cima. O maioral da tribu, contrariado em seu appetite libidinoso pelas admoestações do sacerdote, o accusou da morte do velho pagé; a accusação repercutio em toda a tribu; as paixões más rebentaram de novo e com furia maior pelo longo repouso em que estiveram.

O sacerdote percebeu o que passava, e continuou a orar a Deus. Os selvagens o ataram ao poste: para não ouvirem a harmonia melancolica do threno mavioso, se aturdiam levan-

tando medonho alarido. Ao mesmo tempo viravam cuias sobre cuias de aloá e outras bebidas fermentadas, de que tinham sido parcos á conselho do padre; e o insultavam jogando-lhe ás faces a borra que ficava no fundo do vaso.

Conforme o seu rito era a victima destinada ao brodio da vingança; mas como o corpo do velho sacerdote era magro, e a carne dura e coriacea, por lembrança de uma velha, perita nessa cerimonia, tinham resolvido matar o padre Ignacio com mordeduras de uma abelha venenosa, a arapuá. A violenta inflamação tornaria tenra a carne rija e aspera da victima. Partira pois o bando de *colomis* com uma grande cabaça, incumbidos de trazer-lhe cheia do virulento insecto.

Estacio, á mercê da surpresa dos selvagens, apegara-se em um salto do poste, cortára os laços que atavam o sacerdote, e lançando sobre elle o manto, voltou-se para fazer frente aos guerreiros tupinambás que sobre elle se arrojavam em furia.

— Filho, que imprudencia é a vossa?... Elles vos trucidarão !...

— Buscae salvar-vos, padre meu. Minha gente

está d'aqui proximo ; ganhae a floresta e caminhae sempre contra o sol.

— Si a Deos approuver conservar para maiores trabalhos o seu humilde servo, aqui mesmo lhe virá em ajuda, sem que haja mister fugir d'elle que está em toda a parte ; senão, seja feita a sua vontade.

Tomando de novo a frente ao sacerdote, Estacio batia-se já como um tigre contra os selvagens, mas era impossivel resistir por muito tempo á torrente de inimigos que um instante recalcada pela ponta de sua valente espada, borbotava afinal sobre elle, ameaçando submergi-lo. Duas vezes já a morte roçára por sua cabeça : da primeira o salvara o padre Ignacio abraçando-se com um guerreiro que brandia o tacapé prompto a espedaçar-lhe o craneo ; da outra Gil. O menino invadido pelo terror deante do terrivel espectaculo que se desenhava a seus olhos, ficára extatico no lugar onde o mancebo o deixára ; mas vendo a alguns passos d'elle um indio que envergava o arco para ferir no coração a seu querido cavalleiro, tirou do amor coragem e correndo sus ao selvagem cravou-lhe o punhal na ilharga. As mulheres o cercaram e fizeram sua presa.

Estacio considerava-se perdido ; a onda de inimigos enovelou-se sobre elle.

Resoa nesse momento pela matta o canto da saracura ; um troço de homens rebenta da floresta e cahe em cheio sobre os selvagens, como um bando de abutres sobre a carniça. Estacio atordoado com o impeto dos inimigos, ficou mudo de espanto vendo a seu lado o curto mas destemido Antão Gonçalo que brandia uma catana maior que elle.

— Era mais que tempo, commandante ; senão mettiã a pique a capitaina !... Diabo ! Dez contra oitenta flamengos, vá !... Mas um e meio contra cem, não é do ajuste !...

E o Gonçalo tanto fallava, como talhava, porque os selvagens mais enfurecidos com o novo ataque, se tinham arremessado contra elle e sua gente, a qual não passava de uns vinte combatentes. Mas a senha da banda, o grito da saracura, soltado por elle, tinha echoado longe.

Pouco tardou que João Fogaça com o resto da companhia não apparecesse na beira da mata.

Perfilando a descommunal estatura, para vêr melhor o que succedia, o capitão de matto soltou o seu habitual e pachorrento :

— Oh ! oh !...

Os tupinambás voltaram-se ao ouvir a exclamação, e reconheceram a figura gigantesca do terrível bandeirista cuja fama enchia os sertões :

— Morubixaba ! murmuraram com respeito.

Immediatamente abaixaram as armas, e retrahiram sobre si, promptos sempre á defessa, mas disistindo do ataque.

João Fogaça passou tranquillamente em face delles ; apertou a mão a Estacio e beijou-a ao Revd. Padre Ignacio. Instruido do que acontecera o capitão do mato deu logo suas providencias para curativo do pobre sacerdote, cujo corpo apresentava já com a inflammação um aspecto disforme ; as fricções de fumo e aguardente alliviaram o enfermo que afinal consentiu repousar algumas horas, depois de obtida a promessa formal de perdão para os selvagens.

João Fogaça prometeu que não se derramaria sangue, nem inflingiria castigo corporal ; mas usando de um direito que elle se outorgára de sua propria autoridade sobre todas as tribus selvagens, o direito de feudo, escolheu dentre os guerreiros tupinambás, dez dos mais robustos e benı parecidos para encorpora-los como re-

crutas a sua companhia. Feita a escolha forão os novos *saracuras* entregues ao Antão para educa-los ; e aos tres *Sentidos* para estuda-los. No dia seguinte podia qualquer delles escapar-se que os tres indios lhes iriam no encalço.

Como se achava ali tão a ponto capitão do matto ?

Sahindo bruscamente da casa de Christovão duas semanas antes João Fogaça interrogou os indios e confirmou sua primeira suspeita. Immediatamente se poz a pista do Padre Molina que suppunha achar-se ainda em sua cella.

No dia seguinte por volta da noite os seus tres *Sentidos* que elle deixara nas visinhanças do Collegio vieram adverti-lo da partida do jezuita. Segundo as explorações dos selvagens o homem negro devia ter embarcado na tercena dos Padres. A galeota que o conduzira acabava de chegar sem elle. Facil foi a João Fogaça empalmar um dos escravos remeiros que se deixara ficar na praia ; e d'elle arrancou a força a noticia do lugar onde ficara o jezuita.

O capitão de mato mandou a Antão Gonçalo que estivesse prompto com a gente a partir naquella madrugada para Maragogipe ; e de seu

lado aproveitou a hora que lhe sobrava para arranjar de uma feita o malfadado embeleco que o trazia bambo, tanto havia. Seguiu elle rua abaixo com geitos de quem procurava alguma cousa ; e de facto assim era. João Fogaça buscava uma batina, trajo tão facil de encontrar naquelle tempo, como ha annos uma casaca e hoje um rodaque.

A poucos passos achou-se o forasteiro com uma rapada, mas sisuda batina, que lhe cabiu no gotto; pelo que foi logo sem mais partes travando da espadua que a envergava :

— Vamos, Reverendo, depressa que o caso é apertado.

Ou fosse o padre de facil accomodar, ou cuidasse que se tratava de alguma confissão, o caso é que lá foi seguindo as guinadas do capitão do mato : e ao cabo de uns minutos chegou esbaforido a casa da Mariquinhas dos Caixos.

— E' ali que mora ella l disse João Fogaça parando em frente.

— Então está a decidir ? perguntou o sacerdote. Levai-me junto della irmão. Não quereis vir ?

— Largae-me, reverendo. Não é caso de confissão nem de molestia, mas d'outra cousa.

— De que então ? perguntou o padre desconfiado.

O capitão do mato arfou como uma montanha que xae desabar.

— De matrimonio, padre ! Ide, procurae pela Mariquinhas, viuva do Zé Tendeiro ; em vos ella apparecendo, disei-lhe : — « Mulher venho para vos casar com o João Fogaça que ali está no canto esperando. » Si ella quiser, chamar-me-heis : se não dae-me aviso de longe que me suma por este mato afora. Ide que vos darei pelo casamento ouro e não prata.

Uma hora depois , a Mariquinhas dos Caixos era esposa do seu amado João. Mas não obstante pela madrugada partia este para o sertão em seguimento do padre Molina. Quinze dias já tinha de jornada, quando felizmente para Estacio e o Padre Ignacio, surgiu tão a proposito.

Mal se desvencilharam dos tupinambás, o capitão de mato chamou Estacio á puridade :

— Não ha tempo a perder ; em marcha senão é difficil alcança-lo.

— Quem ?

— O jesuita. Quem mais ?

— Si o deixei a meio dia de viagem !... respondeu Estacio sorrindo.

— Hontem ; mas hoje já vos elle ganhou a dianteira e vae a bate-bate. O espertalhão do frade está bem montado e traz comitiva de cavallos.

— Então á caminho.

Nesse instante o padre Ignacio aproximou-se dos dois :

— Padre meu ! disse João Fogaça. Mal sabeis que sois a causa innocente de estar eu agora por este sertão bem arrenegado de minha vida !...

— Disei o como, filho !

— Não o direi, não, para vos não affligir o coração. Mas eis um caso em que se vê como Deus escreve direito por linhas tortas.

— Sabios são sempre os designios da Providencia ! murmurou Estacio.

— Amen, filho !

— Si não vos tivesse eu encontrado uma vez nestes sertões com uma creancinha nos braços, acalentando-a com um carinho de mãe, não me teriam feito irmão ou não sei o que da Companhia, e não me houveram obrigado em respeito á vossa virtude a prestar meus serviços para uma acção má !

O sacerdote pôz os olhos no céu.

— Mas também, se isso não fôra, o cavalleiro que primeiro vos defendeu e eu que cheguei á tempo de ajuda-lo, não estaríamos aqui á ponto de salvar-vos. E eis o caso ! Peior que fosse me daria por bem pago com o resultado, não vos parece, Sr. Estacio.

— Sem duvida !

— Perdoai filho á este pobre peccador o mal de que foi causa involuntaria !

— Bom ! Aguas passadas !

Voltando-se para o lado, gritou :

— Olá, Antão. ordenae já uma rede as costas dos recrutas para conduzir o Padre Mestre !... E á caminho sem detença !...

— Não póde ser como dizeis, filhos ! Agora mesmo vinha eu deitar-vos a minha benção por despedida.

— Onde contaes ir então ?

— Onde Deus me envia ! Vou com o meu povo !

— Para que vos elle pague o amor com ingrãtidão igual ? exclamou Estacio.

— Esta é a minha missão, Estacio, enquanto não chegar a minha hora. Até lá Deus virá em meu auxilio, como hoje, como tantas outras vezes- Aquí

serviu-se elle dos vossos braços valentes, meus filhos ; lá da voz debil de seu servo ; amanhã, ninguém sabe de que. Tudo serve aos poderosos designios da Providencia.

O apostolo abençoou os dois amigos, e partiu-se com a tribu para o deserto de onde não devia tornar.

Estacio e João Fogaça proseguiram a sua jornada depois da breve alta. Caminharam sem cessar o resto do dia e parte da noite ; começava o quarto da modorra, quando lhes surgiram por deante na sombra tres vultos. O capitão reconheceu immediatamente os seus Sentidos. Os indios tinham os braços direitos estendidos, apontando na direcção de uma pequena collina coberta de matto.

— Estamos com elle ! disse o forasteiro ao alferes.

Estacio desde a separação do Padre Ignacio, que ficára pensativo ; aquella nobre abnegação e sublime caridade devião de impressionar uma alma feita como a sua para os grandes e generosos impulsos. Elle envergonhou-se de seu valor e intrepidez comparando-os á aquelle sereno heroismo do martyr , que sem outro estímulo

mais que a fé robusta, se affrontava com o supplicio horrivel e barbaro, e buscava a morte obscura e ignorada com o mesmo enthusiasmo do soldado que marcha á conquista da gloria no campo da batalha.

Estava ainda sob a influencia destas reflexões quando lhe fallou o capitão do matto; sua resposta ressentio-se da preocupação.

— Qual é agora vosso intento, capitão?

— A pergunta não parece de quem é, cavalleiro! Pois não sabeis o que viemos fazer aqui, vós por quem só viemos?

— Sei o fim, nem era crível que o ignorasse, mas não sei os meios.

— Os meios!... Os meios são todos os que apparecerem. Dizei-me cá, si alguma vez em criança cahiste n'agua bastante funda para afoagar-vos... Quando vos vistes nessa dobadoura, estivestes pensando no meio de safar-vos della? Qual! Fostes mexendo com pés e mãos, agarrando-vos no mais perto que achastes para ganhar a terra. Pois assim estamos nós! A terra esta acolá!

— Quereis escutar-me um instante, Sr. João Fogaça?

— Não é cousa que se possa adiar para ao depois ?

— Não ; urge !

— Então fallae !

— Bem deveis de comprehender , quanto me é preciso o papel que me roubaram, e quanto necessaria a sua restituição. Mas se para o conseguir é preciso derramar sangue de innocentes eu renuncio á empreza !

— Estou-vos desconhecendo, senhor Estacio !... Não me pareceis o mesmo homem dos flamengos !

— Lá era outra cousa, eu servia a patria ; aqui sirvo ao meu interesse. De sobra, talvez não tivesse o espirito tocado como hoje de certas idéas.

— Pois então sinto dizer-vos que nada obtereis. O frade maldito não havia de empregar as traças de que se servio, e acompanhar-se de duzentos aymorés bem armados, para vir ao sertão entregar-vos de mão beijada o que tanto lhe custou a pilhar.

— Nem contei eu com isso ! Julgaes que nada se possa fazer por sorpresa e estrategia ?

— Muito se póde, mas tudo não ! Lembrai-vos que são selvagens tambem : os meus sara-

curas lhe são superiores, é certo! Por exemplo, daqui já os vimos, e elles ainda nem nos perceberam; porém se dermos mais vinte passos seremos logo presentidos.

— N'este caso o que melhor me parece é o seguinte. Assegurae-me doze horas de avanço sobre essa gente; é quanto me basta. Tenho um meio de inutilisar o papel na mão do frade.

O forasteiro rio abanando a cabeça.

— Sabeis qual seja?

— Cuidaes então que vos sigo de balde á mais de oitenta leguas?... Guardaes lá vosso segredo; nem eu procuro descobri-lo; mas aquillo que está escripto no chão por força que hei de soletrar!

— Que soletraste vós até agora?

— Desde as terras que foram de vosso pae, onde tinha engenho, vindes destruindo marcos que outr'ora por aqui deixou elle passando; cuidaste que assim o frade perderia o rumo; mas tanto não perdeu, que ahi está comnosco!

— Seguiu o meu rastro!... Terei cuidado em apaga-lo melhor d'aqui em diante!

— E depois desta madrugada que vos elle deixou na retaguarda?...

— Servio-lhe então o roteiro.

— Tudo póde ser ! Creio antes que elle tem outro guia qualquer ; mas enfim com isso não me embaraça ; é negocio vosso, deslindae-o como melhor vos parecer. O que me toca é o papel, que o frade ha de esburnir vivo ou morto ! Fiz protesto disso, o não volto atraz !... Portanto Sr. Estacio, resolvi.

— Já resolvi ; parto nesta hora para ganhar-lhe a deantera !

— Boa viagem então ! Podeis contar com vinte e quatro horas de avanço e mais.

Estacio deu ordens á sua gente e despedio-se de João Fogaça.

A esta hora estava o Padre Molina recostado na rede, armada nos ramos do arvoredor. A alguma distancia ardia o fogo que lançava fugaces clarões, sobre o vulto negro do frade estendido horizontalmente como o alto relevo de uma campã. Em volta do espaço illuminado, dormiam sobre outras redes e couros os famuloz da comitiva. Este centro do acampamento era guardado por uma primeira linha circular de aymorés, á qual outras se iam succedendo até uma distancia de cincoenta braças.

O Padre Molina cogitava, e o objecto de suas cogitações era o mesmo que dois annos havia occupava quasi exclusivamente aquella grande intelligencia; era o segredo das *minas de prata*, esse pedestal que elle pretendia assentar á sua gloria, e sobre o qual baseava a esperanza ao generalato da ordem, e talvez mais tarde ao pontificado.

Senhor do roteiro, que já uma vez lhe escapara das mãos, o Padre Molina mal o recebera dos indios encerrou-se com elle na sala do cartorio e de lá não sahio emquanto não teve de cór as vinte paginas de que se compunha o manuscrito. Depois receiando que lhe pudesse falhar a memoria, não obstante a plena confiança que tinha nella, transportou em cifra para o seu canhenho o conteúdo do folheto.

Nessa mesma tarde partiu para Maragogipe. Em caminho sabe-se como encontrou Estacio; e o mais que então aconteceu. Apenas reuniu-se ao padre Rodrigues, o visitador o despediu fazendo voltar a cidade. No seguinte dia fez-se na volta do sertão.

Logo no terceiro dia de viagem conheceu o padre Molina que Estacio lhe tomara a diantei-

ra e inutilisara os marcos ali postos por seu pae Roberio Dias. O jesuita fora previnido; a mesma idéa lhe acodira, pensando com rasão que Estacio não tivera tanto tempo o roteiro em seu poder sem o copiar ou pelo menos reter de memoria.

Si não fosse o importante subsidio ministrado pela obra do Rev. Manoel Soares, o Padre Molina se achara bem embaraçado. Guiado pela declaração que sabemos conseguiu elle não perder a direcção do roteiro; masurgia deixar atraz o mancebo, e seguir avante sem que elle o pressentisse. Na vespera conseguiu o Visitador o seu intento marchando dia e noite sem descanso; si não fosse João Fogaça estava ganha a partida.

Agora acampado ali naquelle oiteiro, elle esperava para proseguir que sua gente tomasse algumas horas de repouzo necessario depois da batida em que viera. Sabia que Estacio lhe vinha sobre os passos, e só com esforço grande conseguiria escapar á actividade immensa e prompta resolução do corajoso mancebo.

Ouvindo rumor das folhas ergueu o visitador os olhos e discriminou entre o tronco das arvores um vulto humano que avançava cautello-samente.

— Que ha?

O vulto fez gesto de silencio. Era um aymoré que foi ajoelhar junto á rede e fallou ao ouvido do visitador :

— Os tupinambás !...

— Aonde ?

— Pela frente !

— Vem contra nós ?

— Pergunta ao prisioneiro.

Tres outros aymorés sabiam do matto pelo mesmo caminho que o primeiro , trazendo um selvagem amarrado como um porco que se leva ao talho. Descerrados os queixos da corda, quanto bastassem para fallar, mas não para gritar, elles acocoraram o prisioneiro deante do jesuita.

— Tu és tupinambá ?

— Sim !

— Onde estão teus irmãos ?

— Tão longe d'aqui como a perdiz voaria duas vezes !

— Quantos são elles ?

— Meus pés e minhas mãos, e os teus e os destes máos homens não chegam á metade da conta delles.

— Que viestes tu fazer aqui ?

— Pensei que eram meus irmãos que tinham acendido o fogo da hospitalidade !..

Do resto do interrogatorio concluiu o Padre Molina que tinha pela frente uma poderosa tribu de tupinambás a qual se os pressentisse podia ataca-los de emboscada e fazer grande mal ; resolveu pois, apesar da pressa em que ia, esperar ali tranquillo que os selvagens se affastassem. Talvez que estes não os pressentissem ; e no caso contrario estaria em excellente posição de defesa. O que o affligia era a idéa de perder o terreno ganho sobre Estacio ; mas talvez fosse isso a desgraça do mancebo, que atacado pelos selvagens, pereceria victima delles.

O visitador deu pois suas ordens para que fizessem boa guarda e evitassem o menor rumor para não attrahir a attenção dos selvagens. O resto da noite e o dia seguinte passou em continuo sobresalto. Alguns aymorés foram mandados como exploradores mas nada poderam descobrir porque voltavam á cosso com receio de serem sorprendidos pelo inimigo que atidava á caça.

Finalmente escureceu, e João Fogaça, que se tinha servido do ardil dos tupinambás, para as-

segurar a Estacio as vinte e quatro horas prometidas, sacudio o corpo entorpecido pelo longo repouso, e chamou o Antão a quem deu suas ordens.

Pouco depois a companhia do capitão do matto dividida em dois pelotões cahia sobre o campo dos aymorés que estavam preparados para recebe-los. O combate foi renhido ; o Padre Molina com a palavra e o exemplo animava sua gente ; comtudo em face da intrepidez e disciplina com que avançavam os saracuras, os aymorés começaram de recuar, mas com ordem e calma. Graças a essa retirada, o Visitador poudé montar a cavallo com a sua comitiva, e escapar á redea solta.



VI

O cahos eterno do coração da mulher.



Recostada ás almofadas de setim, em languida e melancholica attitude, a formosa Rachel, no encerro de seu mimoso camarim, lia áquella hora, oito da manhã, o livro sagrado de sua religião. O custoso volume embutido de ouro e pedra-

rias estava aberto nos canticos mysticos, á pagina onde se encontram estes versetes suaves :

« Meu querido é para mim como um feixe de myrra ; elle dormirá em meu seio.

« Meu querido é para mim como um cacho das uvas de Chipre, colhidas nos jardins de Engaddi.

« Tu és bello, meu querido, tu és cheio de graça ; nosso leito está semeado de flores. »

Alguma vez a linda judia deixava a mão frouxa e fatigada com o peso do livro pender sobre o collo ; seus olhos, fugindo pelas lijonjas da janella, iam-se ao azul ethereo em busca de uma querida miagem ausente. Ella recordava Estacio ; os dias rapidos que passara junto d'elle, em doce contacto ; as palavras que trocado haviam durante os bellos crepusculos da tarde á tolda do bergantim. E nesse curto prazo de algumas semanas resumia uma existencia inteira, o passado, o presente e o futuro.

A baunilha, a linda e fragrante parasita de nossas mattas, que sobe em zig-zag pelos troncos, ás vezes é mutilada pela fouce do lenheiro ; da formosa haste apenas resta um fragmento, que adhere ainda á arvore. Dotada de uma grande força de vegetação, immediatamente novas rai-

zes espontam, que penetram o cortice do tronco ; e a planta não morre, apesar de lhe terem mutilado a haste e o renovo, o coração e a cabeça.

Assim foi Rachel. Tenra baunilha, que eleva-se á juventude florescente, a decepção cruel de um amor indigno lhe mutilou os dias já vividos, o passado ; o desengano de outro amor não retribuido, arrancou-lhe o futuro.

De toda a existencia só ficou aquelle fragmento, que a ventura illuminara um instante de seus esplendores ; nelle pois concentrou-se toda sua vitalidade ; creou raizes nessas doces reminiscencias ; vegetou e floriu nellas como a baunilha no tronco amigo.

A porta do camarim entreabriu-se, e pela estreita fenda passou o raio vivo de um olhar scintillante, que percorreu o aposento. Então a porta foi á pouco e pouco silenciosamente afastando-se, até dar passagem á uma original e sinistra figura de nosso conhecimento, a bruxa. Com a mesma subtileza, que empregara para entrar no aposento, resvalou pelo tapete e aproximou-se da linda judia, que tinha os olhos baixos e fitos no livro.

Rachel percebeu-a, sentindo o sopro da ardente respiração, que refrangido pelas folhas da Biblia,

crestou-lhe as faces mimosas. Erguendo de repente as vistas deu com os olhos negros e ardentes da cigana, cravados em sua phisionomia, como os dardos de duas lanças.

— Ah! E's tu, Zana! exclamou a judia.

— Sou eu, sim, Zana, a bruxa!... respondeu a mulher, dando á sua voz um tom surdo.

— Quaes novas me trazes?

— Deitei as sortes, e ellas vos são propicias!

— Como assim, Zana?... Acaso permittirá Deus que Estacio me queira?... Donde o soubestes?

— Do destino!... respondeu a bruxa com emphase.

Rachel cabiu em si do seu primeiro assomo de esperanza.

— Está bem, Zana!... Deixemos as tuas sortes por ora; dize quanto soubeste do que te mandei indagar!...

— Creatural... Que desatino é esse?... Crêdes mais nos dizeres da gente atôa, do que nas falias da feiticeira, que adivinha o futuro e o passado, e lê no livro do destino, como na mente dos homens?...

Rachel fez um gesto de impaciencia ao tom emphatico e ao gesto dramatico da feiticeira:

— Ouvide vós, rapariga. Comigo são perdidos vossos disfarces e representações : guarda para quem vos não conheça como eu. Podeis ser feiticeira para todo o mundo, que vos julga velha ; para mim sereis sempre Zana, a moça que foi de nossa casa.

Ergueu a moça os hombros descontente, e trocou o seu papel de bruxa pelo de simples mensageira :

— Seja como quereis, pois para isso me pagaes. Por onde começarei eu ?

— Por elle ; disse Rachel enrubecendo.

— E' partido ha mais de duas semanas para o sertão !

— Para o sertão, dizes !

— Sim, para o sertão, talvez que á caça do gentio para o captivar !

Rachel abanou a cabeça : e uma voz melancolica murmurou dentro de sua alma :

— Em busca de riquezas que deponha aos pés de Ignez. E' pobre, e ella rica de haveres !

— Agora della ? perguntou a rapariga.

— De D. Ignez, sim ! Consequistes o que vos recommendei ?

— Ora ! Já me apalavrei com a gente da casa :

no dia em que vos aprouver levar-me-hão á camera della !

— E vos receberá ?

— Não tenhaes susto. O mais importante porem ainda não sabeis.

— O que é ?

— O casamento com o tal Fernando, gorou com certeza !

— Ah !...

— Mas no mesmo dia parece que o pae ajustou outro !...

— Acabae !... Com quem ?...

— Estaes já afflicta, pensando que seja com o outro !... Qual ! Esse que perca as esperanças ; por lá nada arranja ! O noivo é um tal de Vellasco, gente grande, commendador, e não sei que mais ! Bonito cavalleiro e bem apessoado !... Eu o vi ess'outro dia sahir de lá. Mas como vos disse, parece que o ajuste vem de detraz, pois já hontem se conversou na hora do jantar de marcar o dia !...

Um assomo de jubilo, que a donzella se esforçava por conter nos seios d'alma, rompeu afinal e transbordou em risos pela fronte limpida e as faces brilhantes. O seio de suave contorno arfou

com a inspiração de uma grata esperança. Mas Rachel, do gremio de sua ephemera e sonhada ventura; percebeu o modo zombeteiro com que a mirava a cigana, e toda a expressão prazenteira de sua phisionomia, colhida de repente como a aureola de uma cruz que se extingue, recolheu dentro d'alma.

A judia tornou á melancholia, confusa e contrariada por aquella subita e irresistivel manifestação :

— E D. Ignez?... Como recebeu ella estes successos?... Desagrada-lhe menos o segundo noivo do que o primeiro?...

— A ella, bem sabeis, todos lhe desagradam, desde que não for o desejado! Mas desse está ella bem livre, vos seguro eu!...

— Vive ella triste?... Mais que eu? perguntou a donzella.

— Não sei se mais; porém triste e pesarosa, dizem todos, e só não vê quem não quer.

— Mais! Deve de ser mais!... murmurou consigo Rachel. Porisso mesmo que é amada e presente ja o supplicio de ser entregue a outrem que não o escolhido de seu coração. Terrivel provança hade ser essa para quem não tiver a coragem de

libertar-se da vida assim profanada.... Misera Ignez!... Muito o amo eu, pois torno-me boa para vós que m'o roubastes!...

Rachel deixou-se arrastar pelo tropel de pensamentos que affluiram. Depois de algum tempo ergueu a fronte calma e resoluta :

— Dissestes, Zana, que vos levarão á camera de D. Ignez no dia em que eu deseje!

— Si bem o disse, melhor o farei.

— Pois o dia será o de hoje, e sem mais tardar que esta manhã; agora mesmo!

— La me vou! A fazer o que, dizei!

— Não ireis, não, Zana!

— Ninguem vos entende.

— Irei eu em vossa pessoa e com vosso traje e pareença!

— Estaes bem em vosso juizo são, menina?

— Não me recusareis isso, Zana; aqui tendes nesta bolsa quanto ouro possuo: tomai-o todo para vós; dar-vos-hei mais depois. E' preciso que eu falle á Ignez e hoje mesmo. Ninguem me reconhecerá; tomar-me-hão por ti.

— Não vos falta o animo de vos trajardes assim, de velha bruxa?... E então correr as ruas só-sinha!...

— Tu me acompanharás até lá ; e quanto ao traje, pouco me importa ; não vou disputar com ella em belleza !...

— Que ides fazer vós ? E' preciso que eu saiba !

— Vou para vê la e... Meu coração me ha hade inspirar no momento.

Depois de alguma, mas já debil resistencia, a cigana deixou-se vencer um pouco pelos rogos de Rachel e muito pelo ouro da bolsa.

Procederam logo á permuta dos trajos e ao distarce da bruxa. A velha cheia de rugas que enfrara no camarim. desapareceu como por encanto, deixando em seu lugar uma rapariga cigana, de olhos negros e vivos, tez morena e embaçada, que teria cerca de trinta annos.

Essa rapariga fôra moça caseira do velho Samuel, em companhia de quem esteve desde muito creança e sempre bem procedida e recatada. Um dia porêm, havia dez annos, o Anselmo ou o demo na figura d'elle, como diziam as velhas, lhe transtornou o juizo. Com elle fugio da casa do amo, e por algum tempo não souberam partes della. Mas entre a gente baixa muito se fallou então de uma moçoila que escandalisava as locandas e tabernas com sua desenvoltura e desre-

gramentos. Contavam-se cousas de arripiar carne e cabello.

Parece que o remorso ou a vergonha do estado á que chegara a emendou ; pois de repente não se fallou mais da rapariga. Buscou voltar á casa do amo, que a engeitou. Balda então de recursos, e muito despresada em sua verdadeira pessoa, adoptou aquella profissão de bruxa, d'onde tirava algum meio de vida ; era uma mendicagem disfarçada. Todos em geral a tomavam por velha e feiticeira ; mas Rachel, de quem ella sempre se valeu, sabia do segredo.

Reduzida á sua verdadeira personalidade, e vestida com roupas de Rachel, a cigana occupou-se com diligencia e arte do disfarce da judia, que breve ficou perfeito. A gentil e formosa virgem desaparecera sob a mascara hedionda e sinistra da velha bruxa : ella mesma ao ver-se no espelho, horrorisou-se de sua metamorphose.

— Agora dae-me vosso bahu, a ver si me ageito bem com elle !...

Zana entregou á Rachel o movel pedido, depois de ter imitado a posição em que de costume o trazia. Deu a judia com elle alguns passos no aposento, esforçando por deprimir a na-

tiva elegancia e donaire de suas fórmãs, que apezar do traje velho e maltrapilho, transparecia, como a lindeza da borralheira ao travez da cinza.

• O bahú estava dentro cheio de mil objectos diversos ; perfumes de todas as qualidades, drogas varias com rotulos de nomes estranhos, figurinhas magicas de marfim e ebano, vidrinhos com elixires e filtros ; todo um arsenal emfim de brucharias. A respeito da propriedade de cada um destes objectos e seus nomes, recebeu a improvisada feiticeira uma lição minuciosa. Callou porém a cigana um que estava quasi occulto nos reparmentos inferiores : era uma especie de redoma a ultima de uma serie de seis, todas iguaes. Estes continham narcoticos diversos, de varia força soporifera.

— E esta ? perguntou Rachel.

— Esta !... murmurou a cigana com certo tremor na voz, tambem faz dormir ; mas para sempre !...

Rachel regeitou-a com horror.

— Pois tambem vendeis isso, Zana ! disse ella com exprobração.

— Não é para vender esse, dona !

— Para que o destinaes então ?

— Para nada !... Talvez sirva para encurtar uma existencia desgraçada ! Dai-m'a !

— Não ; deixai-a onde está ! respondeu Rachel com vivacidade.

Que pensamento lhe trespassou o espirito como um relampago ?...

Marcava o quadrante da Sé onze horas. O sol era ardente, como costuma no mez de março : raro passante transitava áquella hora pelo caminho de Nazareth. Duas mulheres, bem rebuçadas, uma em sua capa, outra n'um manto vermelho esburacado, chegaram perto do solar de D. Francisco de Aguilar. Parando á distancia, trocaram algumas palavras, depois do que a mais moça escondeu-se no mato, e a velha bruxa avançou para á porta do solar.

Recebida pelos remoques dos pagens, Rachel sentiu vacillar sua coragem. Foi necessaria a lembrança de Estacio, e o poder que o mancebo tinha em sua alma, para reanima-la. Por felicidade, o rumor que faziam os rapazes attrahiu as escravas, das quaes a bruxa tinha decidida protecção. A judia reconheceu facilmente a mulata indicada por Zana ; e no primeiro ensejo atirou-lhe ao ouvido estas palavras :

— E' agora occasião de fallar á doninha!

— Esperae então.

Momentos depois era a feiticeira introduzida na recamera, onde passava a donzella toda a manhã, entretida com seus labores e prendas. Rachel entrando devorou com os olhos a suave lindeza da nobre donzella; e depois de alguns instantes de muda contemplação, suspirou dentro de sua alma:

— Estacio devia ama-la! Como é formosa, Deus de Israel!...

— Acheguae-vos, boa mulher! Qual nome trazeis?...

— Chamam-me a bruxa. Si tive outro faz disso já tanto tempo, tanto, que nem mais me recordo.

— Que idade então é a vossa?...

— Perdi a conta dos annos, em tal numero são elles. Quando vossa mãe nasceu, já estes cabellos estavam o algodão que vedes! Grande tem sido minha peregrinação na terra, e pesado o fardo desta existencia!...

Proferidas estas palavras com inflexão grave e surda entonação, a feiticeira fincou a fronte no punho e ficou nessa attitudo melancolica. Inezita

a observava, partida entre a incredulidade que em sorriso lhe frisava os labios, e um certo pavor que lhe penetrava máo-grado seu a alma impressionada pela tristeza e miseria da vil creatura.

— E' certo que sois adivinha?

— Experimentae e sabereis!

— Em que pensava eu quando chegastes?

A feiticeira volveu rapido olhar em torno, á vêr si a escutavam as escravas, e respondeu abaixando a voz:

— Pensaveis naquelle que está longe, e ausente no sertão, onde se foi em busca de riquezas para vos merecer!

Enrubeceu Inezita, e vexou-se mas não teve animo de ordenar silencio a feiticeira; esta continuou:

— Viste-o pela ultima vez, fazem hoje quarenta dias, nesta mesma casa! Quereis que pronuncie o seu nome?

— Não!... Não ha mister!...

— Já vedes que adivinha sou, pois vejo em vossa alma como no espelho daquelle trumó.

— Estaes bem longe d'isso, mulher; o que dissestes não passam de meras supposições vos-

sas. Mas si sois adivinha, deveis tambem pre-dizer futuros?...

— Por certo! Estes olhos tem o poder de vêr atravez dos tempos, no paasado como no futuro.

— Então dizei qual será minha sina? Dizei-o abertamente sem receio de assustar-me!

— Di-lo-hei, tal como o estou vendo no livro aberto do destino. Mas para que não duvideis de minhas palavras, começarei por contar-vos o passado; e então conhecereis que nada me é occulto na terra.

— Consinto; mas fallae baixo que vos não ouçam! murmurou a menina designando com os olhos as escravas.

— Arredae-vos, filhas, e cerrae os ouvidos; para que os espiritos que me assistem vos não castiguem; disse a feiticeira para as negras.

Approximando mais da donzella, repetiu Rachel quanto lhe confessára Estacio em suas longas praticas nas solidões dos mares, durante as largas e silenciosas noites da travessia perigosa. O arroubo daquellas recordações do mancebo, travado do ciume acceso em sua alma, davam á palavra e ao gesto da judia um fogo, que ao tra-

vez da feia mascara, scintillava como os fulgores satanicos de maligno espirito.

Inezita palpitava sob as vibrações daquella palavra rapida e animada que desdobrava á seus olhos com vivos traços e côres ardentes a historia de seu puro amor, historia della desconhecida, pois nunca tinha ouvido de Estacio a revelação do que sentia. Agora escutando a narração da feiticeira parecia-lhe, que essas palavras ardentes e apaixonadas, embora passadas por voz estranha, vinham do mancebo, e ella as accetava como delle.

Afinal quando Rachel emmudeceu, e o encanto se desfez, a donzella cabindo em si, exclamou ainda tremula de emoção :

— Foi delle que soubestes toda esta historia, confessae. Outra pessoa não poderia conhece-la!...

— Foi delle, sim ; porque o seu coração como o vosso me estão abertos.

Rachel fitou os olhos na donzella :

— Elle vos quer estremecidamente !... Um amor immenso, que faria á riqueza de muitas mulheres, elle o tem por vós unicamente !... E comtudo, misera senhora, vós sois mais desgra-

çada do que outras que amam sem esperanças no segredo de sua alma!...

— Porque motivo?... disse Inezita estreme-cendo.

— Porque?... Essa que ama sem esperança, é livre, e pois tem na sua desventura o supremo consolo, de pertencer-lhe eternamente. Vós, amada, sereis unida á outrem, e haveis de sofrer o maior supplicio que é possível infligir á mulher!... Quem sabe mesmo si o affecto delle não se tornará em desprezo!...

— Não vos comprehendo! disse Inezita calma e tranquilla.

— Pois não estaes promettida á D. Lopo de Vellasco?

— Estou.

— E as bodas não terão lugar?

— Quem sabe quando?

— Um dia.... Nesse pois vos conduzirão ao altar?

— Em meu pae o ordenando.

— E sereis esposa de outrem!...

— Não o serei jamais senão daquelle que amo e venero como já desposado por esta minh'alma! disse Inezita com serena firmesa.

— Sou eu agora que vos não entendo !

— Obedecerei á meu pae como devo ; mas esperarei no meu coração até o ultimo instante. Aos pés do altar, emquanto não chegué o momento fatal de proferir a palavra sancta, conservarei a fé no meu amor e na graça de Deus. Si então o Senhor abandonar-me na terra, eu irei á elle no céo para lá reunir-me aquelle de quem sómente sou !

— Morrereis ?... perguntou Rachel com ansiedade.

A voz de Inezita respondeu como um echo sereno e mavioso, que reflecte o bramido na sonora espessura da floresta.

— Morrerei !

— Ali mesmo no altar?...

— E onde seria ?

— Mas como ?

A douzella olhou-a admirada.

— Qual genero de morte escolheste, que vos não obstem o intento, aquelles que mais perto vos cercarem ?...

— Não me entendestes, creio. Quando a esperanza desse amor abandonar-me de todo, ella levará apoz si meus espiritos, que só vivem del-

le e por elle. Cahirei pois ali morta, nesse mesmo instante !...

— Misera senhoral... Cuidaes que basta uma vontade firme de morrer para extinguir a vida em nós ?... Como vos enganaes !... Esta que aqui vedes já teve outr'ora um tempo de angustia cruel, em que a existencia se lhe tornou execravel. Pensou, como ora pensaes. Recolheu seus espiritos e arremessou-se á eternidade com toda a força do seu querer. A morte a repudiou ; emfim cobrou os sentidos, e achou-se viva. Conheceu que para partir-se deste mundo é necessario extirpar a alma do corpo. Armou a mão de um punhal e sua mão tremeu porque era fraca ; tentou espedaçar-se cahindo de uma altura sobre as pedras, e sua carne arripiou-se com o presentimento das dores cruas que ia padecer !...

— Na vossa idéa então eu não morrerei em querendo ? exclamou Inezita tremula.

— Cahireis desmaiada sobre a lage ; elles aproveitar-se-hão de vosso desmaio para abreviar a cerimonia, e quando tornerdes em vós, sereis esposa de outrem !

Inezita sentiu gelido horror percorrer-lhe o corpo :

— Mas então que é preciso para se morrer? exclamou ella com anciedade.

Rachel estava em luta cruel que a instantes começara; apertava a cabeça entre as mãos, para comprimir as violentas pulsações das temporas, e ficou assim algum tempo com o queixo enterrado no peito e os olhos cravados no chão. Afinal ergueu subito a fronte; estranho fulgor desferia sua alma, que rutillou na centelha dos olhos e no sorriso dos labios.

— O que é preciso para morrer, dizeis vós?...

— Sim; deveis saber; ensinae-me!

— Basta este pó que vêdes aqui! A feiticeira abrira o bahú e tirára uma redoma:

— Que é isso!...

— Sorve-se o que tem dentro. Vem o somno e dorme-se para acordar com Deus na eternidade!...

— Veneno!...

— Assim o chamam os droguistas; os desgraçados acham nelle o maná da felicidade, que Jehovah chove nos desertos desta vida!

Inezita collou os labios ao ouvido da feiticeira:

— Quereis vender-me este pó, mulher? Eu vos pagarei com esta joia?...

— Guardae vosso rico bracelete de pedrarias, que tão gentilmente ornam vosso braço formoso. Si fazeis apreço deste vidro eu vo-lo darei mas com uma condição?

— Qual! .. Fallae!...

— Que me deixeis beijar-vos na face!...

Ignez fez um gesto repulsivo:

— Horrорisa-vos a minha fealdade; tambem fui moça formosa, não tanto como vós!... disse a feiticeira com uma voz dolente.

Apresentou-lhe Ignez as faces e deixou-se abraçar pela velha, que lhe escondeu no seio o frasquinho:

Rachel tratou de retirar-se:

— Não irei sem vos lèr a buenadicha!

— Lède!... disse Ignez com um triste sorriso.

— O tumulo vos reunirá aquelle a quem amaes!...

— Bem sei que já não ha esperanza para mim; mas espero, porque lhe prometti!...

— Esperae, sim, até o ultimo instante; pois

tendes agora em vossa mão a morte, que separa os que estão unidos, e une os separados.

Rachel parou um instante em face da menina.

— D. Ignez, nobre donzella, despozada de Estacio Corrêa, adeus. Esta infeliz vos sauda até o dia da vossa ventura.

E desapareceu deixando a donzella perplexa entre a esperança e o desengano, a duvida e o terror.

Rachel encontrou no portão Christovão de Avila, que entrava.

Desde a partida de Estacio, que o mancebo fiel á promessa feita ao amigo, tratou de velar sobre o futuro daquelle nobre e profundo amor. A primeira e natural idéa que lhe occorren foi de estreitar mais as relações em que estava com D. Francisco, para assim andar mais ao facto do que passava, e mesmo reanimar a donzella, pois fragil de seu sexo e timida de sua natureza, ella succumbiria na luta, sentindo-se longe de Estacio e sem o apoio de um coração amigo.

Era facil a Christovão, pertencente á melhor fidalguia e muito reputado pela sua pessoa como pela sua linhagem, achar bom agasalho na casa de D. Francisco de Aguilar; comtudo para

que suas continuas visitas não dessem causa á reparo, usou do pretexto de uma cessão de terras fronteiras com o seu engenho e pertencentes ao castelhano.

Naquella hora ia elle pois apparentemente para discutir com o fidalgo as condições do contracto, e realmente para trocar com Inezita algumas palavras.

A donzella apenas soube da chegada do cavalleiro, dirigiu-se á varanda onde habitualmente assistia sua mãe, e ficou como fulminada ao ouvir o que D. Ismenia dizia naquelle instante :

— Como á um amigo da casa, me apresso em communicar-vos a nova importante, Sr. Garcia de Avila.

— Qual nova, dona e senhora ?

— Das bodas proximas de nossa filha D. Ignez com D. Lopo de Vellasco l...

— Ah ! E para quando estão marcadas ?

— Para daqui á duas semanas, no domingo da Paschoela. Approximae-vos, Ignez ; vinde saudar o cavalleiro l

Christovão por cortezia ergueu-se prompto para ir ao encontro da donzella, aproveitando o ensejo para encobrir sua perturbação. Quando elle

se inclinava em face da moça, essa murmurou com um olhar de exprobração :

— Era para isso que me mandastes ter esperança, Sr. D. Christovão?...

— A nova surpreendeu-me como a vós, mas não está ainda tudo perdido.

— Que resta ?

— Em nome de Estacio, senhora, vos digo e mando que espereis até o ultimo instante, até que eu ou elle proprio remetta á sorte a missão de salvar-vos !

— Eu lhe prometti !... Esperarei, mas sem confiança !...

— Talvez não mais tarde que amanhã ella renasça em vosso coração.

Christovão abreviou sua visita e partiu logo sem esperar por D. Francisco :

— E' chegado o momento ! disse elle.

Chegado á casa, fez sellar o seu melhor cavallo, e saltando ligeiro na sella partiu á galope na direcção do Brejo, cujo caminho atravessou com a rapidez de uma setta. Uma hora decorrida, apeava na porta da quinta de D. Lopo de Vellasco.

O commendador o recebeu com a cordialidade usada entre fidalgos.

— A que feliz acaso devo eu a fortuna de vossa visita ?

— Acertastes, commendador ; feliz acaso ! Soube neste instante que corrieis eminente perigo, e apressei-me a dar-vos aviso.

— Já vos rendo graças pela fineza, mesmo antes de saber a casta do perigo.

— Contaram-me, pouco ha, na cidade, que iam correto os banhos de vosso consorcio com D. Ignez de Aguilar, com quem estaes justo e contractado para d'aqui a duas semanas.

— E' exacto, cavalleiro ? Mas que tem isso com...

— E' este justamente o perigo !

— Ah ! E' este !... exclamou Lopo sorpreso.

— Si quereis meu conselho, retardae esse consorcio dois mezes, dois annos... E melhor seria renunciar a elle !

— Por que motivo, não me direis, Sr. Christovão ?...

— Um homem ha que se oppõe á elle..

— De veras !... Com que autoridade ?...

— Reserva elle a rasão de seu proceder para Deus e sua consciencia.

— Entendo !... Reserva a reputação da nobre

donzella !... E esse homem naturalmente é o Sr. D. Christovão de Garcia de Avila ?

— Elle proprio, e decidido, pesa-me de o dizer, a não deixar-vos entrar a porta da igreja, senão passando pelo fio de sua espada !...

O commendador cortejou :

— Já que assim vos apraz, abrirei caminho á minha ventura atravez do peito leal de um tão valente cavalleiro ; mas crêde-me, a dita que me espera ao lado de tão prendada esposa, não apagará a dolorosa lembrança do sacrificio que me ella vae custar.

— Na cortezia sois invencivel, commendador ; espero que não o sereis tanto em outra justa ! Quando desejaes que averiguemos isso ?

— Estou as vossas ordens para quando determinardes !

— Penso que o mais depressa será o melhor ! A honra de bater-me com tão bravo campeão, comprehendéis, que me deve tornar impaciente.

— Tanto mais, quanto é impaciencia que eu partilho !...

— Pelo que respeita ao motivo da contenda, supponho excusado que o saibam.

— Sem duvida ; dois cavalleiros tem o direito

de se trespassarem mui honradamente sem necessidade de dar contas ao vulgo.

— Bem ponderado! Comtudo sabeis que gente ha bisbilhoteira que se occupa em esmerilhar as cousas, e é tão fina, que as inventa quando as não descobre! Dessa tenho eu muito receio; e para derrotar-lhe a curiosidade, não fôra máo cobrir com algum pretexto notorio a nossa querela real!... Si porém isso vos desagrada!...

— Ao contrario; ninguem mais deve relar a reputação de D. Ignez do que seu futuro esposo: estava sim pensando no pretexto de que fallaes, e creio que o achei!...

— Melhor!... Poupaes-me o trabalho de inventar.

— E' hoje quarta-feira. Domingo darei uma grande caçada em minhas terras. Sois meu convidado e a ella assistireis. Na volta censurae a minha pontaria ou taxae o meu melhor veadeiro de podão; e vos prometto que tereis ali mesmo a resposta. Então pé em terra, espada ao ar, e á sorte das armas. Vos serve este meio!...

— As maravilhas! Comtanto que entre o dia de hoje e domingo não celebreis clandestinamente o consorcio....

— Cavalleiro !...: Agora me offendeis e gravemente. Desde que acceito vosso repto por uma causa, escapar á elle por subterfugio, seria indigno !...

— Assim o acreditava de vossa parte, mas para minha tranquillidade queria ouvi-lo.

— Estou prompto si exigis á desembainhar já neste momento !...

— Commendador, vossa mão ! Até domingo !

— Até domingo ! Asseguro-vos que teremos uma bella caçada, a qual muito me penalisaria perder, mais do que....

O commendador ia dizer seu casamento ; porém reteve-se a tempo.

— Mais do que dez mil cruzados ; porém menos do que a vossa estima !

Christovão despediu-se e partiu. No caminho cruzou com um jesuita que trotava modestamente em mula. Era o P.^o Figueira, que informado por seus agentes do proximo casamento de D. Lopo de Vellasco com Inezita, e obedecendo as recommendações do P.^o Molina, vinha insinuar-lhe que adiasse a realisação para mais tarde, até a volta do visitador.

Sabedor da resistencia que fizera o fidalgo á

esse consorcio, não esperava o jesuita achar nelle o menor obstaculo, antes favor e facilidade ao adiamento proposto. Qual não foi pois seu espanto ouvindo em resposta estas palavras terminantes :

— Nunca me passou pela idéa casar-me ; foram lá vossos superiores que me encasquetaram isso na cabeça. Agora queiram elles ou não, a cousa se ha de fazer, no dia marcado e por minha conta propria l...

O frade quiz replicar :

— Assim o tenho decidido, Padre-mestre ; é escusado insistirdes. Mudemos de assumpto!... Ao jantar hei de provar de um certo prato á brasileira de minha invenção, sobre o qual desejo o vosso voto de entendido.

O Reverendo P.^o Figueira não teve remedio se não consolar-se da sua derrota diplomatica nas delicias gastronomicas da opipara mesa do commendador.



VII.

Um impedimento matrimonial não cogitado pelos canonistas.



Quando a brisa mais fresca desfolha antes de tempo a flor ainda viçosa, a haste onde antes se embalançava docemente a fragrante e mimosa creatura fica descoroadada de sua belleza. Uma corola esborcinada, despida de suas brilhantes galas, e estanque de aromas, é quanto resta da flor ; seu

cadaver. Talvez ainda com a seiva da arvore vingue desse polen um fructo fanado e mesquinho; porém não mais estilará ahi um perfume, nem espontará uma petala. A flôr morreu.

Como essa flôr era agora o amor de Christovão. A bonina do seu coração, máu sopro a desfolhára, deixando o calix nú e triste. Sem duvida ainda queria elle á Elvira, como á esposa sua que não tardaria de ser; porém os sonhos azues, os devaneios suaves, as esperanças douradas, pétalas e perfumes das rosas de sua alma, essas se tinham esvanecido. Passara rápida e melancolica a primavera dessa flôr de sentimento; já estava no seu outono, na queda das folhas, quando assomam no horisonte as primeiras brumas.

E' certo que a historia do amor é sempre essa; folha, flôr, fructo, doce ou amargo: esperança, goso, saudade ou remorso. Mas quando o coração passa gradualmente pelas suas diversas phases, ao chegar á estação calma e serena, já está saciado de delicias; não lhe faltam então as gratas reminiscencias para semear sobre a monotonia do presente. Vem os arreboes que douram as sombras da tarde; vem o recordo, essa evocação do passado, embellecida pela imaginação.

Christovão saltara bruscamente da folha ao fructo : seu coração quasi não tivera flor ; o tempo das côres e dos aromas fôra uma hora só, e essa angustiada. Amante apenas, ainda não desposado, parecia-lhe que Elvira era sua esposa desde muitos annos.

Não lhe inspirando já seu proprio amor as illusões douradas que na sua idade são uma expansão essencial á imaginação, as buscava no amor de Estacio e de Inezita. Esse puro affecto, sobre cujos destinos fôra pelo amigo incumbido de velar, era como um poema para elle ; toda a poesia que outr'ora esparzia em seus devaneios, concentrara naquelle assumpto. Afora as emoções do amigo, sentira elle, acompanhando os accidentes daquelle affecto, o desvanecimento do autor inventando a fabula de gracioso conto.

Desde que Estacio partira seu tempo era assim dividido.

Por manhã fechava-se na sala d'armas, e ahí esgrimia muitas horas com escudeiros peritos no manejo da espada. A rasão desse novo habito introduzido em sua vida e seguido com a maior pontualidade, elle proprio talvez não a soubesse. Essa rasão era um mixto de varias causas. Por

ocasião da luta que sustentára no terreiro de D. Luiza, reflectira o mancebo que se mais forte e agil fosse no jogo das armas, não correria tão grande risco. A prudencia e seu amor proprio lhe aconselhavam pois aquelle exercicio, que ao mesmo tempo fornecia algumas horas de distracção á sua alma desconsolada. Afinal resolvido a deffender o amor de Estacio á todo o transe, elle acreditava que morrer pelo amigo não seria bastante; era preciso vencer por elle e conquistar-lhe a ventura. A espada pois que cingia, e agora se tornára de guarda de sua honra e vida á esperanza da felicidade do amigo, era necessario, que elle a manejasse de modo á ter nella plena e absoluta confiança.

A pratica foi sempre a grande mestra da arte. Christovão que era já uma das primeiras espadas da Bahia, tornou-se sem contestação a primeira, depois daquelle continuo exercicio. O proprio Estacio, que podera ser seu mestre, talvez não fosse já senão seu superior.

Ao deixar a sala d'armas, sahia Christovão. O resto da manhã era dedicado ainda á Inezita e Estacio. Ou apresentava-se em casa de D. Francisco, para vêr a donzella e reanimar-lhe a es-

perança : ou indagava dos amigos e conhecidos as novas do dia, receiando que lhe annunciassem a proxima realisação do casamento do commendador.

A tarde e a noite pertenciam á Elvira. A tarde, á Elvira de agora, á misera convalescente, que lentamente tornava á existencia da grave enfermidade ; passava essas horas junto á donzella ; elle vexado, ella pensativa ; mudos ambos, quando não arrastavam um frouxo dialogo sobre cousas indifferentes. A noite, á Elvira de outr'ora, ao anjo dos puros e castos amores, que se escondera nos seios de sua alma ; eram as horas da scisma e da meditação, que elle passava em seu aposento, á luz das estrellas, desde que voltava de casa de D. Luiza até vence-lo o somno da fadiga.

Partira Garcia d'Avila da quinta do commendador, e chegou á cidade tendo em caminho encontrado o P.º Figueira.

Encaminhou-se para a casa de mestre Cabral, licenciado em physica, o mais repntado dos discipulos de Esculapio que havia então na cidade do Salvador, e do qual já se fez menção nesta historia.

— Sr. licenciado venho consultar-vos um caso !

— Estou sempre á obediencia do Sr. cavalheiro.

— Preciso que me informeis qual golpe ou ferida póde acamar um homem por dois mezes?

O physico arrégalou os olhinhos :

— De que vos espantaeis ?

— Meu officio é pençar e não dar golpes, Sr. cavalheiro !...

— Tambem os daes quando é preciso para sarar o corpo ! Esse é o caso. E' verdade que taes golpes pagam-se melhor que as receitas ; e por vossa segurança guardae esta bolsa.

O licenciado recolheu a bolsa, e objectou depois :

— A questão não é de paga, Sr. cavalheiro ; mas de consciencia. Os golpes que eu dou são de bisturi ; e vós me fallaes, se me não enganar, em golpes de espada.

— Sem duvida ; são os de meu officio.

— Bem vêdes que vos não posso ajudar a fazer mal ao proximo.

— E si vos eu disser que é bem !

— Ah ! Si o Sr. cavalheiro me promette não fazer máu uso do meu conselho....

— Oh ! applacae vossos escrupulos, mestre Cabral. O caso é de consciencia !... Tenho em minha mão os dias todos que restam a certo individuo : mas como não careço de tanto, e só do sessenta, recorro á vossa pericia, pois sem ella corro o risco de exceder a conta. Entendeis o negocio ?...

— A fallar verdade, ainda não. Si o cavalheiro quizesse aclarar melhor o caso.

— Pois não. Deixae-me vêr a bolsa que vos dei.

O physico fez uma careta, e como se vomitára sangue do pulmão, escarrrou a bolsa do peito do gibão.

— Ahi estão não sei quantas moedas, vinte pelo menos. Posso guarda-las todas comigo, pois não as ganhaste recusando-me o conselho pedido ; mas supponde que desejo apenas tirar duas, e vos peço que me ajudeis a separa-las... Entendeis agora ?

— Perfeitamente ! Então são dois mezes ?

— Nunca menos !

— Para determinar com certeza é preciso conhecer a pessoa.

— Um homem de trinta annos, robusto, antes

bilioso que sanguineo, como dizeis em vossa algaravia.

— E o ferro que ha de servir á operação ?

— Aqui o tendes !

Christovão desembainhou a espada e po-la sobre a mesa, aos olhos de mestre Cabral.

Esto resmungou.

Afinal concluiu :

— Duas pollegadas de profundeza na clavicula, rasgando para cima ; são dois mezes de cama, sendo o golpe convenientemente pençado por pessoa do officio.

— Sereis vós quem terá esse encargo !

— Mas, Sr. cavalleiro...

— Aqui tendes as duas moedas , que sahiram da bolsa. Quanto á cura, alem do que receberdes do enfermo que é rico e generoso, pagar-vos-hei em dobro. Domingo proximo pela madrugada estae prompto, de mula sellada á porta, que mandarei por vós.

Christovão sahindo accrescentou :

— Escuso recommendar-vos segredo, pois é dever do officio. Afiae a lanceta , mas embotae a lingua.

— Não haja cuidado.

Dali foi o mancebo ver Elvira, com quem passou as horas merencorias da tarde.

No dia seguinte, logo pela manhã encerrou-se elle na sala d'armas com Affonso. O escudeiro envergava um desses corpos de algodão, muito usados naquelle tempo no Brasil, de preferencia ás couraças de metal fabricadas no reino ; porque estas, além de mais pesadas e incommodas, tinham o inconveniente de repellir com força os arremessos das settas e dardos, que resvalando pelas faces polidas iam ferir os proximos combatentes ; emquanto que as outras embotavam o golpe.

Sobre o hombro direito estava cozida uma chapa de pita ou cortiça , que devia servir de alvo á ponta da espada. O combate começou ; o escudeiro defendia-se com toda a vigilancia e destreza ; não obstante foi tocado primeira, segunda, terceira vez. Cada volteio que fazia a lamina do cavalleiro embebia-se no alvo ; mas a difficuldade não era essa, e sim medir com certeza a profundidade do golpe.

Chegou á final o domingo emprazado para a caçada.

Christovão, trajando luzidas roupas, apropriadas á festa , montou seu fogoso e brilhante cavallo

turdilho, e partiu para S. Gonçalo acompanhado de dois pagens trajados com as cores de sua casa. Na altura do Carmo encontrou elle o licenciado Cabral que chotava na classica mula, em companhia do escudeiro Affonso que o fôra buscar.

A manhã estava linda ; a alvorada apenas vinha rompendo. Ao longo do caminho que serpenteava por entre o viçoso arvoredado, os sahies e os colleiros, voando dos ninhos preludiavam o raiar da alvorada ; e as flores silvestres da mangaba e do cajá abriam a caçoula de seus perfumes. O mancebo atravessava por essa galeria verdejante, como pela nave cheia de harmonia e incenso de um templo christão ; a serenidade voltara á sua alma ; elle sentia-se quasi alegre ; e uma vez a illusão que o possuia desenhou-lhe a scena da celebração do casamento de Inezita com Estacio.

Christovão revivia nos amores daquelle par gentil os santos enthusiasmos que lhe não inspiravam mais seus proprios affectos.

Na quinta do commendador já estavam reunidos muitos convivas ; outros iam chegando quando Avila com sua comitiva entrou a larga porta do pateo. O mancebo foi recebido com effusão de cor-

dialidade, por quantos ali estavam, que todos o presávam pelos seus dotes de cavalleiro, e muitos se honravam da sua amizade. Uns o felicitavam pela sua resurreição, outros gracejavam cortezmente sobre as melancholias dos namorados e o gosto repentino que tomam pela soledade; todos se alegravam com sua companhia.

Passado o primeiro instante de confusão trazida pelas reciprocas saudações dos que chegavam, e pela agglomeração das comitivas, foi logo notada a presença agoureira do licenciado, cujas vestes negras e rosto de pergaminho destacavam como um borrão no meio dos trajos garridos e vistosos e dos semblantes alegres e prazenteiros.

Os convivas se entreolhavam, buscando na phisionomia de cada um a explicação daquella singularidade. Garcia se apercebeu :

— Senhores, requero uma parte do bom agasalho que me fazeis para o senhor licenciado, e conto que a não recusareis, apesar da repugnancia que vos causam os seus recipés e emplastros.

— Teremos este cuidado, independente de vosso pedido, para que não nos carregue a mão quando lhe cahirmos debaixo della.

Um murmurou ao ouvido :

— Que idéa foi a vossa de trazer este matasão á uma caçada?

Christovão sorriu :

— Trouxe o senhor licenciado comigo para decidir uma aposta que fizemos sobre a caçada.

— Ah !

— Qual aposta ?

— Apostei cem moedas com o commendador, que hei de varar o veado, mettendo-lhe o estoque na gorja sem lhe ferir veia ou nervo.

— E eu parei cem moedas em contrario ! exclamou uma voz sonora.

O commendador assomara no patamal, galhardo de sua pessoa varonil, resplandecente das sedas e velludos que o vestiam. Descendo os poucos degráos de pedra veio apertar a mão de Christovão, e dos mais convivas :

— A cavallo, senhores !... O sol desponta ; é a hora em que o cervo deixa a malhada !

Os cavalleiros saltaram lestos sobre a sella ; e a luzida e formosa cavallhada desfilou pelo valle, á doce luz da manhã. O trem de caça, matilhas, pagens, monteiros, guardas, haviam partido ainda noite para o couto.

Uma ocasião Garcia emparelhando seu cavallo com o commendador, encetou a conversa :

— Que tempo loução, D. Lopo !

— Soberbo, D. Christovão ! Melhor monção de caça não podíamos ter ! Ventos escassos, dia claro mas fresco !

— Quereis que vos diga ! Esta gentil manhã está me affogando o coração em ternuras !

— Não cuidei que fosseis tão dado ao sentimento.

— Pois não, D. Lopo. Quando penso que a natureza se enfeitou hoje destes céos tão azues, destes prados tão verdes, destes ares tão limpidos, para despedir-se da gente; e fazer-nos saudades !

O commendador se voltou sorprezo á vêr si o cavalheiro fallava sério : mas topou com um gesto prazenteiro e um sorriso farçola que não enganava.

— Desenfeitiçae-vos, D. Christovão ! E' uma casquilha, a vossa natureza, que a todos se requebra. Bem faço eu que não a cortejo.

— Folgae embora ! Eu não sei que idéas negras me assaltaram !... Esta noite, antes de deitar-me, escrevi meu codicilo !...

— Decididamente cahis na elegia, cavalheiro. Disseram-me já que tinheis queda para a poetica, cultivastes o madrigal! Agora mudaes de genero!

— Gracejo á parte, commendador; escrevi meu codicilo, e como nelle me lembrei de vossa pessoa, quero dar-vos communicação do seu texto.

— Bem!... Me instituistes vosso herdeiro universal.

— Minha mãe havia de querellar do testamento! Mas a terça de que posso dispôr, leguei-a em vossa tenção!

— Para que com ella vos mande dizer missas?

— Pouco mais ou menos. Ides vêr; a minha terça anda em uns vinte mil cruzados; institui herdeiro della qualquer que seja nobre, e queria vingar a minha morte, já se sabe, em combate leal. Caso elle succumba, como eu, passará o legado por substituição á outro e outro e assim successivamente até que vos enviem á fazer-me companhia no outro mundo, ou que renunciéis á mão de D. Ignez de Aguilar!

— A lembrança é engenhosa! retorquiu o com-

mendador mordendo o bigode e parando o cavallo para fitar seu interlocutor.

— Não vos parece?... Vinte mil cruzados já é uma somma boa, e cavalleiros pobres e dextros no manejo de espada, não faltam na terra! Todos os dias estão chegando do reino!...

— Cavalleiro, disse D. Lopo com ar severo, entraria em vosso pensamento a idéa de assustar-me?... Me suppondes alguma creança que tem medo de almas de outro mundo!

— Longe de mim tal idéa!... Sei que em negocio de honra não recuareis, nem mesmo deante de um canhão accezo! Si vos fiz esta comunicação é para que depois do nosso encontro façaes as vossas reflexões sobre o numero das victimas humanas que tem de ser sacrificadas em holocausto ao vosso hymeneo. Talvez essa consideração vos mova, mais que o meu conselho.

— Então o negocio é para vós de vida e morte?

— Dizei de vidas e mortes!

— Bravo, D. Christovão. Batter-nos-hemos até a decima geração!...

Chegada a cavalgata ao couto, foi a caça levantada ;

a corrida começou, dirigida conforme todas as regras da nobre arte da monteria, pelo commendador. O heróe da festa era um velho galheiro, cuja fronte altiva coroava a alta e rija armação. Por muitas horas esse velho rei de matta zombou da velocidade dos fogosos ginetes e do faro dos cães; afinal depois de uma batida contìnua, exausto de sede e fadiga, arrimou-se á um tronco seco e voltou-se para fazer face á matilha; suas pontas agudas rasgaram o ventre á dois ou tres cães; depois desfallecendo vergou a cabeça ao peso dos galhos e arquejou.

Garcia e Lopo chegavam a galope e com elles a chusma de caçadores. O mancebo, á quem fôra designada a honra de dar o golpe de misericordia, como aquelle em tenção de quem era a caçada, recebendo do monterio mór o estoque, embebeu-o no pescoço do veado.

— Perdestes a aposta! exclamaram logo muitos cavalleiros.

— Nem é preciso que o physico decida!

— Nada; disse Christovão; sem o voto delle não me dou por vencido.

— Assim deve ser.

Foram em busca do licenciado que estava

dormindo na sella sobre a paciente mula, e o trouxeram ao campo da contenda. Bem quiz o discípulo de Esculapio nas suas funcções de arbitro, pender em favor de quem o pagava; mas a cousa seria calva de mais: decidiu pois que a arteria do veado fôra traspassada pelo estoque.

— Desde principio que tive o pareo perdido por vós, D. Christovão.

— Sem duvida; era quasi impossivel!

— Não percamos o tempo, que é precioso!

Isto disse Christovão rindo, e olhando o commendador de um modo significativo:

— D. Lopo, sou vosso devedor por cem moedas!

— Nunca foi minha iutenção recebe-las, pois tinha a certeza de ganha-las, D. Christovão. Blasonastes de vossa habilidade, e eu tomei-vos sobre a palavra para melhor convencer-vos de vossa sem rasão.

— Senhor D. Lopo, não estou acostumado á receber licções, e muito menos esmolas!

— Parece que estaes despeitado com a perda da aposta.

— Recebereis as cem moedas ou me dareis satisfacção da affronta.

— Estamos no terreno ; temos padrinhos á escola.

Debalde se interpuzeram os convivas, com especialidade D. Francisco, para conciliar os dois cavalleiros. Foram ambos inflexiveis ; forçoso pois foi darem campo aos combatentes , servindo de mantenedores o castelhano e o alcaide.

D. Lopo não era uma espada de primeira força, com quanto tivesse um jogo regular. Garcia reconheceu logo sua immensa superioridade sobre o adversario ; e demorou-se em saborear a victoria.

— Decididamente não quereis receber as cem moedas, D. Lopo ?

— Si vos pesam, atirae-as aos lacaios, cavalleirol

— Bem sei, rico senhor, que não fazeis caso dos pobres ! Mas todo vosso grosso cabedal não vale o meu pouco, porque com elle não recuperareis o que vão custar-vos as minhas dobras.

— Que é então que ellas vão custar-me, gracioso senhor ?

— Nada menos que um olho !

— Sois jocoso !

— Ficareis como o nosso Camões ! Ai !...

— Que ha ?

— Quasi vos espetastes na minha espada !

— Não tenhaes cuidado !

— Mas pensando melhor, desisto. As damas não me perdoariam jamais o ter desfigurado tão guapo e gentil cavalleiro !

D. Lopo occupado com o jogo, o qual reclamava todos os seus sentidos, não pôde mais dar a replica aos gracejos de Christovão, que já começavam á ira-lo.

— Ficareis sem este senão, D. Lopo ; mas em troca haveis de estar acamado dois mezes, isto é, sessenta dias, para reflectir nas consequencias de vossa pertinacia !

Mestre Cabral, que ali estava perto, de amarello tornou-se verde.

— No primeiro dia depois do vosso restabelecimento, me fareis a honra de assistir a uma caçada em minhas terras de Matoim, onde vos prometto que atravessarei um veado sem lhe ferir nervo nem veia. Não será festa tão luzida como as que costumaes dar ; mas escusareis a singeleza. Estaes convidados, senhores, para esse dia, e conto comvosco !...

— Com a breca ! Acabemos com isto de uma feita, senão acharemos o jantar recozido !

— Pois seja como dizeis. Ahi vae, ao hombro esquerdo, no jogo do braço... Sentistes?

A espada de D. Lopo saltou-lhe da mão, e o braço cahiu inerte ao longo da ilharga; ao passo que a dor o obrigava a arrimar-se ao hombro dos pagens para não tombar.

— Mestre Cabral! gritou Christovão enxugando a espada.

— Que achaes? perguntou D. Francisco.

— Duas polegadas de profundeza, rasgando sobre a clavícula sem offensa de nervo ou de veia.

— Mas é perigosa?

— Nada! Demanda apenas um curativo de dois mezes.

— A' casa, senhores! exclamou o commendador. O jantar nos espera. D. Christovão, aceito o vosso convite! Daqui a dois mezes! Está dito, senhores.

— Por Santiago, que o caso é galante. Daqui a dois mezes.

Arranjaram ali umas andas com ramos verdes para transportarem o commendador, o qual apesar da febre que sobreveio, ainda fez durante alguns momentos as honras de sua casa, estendido em

um leito de campanha, até que por conselho do phisico o recolheram á sua camera.

A' noite, D. Francisco chegando a casa communicou á mulher o occorrido, observando que as bodas soffriam com esse accidente uma demora de dois mezes. Inezita que o ouvia de parte, agradeceu a Christovão o allivio que lhe dera; mas lamentou o triste acontecimento de que fôra victima uma creatura, a quem ella não odiava senão porque a isso a forçavam.

Os dias correram então mais calmos para a donzella; embora a ameaçasse ainda a desgraça, ella esperava sempre em Deus e na volta de Estacio. Mas foi-se o tempo escoando; a convalescença do commendador proseguia; os dois mezes estavam a findar.

João Fogaça chegou de volta de sua expedição. O P.^o Molina conseguira escapar-lhe, graças á boa cavalgadura, e recolhera á Bahia; o capitão de matto vinha-lhe no encalço, e entrou na cidade na tarde do seguinte dia.

Christovão levou a Inezita as noticias que seu collaço lhe trouxera de Estacio. Sentiu a donzella apertar-se-lhe o coração, sabendo que seu amante estava tão longe della quando a hora em que

seu mutuo destino devia decidir-se approximava : mas havia em sua alma uma esperança que surgia sempre nos instantes da desesperação, para lhe restituir a calma.

Emfim chegou o dia do restabelecimento de D. Lopo de Velasco.

O commendador e todos os seus convivas, inclusive D. Francisco, compareceram á casa de Garcia em Matoim. A festa foi esplendida, e excedeu na riqueza e concerto as melhores que se davam na Bahia por aquelle tempo. D. Lopo foi agasalhado como aquelle em tenção de quem era o banquete.

Quando se retiravam todos, tomou Garcia ao commendador pelo braço, guiando-o até sua commitiva :

— Então, commendador, não renunciaes á mão de D. Ignez ?

— Mas isso é negocio já resolvido, D. Christovão.

— Neste caso recomeçaremos !

— Si exigis !

— Sem duvida l.,.

— Estou sempre ao vosso dispor.

No dia seguinte batiam-se de novo os dois fidalgos ; e o commendador era novamente ferido

no quadril e condemnado á mais dois mezes de cama. D. Lopo se atirara com furia sobre o antagonista resolvido a feri-lo ou succumbir de uma vez. Elle preferia a morte ao supplicio de um curativo lento, insupportavel á naturezas activas e vigorosas como a sua. Mas Christovão, que desde o primeiro desafio continuára á exercitar-se e adquirira maior pericia ainda, burlou todos os esforços do antagonista.

Conduzido á casa o ferido, Garcia enviou-lhe immediatamente mestre Cabral, cujos salutaes avisos é natural servissem para a perfeição do golpe, como da primeira vez succedera,

De volta á cidade, o mancebo ao passar no largo da Sé, viu um palanquim fechado que entrava na Igreja; e reconheceu, nos portadores, escravos de D. Francisco de Aguilar, embora não trouxessem elles a libré da casa. Curioso de saber se Inezita ali estaria com a mãe, foi até a porta da Sé; e dahi avistou o palanquim arreado ao pé do confissionario. Um jesuita meio inclinado junto á portinhola fallava com vivacidade.

— Veio á desobriga! murmurou Christovão afastando-se.

Era costume naquelle tempo irem as damas as-

sim occultas á igreja para se desobrigarem do sacramento da penitencia, e pois não lhe causou aquelle incidente grande reparo. Si porém se lembrasse do costume de terem as casas principaes seu confessor privado, e a de D. Francisco o tinha em muito apreço na pessoa de Fr. Carlos da Luz; si lhe occorresse a indisposição que existia entre os senhores de engenho e os Padres da Companhia, não lhe passára tão desaperebido o incidente.

Depois de longa pratica o palanquim, onde ia D. Ismenia com sua escrava de confiança tomou para Nazareth; o P.^o Molina, pois era elle o confessor, voltando ao collegio, montou a possante mula, e encaminhou-se para o sitio de S. Gonçalo, á visitar D. Lopo de Vellasco.

Na tarde deste mesmo dia foi Christovão á casa de D. Francisco. O fidalgo o agasalhou com a costumada cordialidade; até aquella hora ignorava o ferimento de D. Lopo; e pois gosava da satisfação do completo restabelecimento, que promettia a prompta celebração do consorcio. Irritado pelos successivos obstaculos que surgiam á realisação de um acontecimento tão desejado, o castelhano com o genio ardente e insofrego de que era dotado resolvera apressar a cerimonia.

Communicava naquelle instante suas intenções ; as quaes se reflectiam no semblante de sua mulher em desusada preocupação e na frente da filha em uma sombra mais espessa de melancolia.

Christovão entrando adivinhára o que passava ; e aguardou o ensejo de serenar Inezita, dando-lhe parte do acontecido.

Abre-se a porta ; um pagem entra com uma carta.

Mandava-a o commendador :

« Parece que a Divina Providencia se oppõe a realisação do nosso mais caro voto, pois me lançou de novo, e quem sabe por quanto tempo, no leito da dôr, donde esta vos dirijo. E' urgente que vos falle hoje mesmo ; armai-vos, como eu, de indulgencia e resignação aos decretos do Altissimo. »

D. Francisco amarrotou o papel, irado ao ultimo ponto ; depois abrindo-o, collocou deante dos olhos da mulher que a muito custo soletrou as poucas linhas da carta :

— Vede, D. Ismenia se não é para fazer perder a paciencia á um santo !

— Penso eu que D. Lopo diz verdade !.... A vontade do céo não é que estas bodas se

façam !... Não tentemos a Deus, D. Francisco, que nos póde elle castigar e bem duramente !..

O castelhano olhou sorprezo para a mulher, emquanto Avila aproveitando a occasião fallava á puridade com Inezita.

— Que razões são estas que vos ouço, senhora? Pois não fostes vós sempre a mais interessada neste casamento e a primeira que se delle lembrou?..

— E' certo, emquanto cuidei que fosse conforme com a vontade de Deus, e a ventura de nossa filha. Mas vejo agora o contrario, e para tudo vos dizer, senhor, Inezita pôz seu cuidado em outro, que bem a merece!

— E esse outro não direis quem seja, já que tão bem informada estaes?

— Si já o sabeis!... E' aquelle valente maneebo que aqui entrou ha tempos e o disse em presença de todos nós.

— Estacio Corrêa? exclamou D. Francisco com soberbo alto de voz.

A este nome, Inezita e Christovão estremece-ram e ficaram suspensos dos labios dos dois esposos:

— O mesmo! respondeu D. Ismenia. Inezita

e elle se querem. Os stgnaes da protecção que Deus lhes dispensa são visiveis; devemos pois nos submetter á vontade celeste, abençoando a yentura de ambos.

Inezita, assumpta da violenta emoção, permaneceu um instante naquelle raptó de sua alma, librando-se entre o céo de delicias para onde estava a desferir o vôo, e o abysmo de amargura e desespero, em que ameaçava de novo sepultar-se. Quanto a Christovão, sua esperança fôra rapida e fugaz; porque durante que fallava D. Ismenia, elle vira a cholera funda e terrivel que se condensava no affogueado semblante do fidalgo, e lhe embargara a voz um instante:

— Senhora, não proferi estas loucas palavras; que são praga contra a filha nossa. Pois eu vos juro que se tal acontecesse a maldicção paterna a perseguiria pela eternidade !...

— Ah !...

Grito pungente rompeu do seio de Inezita, agora desfallecida nos braços de uma escrava. Christovão ficou ali, mudo espectador da scena, a olhar triste e merencorio o pallido semblante da donzella. D. Francisco sahiu arrebatado.

Quando Inezita voltou á si ouviu-lhe Christovão um mavioso queixume :

— Só me resta morrer !...

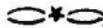
— Animo e esperança ! acodiu Christovão.

— Jámais, jámais serei de Estacio na terra !
murmurou ella estremecendo ainda á voz da
maldição paterna.



VIII

Estrangulação de uma derradeira esperança.



Vamos caminho do Collegio.

Entrada a larga portaria, saudemos o nedio e chorrento irmão Bernardo ; depois subindo a es-laria de pedra e enfiando o longo corredor, che-remos á cella do P.º Molina.

Ali está o Visitador, com os joelhos fincados

na banca de jacarandá, as mãos espalmadas na larga fronte pensativa e o olhar vivo coando pela fresta dos negros cilios abatidos.

Meditá o grande pensador.

Como a phenix, seu espirito renasce das proprias cinzas. Derrocada sua obra pela subita intervenção de João Fogaça, o Visitador obrigado á ceder á força, buscara asylo na cidade da Bahia. Salvara o roteiro é certo ; mas este agora estava reduzido á uma simples curiosidade.

De feito não só possuia Estacio a copia d'elle, bastante para o guiar á jazida occulta das minas de prata ; mas com a idéa que tivera o mancebo de apagar os vestigios e destruir os marcos deixados pelo pae, ficara sem nenhuma serventia o antigo manuscrito.

Era já impossivel evitar que Estacio fizesse a descoberta das minas ; e pois ainda que o jesuita ajudado da informação do P.^o Manoel Soares e de alguma indicação do roteiro, viesse ao cabo da empreza ; não lograria o desejado effeito. O mancebo com certeza se havia de apresentar ao Governador, ou mesmo á El-rei com sua descoberta ; e então mal iriam os negocios da Companhia.

Estacio era pois no momento actual, como fôra em principio, antes da posse do roteiro, o eixo da empresa ; era necessario amolda-lo ; se de todo não coubesse isso no possivel, então forçoso seria supprimi-lo, como um obstaeulo. Ainda não tinha o espirito do Visitador encarado esta segunda face do plano ; por emquanto só trabalhava no primeiro designio.

Conhecia bem o jesuita ao mancebo ; já por diversas vezes, e sobre todas no presidió de Santa Luzia, tomara o pulso áquelle animo vigoroso. A luta engrandecia essa personalidade já de si opulenta, e lhe imprimia uma especie de electricidade moral. Não era que tal campeão atemorizasse o Visitador ; sentia-se elle com forças para o abater ; mas destruir é uma cousa e outra mui diversa o vergar.

O coração de Estacio, como o cerne do robusto madeiro, só era flexivel ao calor de um fogo doce que o embrandecesse. Grande chamma podia abraza-lo ; não o inclinara. Resolveu pois o Visitador tocar aquella alma pela generosidade e sympathia.

Trabalhar pela felidade do mancebo, realisar as radiantes esperanças de seu amor, obter-lhe o

impossível, a mão da nobre e formosa D. Ignez, e esquivar-se na sombra, porem de modo que o mancebo lobrigasse o vulto de seu generoso protector; essa foi a engenhosa traça combinada pelo jesuita.

Consequencia do plano assentado, era ja a confissão de D. Ismenia, á qual sua palavra poderosa havia inspirado a força de pleitear em face do marido a causa de Estacio. Era tambem a carta de Lopo de Vellaseo á D. Francisco, notada e escripta do proprio punho do Visitador.

E' na seguinte manhã que achamos o P.^o Molina em attitude pensativa junto á banca. A maior porção de seu espirito se engolpha na meditação, novamente passando e repassando as probabilidades e circumstancias de seus designios. Um raio porem da exuberante intelligencia destaca, e filtrando no olhar, discorre em torno alerta e vivo. Admiravel duplicidade do espirito, que é dom raro das organizações escolhidas.

Não era facil de perceber o que assim distrahia fora uma fracção da mente recolhida do jesuita. O aposento estava deserto, como a rua, para onde abria a janella do cubiculo: nem um rumor, nem um vulto, cruzava no espaço monotono, cheio

de silencio e claridade. Aos olhos do P.^o Molina porem não escapou, longe, na penumbra das folhas de um alto coqueiro de visinho horto, certa mancha mais escura.

Desde sua chegada á Bahia percebera o frade que João Fogaça lhe tecia uma rede em torno. A cada instante elle sentia á vigilancia do capitão de matto, que o envolvia como um ambiente. Foi necessario que o jesuita se tivesse constantemente sobre as guardas para frustrar os esforços do adversario.

O capitão de matto tomara em ponto de honra o restituir a Estacio o roteiro, e desferrar-se do logro que lhe pregara Molina.

Chegado á Bahia, foi-se a casa de Mariquinhas, sua mulher, á quem abraçou :

— Afinal, eis-vos de volta, João ! exclamou a moça.

— Para vós, não, Mariquinhas, ainda não voltei!

— Que dizeis com isto, que vos não entendo?

— Enquanto me não desempenhar cá de um negocio de honra, que me traz zozzo, não poderei entregar-me a vós, como tanto anseio.

— E porque então ?

— Porque não prestarei para nada mais, se não

for querer-vos com todas as forças de minha alma. Já sois minha mulher, que era o ponto da minha quizilia ; o mais não tarda, fiae de mim.

E poz-se á campo o forasteiro, com seus tres *Sentidos*. Quanta finura e astucia cabiam no possível, foram empregadas, mas sem exito. A sagacidade provada do jesuita burlava os melhores planos. Afinal Fogaça, que não primava pela paciencia, fatigou-se da luta demorada, e assentou de desfechar o golpe. Dias antes enviou ao Visitador um recado escripto, notavel pelo laconismo e vigor do estylo.

Dizia elle :

« Si em uma semana, contada de hoje segunda feira, o papel que sabeis não estiver em minha mão, ou porque o haja eu tomado, ou porque m'o tenhaes restituído ; juro-vos á fé de João Fogaça que vos arrependereis das manhas novas e velhas.

« Tende-vos por advertido. »

Sabia Molina que o capitão de matto era homem capaz de maiores façanhas, e pois não deixou de sentir certo temor lendo a missiva. Comtudo fôra vã para elle a ameaça, si ao mesmo tempo não considerasse na inutilidade do roteiro. Convinha-

lhe acabar com uma luta que desviava a sua atenção de outro ponto ; mas por timbre assentou de não o fazer senão no ultimo dia , que esse era em que estamos.

E' quasi superfluo advertir, para quem já conhece Molina, que não se resolvera á abrir mão do velho manuscrito, sem a plena certeza de não occultar elle algum segredo recondito. Repassou-o dos mais poderosos agentes chimicos, para o caso de haver entre a escriptura apparente alguma sympathica e invisivel ; estudou a forma, o tamanho e até as dobras do pergaminho. Quando se convenceu que toda a alma desse espojo a tinha elle influido em sua intelligencia , então decidiu-se á restitui-lo.

Sahira entanto o Visitador da longa meditação, e tomando a penna escreveu em um quarto de papel estas palavras :— « O senhor Fogaça pode vir. »— Embrulhado o escripto em uma moeda, achegou-se da janella e o arremessou na rua. O coqueiro ao longe estremeceu de leve, e uma sombra rapida cortara os ares ao longo da haste, como si um coco do cacho houverá cahido. Molina voltou o rosto para o mar, simulando contemplar a barra ; quando retrocedeu a vista o papel havia

desapparecido, sem que elle soubesse por qual maneira isso fôra.

Nesse instante arranharam á porta; pela fresta que abriu o Visitador appareceu o rosto prazenteiro e insinuante do nosso amigo Fernão Cardim:

— Como V. Reverendissima recommendou que em vindo o doutor Vaz o avisassem...

— E' elle chegado, P.º Provincial?

— Ainda não; mas vi-o atravessar e si me não engano já o ouço que sobe.

— Faça-me a graça P.º Provincial de o dirigir para cá.

Com pouco entrou Vaz Caminha, cada vez mais vergado pelos annos e acabrunhado ao peso de sua alma. Depois da usual urbanidade, começou o jesuita:

— Estava ancioso por vêr-vos, doutor, e mais por dar-vos certa nova que não esperaes.

— As boas já as não espero, Padre-mestre; ás más porém estou por demais acostumado.

— Optima é, e senão julgareis. Roto é o consorcio projectado do commendador de São Ivo com a Sra. D. Ignez.

— Ah! E' o segundo!

— Com o terceiro parece que assim não acontecerá!

— Pois já ha outro ajustado?

— Ainda não, mas breve; tudo caminha para ahi.

— E com quem, si vos praz?

— A ser verdade o que sei, e o sei de boa fonte, será com vosso afilhado.

— Estacio?

— Estacio Correia, sim, a quem a Sra. D. Ismenia tem no melhor conceito, pois o quer para esposo de sua filha.

— E' possível, P.º Molina?

— Sabei mais então que isto mesmo já o annunciou á seu marido em tom decidido; e bem diz o rifão que « a mulher quando teima é peor que a reima. »

— Outro anexim agora me lembra, Padremestre: « Quando a esmola é grande o pobre desconfia. » Por qual bom padroeiro alcançaria Estacio, desvalido e só, tanto favor?

O advogado pozera no rosto do frade olhos que lhe traspassavam o intimo.

— Pela graça do Senhor, que é o melhor patrono dos infelizes.

Molina fez uma pausa :

— Doutor, Vaz Caminha, já não tenho que esconder á vossa perspicacia. A luta em que andei empenhado cessou. Estacio á esta hora está senhor das minas de prata e possuidor de um novo roteiro escripto por indicação vossa.

— Me emprestaes muita argucia, Padre-mestre!

— Ainda estaes em guarda?... Esperae pelo resto. Minha incumbencia, vindo ao Brasil, foi descobrir o roteiro de Roberio Dias; outra não tive; aquella levei-a ao cabo. A Providencia trans-tornou os designios do Vigario Geral da Companhia, inutilizando o manuscripto; vou pois restitui-lo á seu dono, pondo-o nas mãos de seu procurador.

— Tal não sou eu, já vo-lo disse de outra feita; amigo sómente e mestre; nada tenho com os negocios de Estacio.

O advogado era levado á recusar, por uma repugnancia espontanea, semelhante a do paladar que regeita uma substancia amarga. Essa restituição occultava de certo uma insidia que elle não podia logo prescrutar, mas sentia a insinuar-se.

— Nada se vos póde occultar, doutor. Des-

confiaes ainda da restituição que vou fazer-vos? Pois então sabeis que não a peço de boa vontade, mas forçado. Lede isto.

• Era o bilhete do Fogaça. Em commentario á elle contou o P.^o Molina como lhe servira o capitão de matto de instrumento para subtrahir o roteiro.

— Não quero chamar sobre a cabeça de innocentes os males de feito só meu ; por isso estou decidido a abrir mão do papel. Pelo interesse de Estacio pensava eu que não convinha pôr em mão de terceiro um segredo de tanta importancia , pois sem duvida não esqueceste que o roteiro de Roberio si agora nada vale como guia, vale muito como prova da existencia das minas. E caso tal boato chegue a El-rei, ou mesmo aos Governadores por elle postos nos estados do Brasil....

— Ha de chegar, sem duvida, P.^o Molina ; porque esse é o caminho direito, a estrada real ; e Estacio, si me ouviu, nunca em sua vida trilhará outra.

— Bem vos conheço, senhor Vaz Caminha ; sois o homem da justiça, *vir probus*. Mas entre nós podeis affirmar que a justiça esteja sempre na séda do throno ? Creio eu que as mais das

vezes anda a rojo no estrado, onde calcam os reis as alparcatas de velludo. Lembrai vosso amigo Roberio Dias, condemnado como traidor...

— E' sempre fallivel o juizo dos homens; mas ha o remedio da reparação.

— Tardio, quando não é vão.

— Embora; o mundo não foi talhado á nossa vontade. Julguem os ministros da lei; os ministros da rasão, como eu, pleiteam; os da religião, como vós, P.º Mestre, consolam.

— Não quero insistir, porque iria longe e fóra de nosso sujeito, a controversia. Siga Estacio a estrada real que vai a Aranjuez; mas vêde que é essa a que mais infestam os salteadores. Por atalhos escapa-se á recova; no caminho trilhado ha sempre emboscadas. Offereci á Estacio em troca do segredo das minas de prata o mesmo que desejaes para elle, e mais do que nunca ha de obter; a rehabilitação da memoria de seu pai, largos haveres, fidalguia, e por cima a felicidade de possuir a mulher amada. Não acceitou; é negocio findo; restituo o que lhe pertence e desejo alcance quanto quiz eu dar, ou ainda mais.

Bem comprehendeu Vaz Caminha a força do argumento. De feito Estacio apresentando-se com

o roteiro não obteria de el-rei as vantagens, que um jogador da força da Companhia podia tirar da partida.

— Vejo uma difficuldade só, mas grande no vosso plano. Si a Companhia pretende o segredo das minas é para as explorar ás occultas; e nesse caso como se rehabilitaria a memoria de Roberio.

— E não pudera a Companhia alcançar da corôa o reconhecimento de seu dominio?... Mal a conheceis doutor.

O visítador ergueu-se e foi a porta espiar pelo corredor.

— Estacio brevê estará de volta. Fallae-lhe P.^o Mestre. Quanto á mim, não entendo de taes cousas.

— Já desisti da empreza, Sr. Vaz Caminha. Em poucos dias conto regressar ao reino.

Dizendo estas palavras o jesuita espreitava o corredor, como á espera de alguém. Ao cabo de instantes ouviram-se passos, e Fogaça appareceu introduzido pelo leigo cubiculario.

— Abancai-vos, Sr. capitão; estavamos unicamente á vossa espera para concluir o negocio que sabeis. Resolvi fazer a restituição do papel pertencente á Estacio Corrêa. Este papel, vós o exi-

gis de mim ; mas tendes para isto poderes de seu dono ?

— Não tenho poderes alguns, P.^o Mestre. Mas jurei ao Sr. Estacio , e a mim por estas barbas, entregar-lhe o que por minha simplicidade e astucia vossa elle perdeu.

— Ah ! Si não tendes poderes, então permitteis que ponha o manuscripto em mão do Sr. Dr. Vaz Caminha aqui presente, como pessoa conjuncta de Estacio , seu padrinho e mestre, de mim conhecido. Com elle vos havereis.

— Está direito , disse João Fogaça ; sómente como ha morrer e viver, o Sr. doutor me passará uma clareza disto para que eu me quite com o Sr. Estacio.

— Como vos parecer ! respondeu o advogado.

O Visitador então levantou uma ponta da pesada banca e tirou um chumaço de papel sujo e pulvurento que estava calçando a sapata do pé torneado : aberto o envolvero machucado, appareceu o roteiro.

Fogaça atirou ao ar em direcção ao coqueiro um murro formidavel :

— Bruto ! Tão á mostra e não o vias !...

Molina riu-se, o advogado observou :

— Nada mais escondido, capitão, do que o argueiro que nos entra pelos olhos.

— Aqui tendes o roteiro, doutor !

— Certo que o não receberei assim : lacrae-o e apponde-lhe os sellos para que o guarde eu.

— Primeiro certificae-vos da identidade. Reconheceis a lettra de Roberio ?

— Vejo que é a propria.

Logo apoz se apartaram dalli, o advogado levando o volume lacrado, e o capitão de matto com a devida clareza.

Só na cella, Molina agitou o corpo, como um homem que arremessa de si o torpor ; de feito acabava de pôr o remate ao seu plano ; podia libertar o espirito d'elle, e esperar tranquillo o desenlace. Mas não era o jesuita homem que estivesse unicamente á uma só amarra. Estacio podia burlar sua esperança ; e em vez de aceitar o pacto offerecido, insistir em revelar o segredo á El-rei.

Debruçado agora á banca escreve o frade em um maço de pergaminho. Copia a summa do roteiro de Roberio Dias, dando-lhe melhor estylo e imitando a lettra de um antigo padre, filial do Collegio do Salvador, e ainda companheiro de An-

chieta. Entre os alfarrabios da casa deitara elle authographos, dos quaes aprendeu o Visitador á copiar-lhe o character da lettra.

O tal padre havia apostolado nos sertões de Jacobina, muito antes que o Moribeca por lá andasse. Com um roteiro de sua lettra, envelhecido convenientemente por meios que fornecia a sciencia, a Companhia disputaria o direito ás minas, fundada na prioridade da descoberta. A prova que Estacio podia oppor á isto, os marcos de Roberio, elle a acabava de destruir.

O trabalho do Visitador foi interrompido pelo leigo: trazia-lhe recado de uma dama que o esperava no confissionario. Vendo no corredor a cara embiocada da Brazia, adivinhou Molina quem o demandava:

— Dulce!

Esse nome murmurou-lhe no fundo d'alma. Seu primeiro pensamento foi subtrahir-se ao pedido sob qualquer pretexto; mas viu no passo da dama uma lata que surgia, e teve por melhor desfechar logo o golpe decisivo. Seu tempo era precioso.

— Dizei á dona que desço já.

Dulce ao receber a resposta sobresaltou-se, como quem a não esperava; logo despediu para casa a

lia. Approximando-se do confissionario que ficava mais na sombra, esperou tremula e palpitante.

Veio Molina. Avançou lento e severo; á um seño seu Dulce ajoelhou:

— Aqui estou á vossos pés, senhor; mas não para me confessar!...

— A que vindes então peccadora e por qual razão me daes um mundano tratamento, que não é acceito na casa de Deus por seus ministros!

— Vim para vos supplicar!

— Supplicae ao Omnipotente!

— E a vós!... Por piedade restitui-me aquelle que perdi e era o meu unico bem e felicidade!...

— Sois então muito desgraçada? murmurou o frade com um ligeiro estremecimento na voz.

— Ah! exclamou Dulce travando-lhe da mão. Tendes compaixão de mim!... Obrigada!

— Deus ensinou a caridade! respondeu o frade esquivando a mão. Mas que posso eu em vosso bem?

A dama, atravez das grades do confissionario, pôz nelle uns olhos cheios de exprobações:

— Ainda pretendeis negar-vos á minha lembrança, que vos reconhece Villar, e vos está vendo como no dia em que o bom cura de Palos nos

uniu para sempre? Oh! Não useis de tamanha crueldade, como já uma vez fizestes. Desprezae-me embora, expulsae-me de vossa presença, mas dizei que sois o mesmo, o mesmo que eu amei, e ainda amo como no primeiro dia.

— Estaes presa de uma allucinação, mulher! Por quem me tomaes vós, que vos não comprehendo? replicou o frade friamente.

— Sois meu marido!... Embalde tentareis fugir-me!

— Enlouqueceu a misera! disse o P.^o Molina erguendo olhos ao céu.

— Não enlouqueci, não, apesar dos tormentos que por vós padeci durante quinze annos!... Meu amor, que me trouxe o martyrio, salvou-me!

— Em summa que quereis de mim?

— E' preciso que vo-lo repita?... Venho requerer-vos como meu marido que sois e me deveis amparo e protecção!

— Vejo que presistis em vossa loucura. Já não tenho que fazer aqui.

Dulce ergueu-se de um impeto e esbarrou a sahida do frade:

— Esperae, que ainda não acabei!... Si não attenderdes ao justo pedido da mulher que aban-

donastes.... Sabei que sou rica, e tenho os meios de coagir-vos :

— Ah! E quaes são esses meios? disse o visitador sorrindo.

— Escarneceis?... Foi o melhor letrado desta terra o Dr. Vaz Caminha quem me aconselhou. Irei á Roma, lançar-me aos pés do Santo Padre e elle me fará justiça!

— Que obtereis com isso?

— Ignoraes?

— Pois vos pergunto!

— Oh! bem o sabeis!... Obtereis que sejam annullados os votos que fizestes, contra o sacramento....

— Como provareis que o frade que accusaes seja realmente vosso marido?

— Não tenho eu a prova? disse Dulce tirando do seio a certidão.

— Tendes a prova de vosso casamento com um tal Villar. Mas de certo não podereis provar que esse Villar seja o P.º Gusmão de Molina!

— Eu correrei toda a Hespanha, e derramarei rios de dinheiro para o conseguir.

— Duvido muito!... Mas dado que chegueis á esse resultado pensaes ter ganho alguma cousa?...

— Oh ! de certo !

— Não tereis ganho cousa alguma. O Santo Padre nada poderá em vosso favor.

— Vós me enganaes !... O doutor me assegurou !

— Vosso pudor escondeu naturalmente do advogado uma circumstancia delicada. Si lhe houvesseis dito que vosso noivo se apartára alguns minutos depois da cerimonia, deixando-vos donzella e casta....

— Que tem essa circumstancia ?

— O Dr. Vaz Caminha vos dissera que o matrimonio estava roto pelo voto posterior ; e que já não tinheis marido.

Dulce ficou fulminada. O frade não se aproveitou de seu pasmo para retirar-se ; ao contrario cruzou os braços, e a envolveu em seu olhar sombrio e pesado. A dama afinal arrastou-se outra vez de joelhos aos pés do sacerdote :

— Perdão !... Não quiz ameaçar-vos ! Não tenho a força, nem o direito de fazê-lo ! Ainda que o tivesse não recorreria a nenhuma justiça, nem da terra, nem do céo ! Quero tudo dever á vossa generosidade e compaixão ! Tende piedade desta misera ! Uma esmola de esperança, que vos ella supplica, não lhe recuseis !... Já não sóis

meu ! A igreja me roubou para si o esposo que me deu !... Eu me resignarei á desventura ; porém ao menos o consolo de vêr-vos, de vir alguma vez depositar á vossos pés neste confessorio ! não meus peccados, pois outro não tenho senão o de amar-vos ; mas as minhas tristezas e afflicções ; Que vos custa isto ? Podeis ser fiel á vossa nova esposa, sem condemnar a primeira ao martyrio e ao desespero !...

Não foram estas as unicas lamentações que exhalou a alma da desventurada, cheia a transbordar dos soffrimentos de tantos annos. Quando a palavra estancou no labio seco e arido da formosa dama, as lagrimas rebentaram dos olhos. Oppressa, offegante, ella apoiou a frente ao confessorio para não cahir no pavimento.

O padre que a ouvira todo o tempo taciturno e recolhido, acurvou então o elevado talhe, e deixando cahir na alma da misera algumas palavras surdas, desappareceu :

— Vosso esposo, misera !... Só no céo !...

Em principio esmagada por esta cruel palavra, a dama ergueu-se com esforço sobre os joelhos, e pôz no altar uns olhos ardentes :

— Deus meu !... Elle assim o quer.

IX

Itinerario da decepção ao desengano.



Corria abril.

Era o dia em que Pedro Alvares Cabral avistou a terra brasileira. Celebrava a igreja naquella semana a Paschoa de Nosso Senhor.

Seriam cerca de onze horas da manhã. O céu arreiava-se do seu mais puro azul; nem um ca-

pucho de nuvem manchava o setim do ethereo manto. A luz borbotava do sol como as cataratas de um diluvio de ouro fundido, e immergia a natureza. A luxuosa vegetação ostentava seus primores, e longe de enlanguecer sob os raios ardentes do dia calmoso, ao contrario exultava com essa prodigiosa absorpção de luz e calor, como exulta a bachante com os vapores do vinho generoso.

A terra selvagem parecia trajar as suas mais lindas galas para celebrar a festa natal da civilisação.

Chegado era Estacio ao alvo de seus esforços: a gruta do Pagé abria-se em face delle. Parando um instante para serenar o sossobro de sua alma, penetrou emfim na vasta caverna.

Irrisão da fortuna !

As decantadas minas de prata não eram mais que illusão.

O infeliz mancebo achara ao cabo de tantas fadigas e tribulações uma cruel decepção: a sorte o havia conduzido pela mão, apoz de uma sombra, até que esta tomara corpo emfim e se voltara para rir-lhe nas faces. Penetrando na gruta,

reconhecera o engano de seu pai, induzido em erro pela ignorancia e fabulas do tempo.

Entretanto depois do amargor do primeiro desencanto, sua alma grande consolou-se com a idéa de rehabilitar o nome de Roberio :

— Ainda bem ! Não dirão mais que o perdeu a cobiça !

Permaneceu ali Estacio longas horas. Afigurava-se ao seu espirito que ali naquella gruta subterranea , sanctificada pela memoria do pae, ficavam sepultadas todas as brilhantes esperanças de sua vida. Por tarde volveu ao pouso.

Nesse mesmo instante em que se apartou Estacio daquelle sitio onde deixava morta sua ambição, na Bahia a fé desertara o coração de Ignez, tranzida pelo temor da maldição paterna.

Semanas depois, pelo reconcavo da cidade do Salvador seguia um bando de homens , que logo ao primeiro aspecto se conhecia chegarem de longinquos sertões, e trazerem longa jornada pelo misero estado que apresentavam. Muitos já vinham descalços, com as roupas dilaceradas e cobertas de lama e pó, o passo tropego e pesado.

Era esta a banda de Estacio, que se approxi-

mava do termo de suas fadigas, depois de uma excursão de tres mezes.

A volta fôra cheia de perigos. Varias vezes atacados pelos Aymorés, que lhes seguira a pista, conforme a ordem de Molina, estiveram a succumbir. A' coragem e tino do alferes deviam seus companheiros a salvação.

Estacio não se poupava ; por varias vezes sahio ferido do combate. Ainda não estava elle completamente são de um ultimo golpe que soffrera. Seu andar bem indica o esforço que lhe custa cada movimento ; mas não obstante avança e estuga, animando os companheiros com a esperança de prompto repouso. Gil caminha á seu lado, cercando-o de cuidados que aliviem a fadiga. O travesso pagem, bem crescido para sua idade, era de todos os viajantes o mais fresco e bem disposto.

Como já andavam mais de seis horas, fizeram uma alta para tomarem algum alimento e repouso.

— Não chegar ainda hoje !... diz Estacio ao pagem.

— Oh ! não passa de amanhã !

— Amanhã ! repetiu o mancebo com desanimo. Não sei que tristeza maior se apoderou de mim

esta alvorada !... Tenho cerrado o coração ! As vezes quer me parecer, Gil, que hoje na Bahia se decide do meu destino !...

— Não vos deixeis apoderar destas ruins lembranças, Sr. Estacio ! Chegaremos com tempo, vos prometto e seguro.

Estacio fez um gesto negativo.

— Serias tu capaz, Gil, de um esforço que infelizmente não me consente esta ferida mal curada ?

— De que não serei eu capaz em serviço vosso ?

— Estamos proximos do mar. Esforçando tu podes alcançar a costa ; toma ahi um barco que te levará á cidade em uma hora com o vento que faz.

— Prompto ! replicou o pagem erguendo-se da relva de um salto.

— Aqui tens dinheiro para afretares o barco ; paga bem. Em chegando irás direito á Christovão , e dize-lhe onde me deixaste.

— Somente isto ?

— Somente ; elle virá ao meu encontro, e então saberei... o que tremo de saber.

Gil poz a clavina á bandoleira, e dispoz-se a partir. No momento de se despedir do amo, uma

incomprehensivel emoção apoderou-se delle, que lhe arrancou lagrimas dos olhos. Triste pensamento o assaltara. Deixava Estacio ali no ermo, ferido, cercado de mercenarios incapazes de dedicação. Quem sabe si tornaria a beijar a mão de seu querido cavalleiro !

O mais estranho porém foi o enternecimento de Estacio ao abraçar o menino. Não era elle homem, cujo coração se embrandecesse á pequeno calor ; tinha-o de boa tempera, e era necessario o fogo ardente das grandes paixões para fundi-lo. Nesse momento não pôde comprehender o que sentia : teve quasi remorsos de arriscar o menino só por caminhos desertos.

Gil partira. O troço de viajantes continuou a jornada até meio dia, quando fizeram outra alta para deixar passar a força do sol. Estacio deitou-se á sombra, e dormiu profundamente todo aquelle tempo. Ao despertar sentiu vigor novo : comeu com appetite, e respirou á larga o ar puro e fresco da tarde.

Nesse instante o nitrido de um cavallo reboou pela campina. O som vibrante do brioso animal prurio o coração do mancebo : ergueu-se rapido correndo o olhar em torno. O poltro approxi-

mava-se aos saltos do lugar onde se achavam ; e avistando-os fugiu arisco para voltar depois.

Estacio arranjou um laço na ponta de uma longa corda ; e ajudado dos companheiros conseguiu apanhar o animal, que montou em pello, á sertaneja. Naquelles tempos o melhor poltro valia duas moedas, que Estacio deixou á sua gente para indemnisarem ao dono, si apparecesse.

Cerrando os calcanhares na ilharga do indomito animal, partiu a galope na direcção da cidade. Desejava ter azas para transpor com a velocidade do vento as quatro legoas que lhe faltavam. Passava em sua alma uma cousa muito natural, e que entretanto lhe parecia estranha ; tendo supportado com resignação durante perto de tres mezes, que tanto durara sua jornada, a ausencia de Inezita ; agora ás abas quasi da cidade, quando só lhe restavam tres á quatro horas de caminho, sentia uma impaciencia e soffreguidão extremas. Como dissera a Gil, parecia-lhe que naquelle dia se estava decidindo de sua sorte na Bahia, e estremecia pensando chegar tarde !...

O dia declinou ; veio a noite ; as estrellas recamaram o azul do céu.

Estacio galopava sempre : apenas tinha feito curta

parada, para deixar que o poltro resfolgasse, da batida e bebesse n'um ribeiro ; depois continuara a correr sobre a cidade. Seriam sete horas, ou cerca, quando avistou as primeiras habitações dos suburbios. Estava em Nazareth. Seus olhos avidos e ardentes vinham já de hem longe buscando o sitio da casa de D. Francisco de Aguilar ; n'uma volta do caminho o edificio lhe appareceu de repente, no seio de um alto clarão.

Involuntariamente o alferes estacou deante da inesperada scena. A luz daquelles fogos entrou-lhe n'alma como um raio de maldição, e o estremeceu. Passado o primeiro deslumbramento partiu ainda mais veloz, lamentando o instante de demora. Então á medida que avauçava, o painel se desenhava mais vivo. A casa de D. Francisco nadava realmente em luz : desde o chão até o cimo, a cingiam coroas de fogos, entrelaçadas com os festões de rosas e as grinaldas de varias flores. As arvores appareciam de longe como transparentes, coando verdes raios atravez da folhagem. Multidão de convivas ondeava cambiando as brilhantes e varias cores de suas roupas luzidas.

Era uma festa, sem duvida. Já chegavam aos ouvidos do mancebo os arpejos da musica, de

envolta com o alegre vozear dos convivas. Qual fosse porém o motivo dessa festa, não o sabia elle e tremia de adivinha-lo !

Chegou afinal ás proximidades da casa ; apeou e embuçando-se no manto de viagem, penetrou na zona illuminada que cingia o edificio.

Em signal de seu regosijo e para dar maior esplendor e animação á festa, mandara o fidalgo que se franqueassem as portas e mais tarde se distribuíssem comezainas e vinhos ao povo ; grande copia delle , excitada pelo banquetê tanto como pela curiosidade, apinhava já os arredores.

Poude o mancebo desappercebido metter-se na pinha de gente que nesse momento, derivando do edificio principal se condensava para a aza direita, onde se via armada uma galeria formada com arcos de flôres e rases das mais lindas ramagens.

Essa arcada servia de passagem entre o edificio principal, e outro de menores porporções, cuja faxada gothica alvejava entre o verde escuro dos sinamomos, á luz das tochas.

Estacio segunda vez estremeceu. Esse pequeno edificio era a capella ; lá estava a cruz negra a apontar para o céo ; e a fumaça do incenso, que enroscava-se em espiraes, e subia as nuvens.

Para que nenhuma duvida mais lhe restasse, resoavam aos seus ouvidos as vozes e chacotas do popular, que parlava das bodas e da formosa noiva.

— Bem me dizia o coração! murmurou Estacio. Amanhã seria tarde.

Affagando o punho da espada redobrou de esforços; porém a multidão era de tal modo compacta, que ainda desta vez a sua tentativa foi baldada.

Ligeira ondulação percorreu a turba de uma á outra extremidade. Era o cortejo que atravessava para a capella; e o povo que se conchegava para ve-lo passar. Estacio foi tomado de um surdo desespero, por não poder atravessar de chofre aquelle muro de carne que se oppunha á sua passagem; concentrando as forças, metteu hombros a multidão, como se fôra uma alavanca e foi levando-a por diante. A gente assim impellida contra a faxada da capella ia declinando á um e outro lado; e abria caminho.

Entrava já o cortejo na capella, quando afinal Estacio conseguiu chegar a porta; nova barreira, e mais formidavel pela estreiteza do lugar, se ergueu a sua passagem; porém a grande massa de

O povo que vinha apoz levou por deante a mó de gente que tomava a entrada ; o mancebo achou-se de repente em meio da capella.

Tinha-se enchido de coragem e com tudo succumbiu deante do espectaculo que viram seus olhos hallucinados.

Aos pés do deão revestido dos habitos episcopaes, uma dama e um cavalheiro estavam ajoelhados, esperando o instante de receberem a benção nupcial. Na posição em que se achava Estacio não podia ver-lhes o rosto, que tinham voltado para o altar ; mas a dama, não era preciso que seus olhos a vissem, pois já seu coração a adivinhára. Era sua Ignez querida, que jurára em despedida não pertencer a nenhum outro homem, senão a elle ; era a misera e mesquinha sem amparo, a quem arrastavam como uma victima, para aquelle horrivel martyrio.

O mancebo sorriu : seu olhar terrivel correu o cortejo de brilhantes cavalheiros, a frente dos quaes apparecia D. Francisco de Aguilar ; a mão que desde o principio tinha ao peito, comprimindo as pulsações precipites do coração, abateu-a sobre o punho da espada. Já o ferro lampejava, e o pé promovera o passo ardido.....

Novo e mais forte abalo prostrou o valente mancebo.

Inezita vovera o semblante para fitar seu desposado? Que deslumbrante belleza!... Sua pupilla negra scintillava, e desferia sobre o cavalleiro raios esplendidos; tinha na fronte uma aureola de rainha; dos labios fluia um sorriso fulgurante, que exaltava toda sua pessoa. O desposado parecia ao contrario esmagado pela emoção; tinha a cabeça baixa, e nem ousava erguer as vistas para a formosa noiva.

A alma de Estacio gemeu em sua afflicção:
— Senhor Deus! Ella o ama.

E abandonou o punho da espada leal! Que podia ella contra tamanha desventura! Ignez o trahia; tinha deixado de pertencer-lhe; já não precisava do seu amparo: nem elle tinha já o direito de perturbar a cerimonia religiosa. Seu direito agora era só um, o da vingança; não contra ella, misera mulher, mas contra quem lh'a roubára. Bateu de leve na espada como se a acalentara, ou lhe recommendasse paciencia; e aguardou o fim da cerimonia.

Viu impassivel a benção nupcial; era um homem morto, já sem sensibilidade para a dôr; a desgraça batia nelle, como o sopro da tempestade.

tade no flanco de uma rocha. Mas a mesma rocha dura e impenetravel um dia a abala e dilacera o raio.

Assim foi elle. Ao terminar a cerimonia ergueram-se os noivos. Estacio não viu, nem ouviu mais nada ; quando recobrou os espiritos estava na capella erma e apenas illuminada por algumas tochas : uma vaga lembrança do que o desacordára, tinha ficado impressa em seu espirito, como o signal de uma queimadura recente na epiderma.

— Christovão !... soluçava os echos de sua alma ! Christovão, meu amigo, meu irmão !

Era realmente Garcia de Avila que se erguera dos pés do sacerdote e offerecera a mão á Inezita para voltar ás salas do festim. Tinham ambos passado por deante daquelle vulto estatico sem nelle reparar. As danças os esperavam ; a sua chegada começára o baile, cujo ruido alegre repercutia nas profundezas do coração de Estacio.

Quando o cortejo sahira da capella e apoz elle o popular, um vulto embuçado, chegou á porta e examinou com attenção a figura do mancebo ; havia alguns instantes que elle o entrevira na multidão, e se pozera á busca. Encontrando-o agora, e confirmando suas suspeitas aproximou-se lentamente.

Estacio o reconheceu; era João Fogaça.

O forasteiro tomou, sem proferir palavra, a mão do mancebo e apertou-a ao coração. Esse coração rude, mas leal, comprehendia a dôr que assolava aquella nobre alma trêbida. Passados alguns instantes de respeitoso silencio, fallou, com voz submissa e fraca, como se receasse offender essa dôr recente e viva.

— Depois do que acabam de ver meus olhos, só esperava que chegasseis, para cumprir a palavra que vos dei, e partir-me l... O papel que vos foi roubado está em mão do doutor: aqui tendes o recibo.

Estacio tomou maquinelmente o objecto que João Fogaça the apresentava:

— Careceis de mim, Sr. Estacio?... Dizei-o francamente!... Tendes aqui um amigo!

— Não proferi tal nome l... De nada careço senão que me abraceis l... O contacto de um coração leal como o vosso ha de fazer bem a esse meu transido e morto pela mais negra perfidia.

João Fogaça apertou Estacio em seus braços, e sentiu os olhos humidos de lagrimas:

— Parto esta alvorada. Vou-me ao sertão com

minha mulher, para não mais tornar. O que presenciarei agora me enjoou do mundo. Antes quero a companhia das feras !

— Feliz quem póde, como vós, salvar delle sua felicidade, para abriga-la longe da vista dos homens !...

Abraçaram-se de novo por despedida. João Fogaça sahiu da capella e afastou-se rapido ; elle tinha medo do que ia succeder, ali, naquella noite.

Entretanto corria o tempo alegre e festivo nas salas ricamente aderessadas. As danças figuradas trançavam coreas de damas e cavalheiros, que ondulavam garbosamente ao som cadente da musica.

Fóra, em torno ao edificio illuminado, agitava-se a chusma do popular, soltando ledos descantes, e levantando brindes aos noivos ; os pagens corriam de nm á outro lado com taboleiros de viandas, e outras provisões, ou com cangiões e botelhas, distribuindo á eito comezaina e bebidas.

Duas pessoas unicamente, e eram os heróes da festa, não tomavam parte no geral regosijo.

Inezita estava anciada ; dir-se-hia que esperava

com impaciencia uma nova que tardava. Contemplando-a, percebia-se a violencia que ella empregava para reter dentro de si uma alma que esforçava por irromper e vasar-se; mas não obstante a sua resistencia de vez em quando desprendiam-se chispas ardentes, que incendiavam o olhar e ferviam o sorriso. Nunca maior paixão e mais possante cholera volcanisou um coração de mulher.

Christovão estremeceu de momento á momento. Volvia então os olhos em torno, como si receasse vêr surgir-lhe em face um espectro medonho. Parecia que um remorso pungente o acicalava. Mas logo apoz a dôr desse remordimento, elle conseguia dominar-se: a inquietação cedia á costumada tristeza; e sobre esta derramava-se uma doce serenidade.

Ninguem em tudo isso reparara. A impaciencia da donzella e o sobresalto do cavalheiro perdiam-se nos rumores festivos do saráo.

Mas de repente um calafrio arripou toda aquella multidão contente e jubilosa. A voz da morte, estridente, lugubre, atravessou o borborinho harmonioso da festa. A respiração estacou no seio da multidão; todos quedaram-se oppressos, in-

Quirindo com os olhos sobre o estranho successo, e sem animo de soltar dos labios a palavra que o terror ali gelara.

Havia causa para a terrivel commoção.

O sino da capella tocava a finados ; esses do-
bres lentos e funebres traspassavam o coração
como os gemidos de uma longa e cruel agonia.
Ao mesmo tempo, sem que se soubesse donde,
nem como viera, derramava-se pela turba uma
voz sinistra ; que apparecera na capella uma cova
aberta, sobre a qual haviam semeado flôres de
laranja.

D. Francisco sabedor do successo, tratou de co-
nhecer a verdade. Eis o que se pode saber
de positivo.

Depois da celebração das nupcias a capella fi-
cára deserta, mas illuminada ainda por algumas
tochas. Sem que ninguem visse como, appareceu de
repente fechada ; mas isto não deu causa a re-
paro, senão quando a gente que girava acerca,
começou de ouvir umas pancadas, como se es-
tivessem cavando a terra. Houve então quem se
benzesse e mal agourasse daquelle rumor em dia
de bodas ; mas o vozear da turba abafou os echos
subterraneos ; e o prazer breve esvaneceu o susto.

Decorrido algum tempo um pagem que andava com um pichel á distribuir vinho entre os grupos avistou junto á capella um embuçado cosido com a parede.

— Já brindastes a senhora D. Ignez e seu nobre desposado, homem !

— Ainda não ! respondeu-lhe uma voz surda.

— Tomse então de beber !

— Que trazeis ahi ?

— Ora esta ! Vinho e do bom !

— Pois eu quero sangue !

O pagem recuou espavorido ; porém mão de ferro travou-lhe do punho e o arrastou. Viu-se elle subito transportado á capella ; no centro estava aberta uma cova com quatro tocheiros nos cantos. O vulto embuçado mostrou-a e desapareceu ; instantes depois o sino começara de tocar á finado. De terror perdeu o pagem conhecimento ; recobrando os sentidos andou esvairado a correr de um á outro lado em busca da porta, antes que acertasse com ella e podesse escapar-se á visão horrivel.

D. Francisco e Christovão encaminharão-se para a capella afim de averiguar do conto, e a maior parte dos convivas os acompanhou. Não fôra hallu-

cinção do pagem ; a cova lá estava aberta, com os tocheiros nos cantos , e as flores de laranja em torno.

— Não passa de um máo gracejo ! disse D. Francisco rindo para dissipar a terrível impressão.

Mas todos viram a lividez que lhe jaspeava o semblante , e o tremor convulsivo que delle se apoderara. A musica , um instante interrompida , derramou novas torrentes de harmonia ; as dansas foram outra vez trançadas ; fogos de artificio e invenções se queimaram para divertir os convivas ; porém não foi mais possível reanimar a festa.

O gelo do tumulto pesava agora sobre a turba á pouco prazenteira e folgasan.

Contavam algumas damas uma circumstancia notavel. Inezita ao saber do acontecido, não mostrara o menor susto. Estava ella ouvindo os dobres do sino com um sorriso doce, como se escutara a mais suave melodia, quando lhe vieram contar da cova aberta de fresco na capella. Voltou-se para as amigas e disse-lhes mansamente, com uma voz meiga :

— E' a minha !... Fizeram bem de abri-la.

Christovão entrou na sala ; tinha percorrido toda a capella e a quinta em busca do embuçado.

Pouco depois voltou D. Franciseo e os cavalleiros que procederam a igual pesquisa, ao sahir da capella, acompanhados de pagens com tochas. Nada absolutamente viram de suspeito.

Eram mais de nove horas.

O cortejo que devia conduzir os noivos á suas casas começou a desfilar. Inezita subiu ao seu palanquim dourado, aberto em fórma de uma concha, e forrado de velludos e sedas; as outras damas tinham palanquins vistosos, embora menos ricos. Christovão, D. Francisco e os cavalleiros montavam luzidos corseis, custosamente ajaezados. Na frente ia a musica, concertando varios toques muito alegres.

Quando chegava a procissão nupcial perto á casa de Christovão, illuminada em festa e aderessada para receber sua nova senhora, repararam as pessoas que iam adiante em um vulto de mulher á atravessar a rua. Quem quer que fosse desapareceu na porta, por entre a numerosa creadagem, ali agrupada para saudar os noivos.

A sumptuosa ceia estava posta em uma sala do edificio, que formava o centro de formoso pavilhão, unido ás casas de morada por uma passagem de varanda.

A longa meza carregada de iguarias, vinhos e fructas, esperava os numerosos convivas. Cavalheiros e damas a cercaram para honrar os seus hospedes e brindarem novamente as felizes bodas.

Logo em principio do banquete Christovão dirigiu-se aos seus convivas :

— Senhores que me fizestes a mercê muito subida de acompanhar-me nesta noite de minha felicidade, tenho outra graça de maior quilate á pedir-vos : e de vossa generosidade espero não a recusareis.

— A demora é o tempo de a declarardes ! respondeu D. Francisco. Fio dos senhores que todos porfiam em vos dar gosto e prazer !

— Certo ! exclamaram os fidalgos. Ordenae de nós como vos approuver.

— Empenho-me comvosco, senhores meus, para que nenhum deixe esta sala do banquete antes de meia noite passada ; porque para esta hora reservo o melhor e mais apurado da festa.

— Artificios de fogo ? exclamaram uns.

— Algum baile á franceza ? acodiram outros.

— Aposto eu por uma serenata !

— Ve-lo-beis, senhores !...

Christovão dirigiu-se á Elvira :

— Permittireis, senhora, que me affaste um instante de vossa presença, pois é para mais alegre torna-la nesta vossa casa ?

D. Ignez poz os olhos no seu desposado e lhe disse com uma voz profunda :

— Ide, senhor !

Avila misturou-se entre os hospedes, e na confusão da turba desapareceu sem que o percebessem.

Recolhido ao gabinete, Christovão como que arrojou de si a tristeza que o opprimia. Seu rosto agora estava mais sereno ; seu labio, si ainda não o inflorava o sorriso, tambem já não o confrangia o intimo soffrer ; o olhar não vagava mais perplexo e timido pela turba, como lhe succedera no sarau ; mas fitava avante com firmeza e calma o alvo de seus pensamentos. Dir-se-hia que era a presença dos convivas que o entristecera e atormentara.

O mancebo tirou do seio um manuscripto que releu attentamente e lacrou. Isto feito chamou seu escudeiro :

— Affonso, toma esta missiva. Quando meia noite soar a entregarás á D. Francisco de Aguilár

na meza do banquete, e lhe dirás de minha parte que a leia á todos.

Christovão atalhou as palavras com um rir franco e aberto :

— E' uma alegre surpreza que preparo á todos !

Alegrou-se Affonso de vêr seu amo alegre e recebeu o lacrado :

— Depois que houverdes entregado a D. Francisco, ouve-me bem ; fecharás a porta que communica o pavilhão ; e a ninguem deixarás penetrar nestes aposentos.

— Farei como ordenaes !

— Vae. A' meia noite em ponto !...

Sabido o pagem, fechou o cavalleiro a porta, e foi sentar-se junto a mesa na cadeira de espaldar. Poz ao lado o punhal, e affundou-se em seus pensamentos.

Um rumor o despertou.

O vulto negro do embuçado estava em pé, deante d'elle.

Christovão ergucu-se lentamente.

O manto escorregou das espaldas ao longo do corpo armado do cavalleiro negro. O sombreiro abatido ao chão por um gesto rapido mostrou o livido semblante de Estacio, e especialmente a

fronte vasta que esmagava com o peso do seu volcão aquelle busto já vergado pela dôr.

— Estacio !...

Distinguiu-se este nome no estalar do grito rouco que prorompeu do peito de Avila.

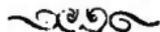
Os labios de Estacio entreabriram-se; mas antes que a palavra escapasse, cerraram-lhe os dentes; ergueu lentamente o braço esquerdo, e desenvolvendo-o n'um gesto energico, apontou com o index para o centro da sala. Christovão obedeceu ao senho imperioso, retrocedendo cada passo que promovia o outro.

Chegados a meio do aposento, Estacio levou a mão ao flanco e a lamina terrivel de sua espada lampejou, soltando sinistros clarões.

Christovão de braços cruzados o contemplava agora immerso em tristeza profunda.

Mais um sorriso brotou nesse pelago de dôres que era sua alma e lhe subiu aos labios.

Desembainhou a espada.



X

Onde o acaso representa seu papel de bufo na tragedia humana.



Retrocedamos algumas semanas.

Na tarde em que D. Francisco de Aguilar ameaçou a filha com sua eterna maldição, Avila ao partir dahi se encaminhou para a casa de D. Luiza de Paiva.

Ia visitar Elvira, á quem não vira depois de

quatro dias, atrapalhado como andava com a sua festa e o desafio que se lhe seguiu.

A tarde estava á findar ; restavam apenas alguns instantes de crepusculo.

Elvira recostada em um cochim defronte do balcão, contemplava o pôr do sol. Nos arreboes que cambiavam côres ás nuvens até que de todo se desvaneciam na sombra livida, figurava ella os varios affectos de sua alma ; tambem os sonhos vivaces e as esperanças douradas se apagavam na pallidez de uma acerba recordação.

A donzella chegára ao termo de sua convalescença, e comtudo nem a rosa voltára á face, nem o sorriso ao labio ; estava branca e melancolica, como um lyrio partido.

Vendo Avila, que chegava, seu bello semblante cobriu-se de uma expressão dolorosa.

— Excusae-me Elvira, por não ter vindo estes ultimos dias ; razão maior....

— Não careceis de justificar-vos, Christovão. Não podestes vir.... Não me queixo, menos vos accuso.

— Tamanha indulgencia, senhora, bem se parece com indifferença.

A donzella dirigiu ao céo os olhos e um sorriso sublime de resignação.

Houve uma pausa. Estes corações, cheios como estavam á transbordar, se refrangiam ao toque um do outro.

— Estaes de todo convalescida, Elvira. Não credes que já seria tempo de fixarmos o prazo....

— Qual prazo, Christovão?

— Para o nosso recebimento.

— Ah!

— Não me respondeis?

Elvira tirou os olhos do chão e levou-os ao semblante do cavalleiro, que estremeceu até o fundo d'alma recebendo o choque daquelles dois raios limpidos e scintillantes :

— Respondei-me vós primeiro. Ainda me quereis, Christovão?

— Duvidaes de meus sentimentos, Elvira! Elles não mudaram.

— Estaes bem certo disto?

— Que singular idéa é a vossa!

— Pois, Christovão, respondei-me pelas mesmas, não por outras palavras. Pergunto-vos eu si ainda me quereis?

— Quero-vos, Elvira!

A donzella sorriu amargamente.

— Porque este coração, que ao de longe conhece o rumor de vossos passos, e vos presente antes que vos vejam os olhos, porque ficou elle agora frio e mudo ouvindo-vos?... Esta não é a voz com que outr'ora me dizieis as mesmas palavras!... Oh! não vos illudi, Christovão, já não sois o mesmo!

— Não estou aqui á vossos pés senhora!

— O que vos tem junto de mim, não é mais amor, não; é a honra. O coração ardente e estremoso que outr'ora por mim se estremecia, morreu; mas o coração grande e generoso, que eu admirei, este é o que me resta. Sois e sereis sempre o mesmo cavalleiro nobre e leal, Christovão; em vossa consciencia vos julgaes apezar de tudo obrigado pelos vossos juramentos; porém eu vos absolveo delles. Rejeito o sacrificio que me quereis fazer de vossa felicidade. Si alguém deve soffrer de um erro que foi meu e só meu, não ha de ser o innocente!

— O que nas minhas acções pôde ter feito nascer em vosso espirito semelhantes suspeitas? balbuciou Avila.

Elvira travou-lhe da mão e cerrou-a com força:

— Em vossa consciencia, Christovão, dizei-me : Sois feliz hoje como fostes nos tempos de nosso malfadado amor ? .

Christovão emmudeceu ; sua alma soluçou no peito, mas não veio aos labios.

— Vêdes !... Não sabe mentir vossa boca !... Felicidade, vos não posso dar mais neste mundo !

O cavalleiro curvou a frente ; as lagrimas reventavam de seus olhos e banhavam-lhe as faces. Como a limpha que borbulha do bambú quando o rompem, era esse pranto de uma alma dilacerada.

Elvira não chorava ; já seus olhos estavam estanques de lagrimas e seu coração mirrado e secco da dôr. Ella olhava tristemente o mancebo, e o pranto que desfiava de suas palpebras ; cada gotta que tombava era um resquicio do extinto amor a transudar do nobre coração que a adorara outr'ora !

Passado um longo e silencioso momento, Christovão despediu-se de Elvira. Não se disse nessa despedida mais palavra do que costumavam nos dias passados ; entretanto quando as duas mãos cerradas um instante soltaram-se uma da outra,

ambas estas creaturas sentiram partir-se o ultimo fio que ainda ligava suas almas.

Avila chegado á casa, ordenou que não tirassem os jaezes ao cavallo, e subiu ao gabinete para escrever. A carta era para Elvira, e continha estas poucas palavras :

« Tendes rasão, Elvira ; a mentida felicidade deste mundo já não existe para nós ; porém outra melhor e eterna nos aguarda na mansão celeste. Essa fé me anima e inspira. Vou lá esperar-vos, esposa minha ! »

Tendo cerrado a carta que recommendou a seu escudeiro levasse á quem era dirigida, ajustou as armas e desceu ao pateo para montar de novo a cavallo e partir.

Onde ia elle áquella hora da noite, desacompanhado e sombrio ?... Ia em busca da morte ; ia arremessar a existencia no primeiro abysmo que o acaso lhe deparasse em caminho. Punha já o pé no estribo quando um cavallo á galope estacou á porta e apeou-se um cavalleiro.

Era D. Francisco. O fidalgo cerrou a mão ao mancebo e levou-o até acima :

— Sei tudo, cavalleiro !

— A que alludis, D. Francisco ?

— Venho de casa de D. Lopo. Comprehendeis agora ?

— Não ; de todo não comprehendo.

— O commendador referiu-me a causa do primeiro e do segundo desafio vosso... Estaes enamorado louco da minha Inezita, D. Christovão !...

— Asseguro-vos, D. Francisco, que vos enganaram !

— Não tendes já necessidade de esconder os vossos sentimentos, amigo !... Sabeis si vos estimo ; o unico obstaculo que se oppunha á vossa ventura, neste momento está removido. Consegui vosso valor o fim á que se propoz ; D. Lopo obteve de mim permissão para retirar seu pedido, e eu corri á vossa casa para ser o portador de tão boa nova e o nuncio de vossa felicidade. Abraçae-me, D. Christovão.

O mancebo ouvira espavorido as palavras do fidalgo ; mas no meio desse espasmo percebia-se a explosão do jubilo que lhe causava a nova da renuncia do D. Lopo. A mão de Ignez estava outra vez livre ! Esse pensamento atravessava a atonia do seu espirito como um raio brilhante do sol filtra entre as nuvens.

O castelhano cerrou em seus braços o mancebo, e proseguiu :

— Quando ao ler a carta de D. Lopo e depois ás suas primeiras palavras, conheci que, como o primeiro, o segundo ajuste de casamento para minha filha tinha de ser desfeito, não imaginaes, D. Christovão, qual desespero foi o meu ! Tive impetos de esbofetear aquelle homem, apesar de prostrado no leito !... Estava decidido á abandonar de uma vez esta terra, que tão fértil ha sido para mim em dissabores ; por estes dias deve partir a frota do reino ; ella me levaria e todos os meus á melhor porto !

— Podestes pensar nisto, D. Francisco ? Uma tão rápida viagem !... disse Christovão estremecendo.

— Para mim não fôra rápida, senão bem demorada. De supplicio cruel seria cada um dia mais que ficasse nesta terra, alvo dos remoques de toda a gente !... Felizmente tudo acabou pelo melhor e com bastante satisfação minha, pois com sinceridade vos digo, que não escolhera outro esposo para Ignez, si de principio conhecesse vossos sentimentos ; e dou-me por bem pago do mal passado pelo bem que trouxe !...

Christovão emmudecera de novo ; estava agora

de debater-se em uma luta terrível travada entre dois oppostos sentimentos :

— Abalou-vos tanto a alegre nova, que de todo vos tomou a voz? insistiu D. Francisco. Estaes ahí tão calado !...

— Tão inesperado foi o que me annunciastes ! balbuciou Christovão.

— Pois deixo-vos só para que melhor vos habitueis á ventura. Amanhã vos espero cedo para que apresenteis vossa homenagem a Inez !

— Amanhã !

— Depois do que ha passado deveis comprehender a minha impaciencia ! Em quinze dias estas bodas hão de estar feitas e concluidas.

Christovão ergueu-se resolutto :

— Uma cousa exijo eu porém.

— Qual ?

— Segredo inviolavel. Ninguem mais além de nós ambos deve saber deste consorcio até o dia em que se elle celebrar. Haveis tambem de sentir a necessidade dessa medida, para evitar os dizeres e murmurações da gente.

— Neste ponto ainda são conformes nossos pareceres. O sigillo será inviolavel.

D. Francisco cumpriu sua promessa. O enxo-

val da noiva, que podia denunciar as proximas bodas, já de ha muito estava preparado e só esperava pelo dia. Sedas, finas baptistas e outras lençarias abertas de renda e crivo ou recamadas de mimoso lavor, enchiam os batus de cedro aromatico, cobertos de charão e vindos da India. Os ricos adereços de diamantes, rubis e perolas estavam encerrados nos cofres de sandalo, embutidos de ouro. Nada faltava, senão o feliz cavalleiro, para a gentil senhora de todas estas lindas galanterias.

No seguinte dia, indo á Nazareth, teve Christovão com Inezita este curto dialogo :

— Dizei-me, D. Ignez !... Tendes alguma esperanza de que D. Francisco consinta um dia em vosso casamento ?...

Inezita sorriu :

— A esperanza é o folego d'alma ; quando ella se apaga, não ha mais vida abi !... Mas bem sei eu que só um milagre póde obter isso de meu pae.

— E sem esse consentimento não sereis esposa do homem a quem amaes ?

— Na terra, não.

— Oh ! Si lhe quizeis como vos elle quer !

— Tudo quanto era meu lhé dei, pois só vivo delle !... Minha pessoa não me pertence, mas á meu senhor e pae. Subtrahi-la á seu poder só o póde Deus, meu creador !...

Christovão ficou algum tempo com os olhos fitos nella, e cheios de ardente fulgor. Depois partiu brusco e rapido.

Correram os dias.

Em Nazareth faziam-se aprestos para uma grande festa. Artezãos e mecanicos fabricavam varias obras, como arcos e pavilhões, ou renovavam as tapeçarias da casa; em frente ao edificio se dispunham as columnas que deviam servir aos varios fogos de artificio. Este desusado movimento excitou muito a curiosidade de todos; mas D. Francisco teve logo o cuidado de applaca-lo, declarando que pretendia commemorar naquelle anno o seu natalicio com uma festa, qual nunca se vira na Bahia.

Na vespera Christovão approximou-se de Inezita. A donzella andava contente desde que se desfizera seu casamento com o commendador: essa liberdade era ao menos uma sombra de ventura para ella, que não podia ter a realidade. Não estar destinada á nenhum outro, era pertencer, embora

de longe e por pensamento, a Estacio. Reparou pois ella na tristeza profunda de Avila e no tom grave com que lhe fallou.

— Pondes vossa confiança em mim? perguntou-lhe o mancebo.

— Em quem a pozera, si a retirasse de vós? Não sois o irmão de Estacio e meu portanto? Não me arrancastes já por duas vezes ao meu fatal destino?...

— Pois si depositaes vossa fé neste amigo e irmão vosso, ouvi e guardae bem minhas palavras.

Avila reflectiu no que ia dizer :

— Qualquer cousa que aconteça, por mais espantosa que pareça, não vos abandone a esperança. Sereis feliz, eu o juro sob minha vida e honra.

— Mas então !... Nova desgraça me ameaça?

— Nada mais vos posso dizer !... Esperança e fé.

Chegou o dia da festa. Era já por tarde, e ainda Inezita não recebera as ordens de seu pae, que a mandara aguardar em companhia de D. Ismenia. Foi quasi ao anoitecer, quando começaram de accender as luzes, que o castelhano veio buscar a donzella e levou-a pela mão até sua recamera.

Entrando, Inezita sentiu-se gelada, como si penetrara em um tumulo. Ali estavam sobre os cochins as suas roupas de noivado, as candidas vestes da innocencia, o véo do pudor, a corôa da virgem, o ramalhete da castidade.

— Esta noite sereis conduzida ao altar, Ignez ! disse o fidalgo.

A donzella curvou a fronte, cruzando as mãos ao céo em attitude de martyr.

— Sabereis em tempo qual o esposo que vos escolhi l...

Que importava a Inezita quem elle fosse ? Abandonou ás suas aias, para que o amortalhassem de galas e riquezas, um corpo morto. Quando terminaram esse triste officio de ornar a victima do hymeneu, Inezita ergueu-se e foi direito ao trumó ; sua mãe buscou alguma cousa na gaveta.

— Ainda não ! murmurou. Elle me disse que esperasse apesar de tudo.

Escondeu o objecto no seio. Chegou então D. Francisco, e guiou a filha pela mão ás salas, cheias já de damas e cavalleiros. Para a sala do docel arrastavam naquelle instante a cadeira onde D. Ismenia, tambem coberta de alfaias e sedas, assistia surpresa áquella festa in-

compreensível. Inezita foi levada a uma cadeira ao lado de sua mãe e ahí ficou estatica e alheia ao que passava em torno.

De repente viu Christovão, trajando aprimorada elegancia chegar-se a ella trazido por D. Francisco, e sauda-la. A presença do mancebo a reanimou; lêmbrara-se de suas palavras da vespera, e sentiu o calor da esperança aquecer de novo seu coração gelado. Emtanto D. Francisco offerencia-lhe a mão, e seguidos pelas damas e cavalleiros desceram as escadarias e tomaram na direcção da capella.

A donzella movia-se automaticamente; seus olhos feridos pelas luzes das tochas que illuminavam o altar, fascinaram-se. Parecia-lhe que não era ella quem avançava, mas a capella, aberta como uma cratera de chammas, que avançava mais e mais até devora-la. Assim achou-se aos pés do sacerdote que officiaava, e á direita de um cavalleiro, de quem apenas sentia o vulto.

Ergueu os olhos ao Christo que dominava o altar; dahi abaixou a prece ao sacerdote e depois ao homem á quem iam sacrificá-la. Seus olhos cegaram de horror; pasma ficou e morta a pupilla. O seu desposado era Christovão, o homem que na

vespera a encorajava em seu amor, o amigo dedicado de Estacio !...

A nobre alma de Inezita condensou-se toda em um assomo de soberba indignação. Alçou o talhe para affrontar bem em face o desleal e traidor ; seu labio olimpio o fustigou com uma syllaba só :

— Vós !...

Torrente de indignação, gemidos de leão, ondas de sarcasmo, grito de ameaça, tudo ali estava naquella voz breve e rispida.

— Perdão ! murmurou Christovão curvando a frente.

O que depois succedeu foi referido até o instante em que deixamos Estacio e Christovão.

Ei-los ali ainda, no vasto gabinete frouxamente esclarecido, em face um do outro, com as espadas nuas e prestes a se cruzarem. Estacio vibrou a lamina da sua, que scintillou aos olhos de Christovão como um raio de morte.

O mancebo recuou de um salto :

— A infamia te fez cobarde ? disse Estacio distillando sarcasmo do sorriso.

— Não devo morrer ás tuas mãos ! replicou Avila com firmeza.

E curvando o joelho partiu de encontro a folha da espada, cujos pedaços rolaram pelo chão.

— A que outras morrerás, senão ás de tua victima !

— A's minhas proprias !

Tirou o punhal da cinta.

— Tens razão ! Esta obra de justiça é digna de ti !

— Oh !... Eu não posso morrer maldicto por ti, irmão !... Ouve-me !

— Nem uma só palavra !

— Estacio !...

— Depois da traição a mentira !

Soaram nesse instante umas apoz outras as surdas badaladas de meia noite.

Christovão conduzio Estacio á janella meio cerrada donde se via fronteira a mesa do banquete. Os rumores que enchiam a sala do festim apagaram-se de repente ; no meio do silencio a voz grave e sonora de D. Francisco pronunciou estas palavras :

« Em nome da Santissima Trindade.

« Declaro eu D. Christovão de Garcia de Avila que este é meu testamento.

« Resolvido á pôr termo a uma existencia que

a desventura tornou insupportavel; e querendo que meus ultimos instantes sirvam á ventura do homem que mais amo; acceitei em seu nome a mão de D. Ignez de Aguilar, unicamente para restitui-la pura e immaculada áquelle a quem ella jurou pertencer. O que não podia a filha obediante realisar sem consentimento de seu pae; ordeno eu á minha viuva que o faça. Seja mulher de meu irmão Estacio Dias Correia, e ambos felizes me perdoem e orem por minha alma. »

O punhal de Christovão, antes de terminada a leitura, ia se embeber no peito; porém a mão robusta de Estacio travou-lhe do braço á tempo, e arrancou-lhe a arma.

O mancebo cingiu e estreitou ao seio o amigo dedicado até a morte.

— Porque chegastes tão cedo, Estacio?... murmurou Christovão. Não terieis curtido tão cruas dôres !...

— A Providencia é impenetravel nos seus designios, Christovão !

Proferindo estas palavras Estacio abaixou a fronte pensativa e carregada de sombras. Christovão sentiu remorsos de viver ainda; e aproveitando a distração do amigo, estendeu a mão

para o punhal, Estacio preveniu-lhe o movimento.

— Inezita era sabedora de vossos intentos?

— Não ! respondeu Christovão. Ella nada sabia nem suspeita.

Uma ruga funda sulcou as faces do alferes.

— O que fiz por vós, não foi mais sacrificio, Estacio, do que o receio de offender a susceptibilidade de vosso coração, buscando dar-vos a felicidade. Quanto a minha vida ella estava extincta, e se teria apagado a quinze dias, si não me inspirasse a Providencia o meio de assegurar a vossa felicidade. Não podeis ter remorso da minha morte.

Estacio o escutava distraído; elle tinha deante de si a imagem de Inezita tal como a vira na capella, fulgurante e esplendida :

— Mas, Christovão, si Inezita ignorava as vossas intenções, como acontece que foi livremente ao altar, ella que jurou não pertencer á nenhum outro, senão a mim?...

Avila estremeceu deante deste raciocinio formidavel: tanto mais quanto elle proprio admirava a coragem da donzella, e o desembaraço que mostrára toda aquella noite.

— Não vos disse a conversa que tive com ella vespera?...

— Sim; lhe assegurastes que não perdesse a fé, apesar do que succedesse; mas ha fé que resista nestas circumstancias?...

Estacio proseguiu com voz amarga:

— Quando cheguei á capella.... Ainda vejo l... Meu Deus l... Que radiante aspecto que ella tinhal Que olhar vos lançou!

Christovão sentiu frio até a medulla dos ossos:

— Era indignação, Estacio l...

— Indignação!

— Oh! Agora comprehendo bem l... A calma apparente de Ignez não era senão o impeto da cholera que a dominava. Ella se preparava para esmagar com seu desprezo o traidor infame!

Bateram á porta. Era Affonso.

— A Sra. D. Ignez busca seu nobre desposado!

— Onde está ella? exclamou Christovão surpreso. Não vos recommendei...

— A Sra. D. Ignez já se tinha retirado á sua camera.

— Dizei-lhe que aqui a espero!

A'quella palavra desposado a mão de Estacio rasgou com desespero o peito; seu coração crispou-se. Voltando-se viu Christovão a dolorosa angustia, que se retratava na sua physionomia:

— Seu desposado, Estacio, sois vós, pois eu já não vivo. Não me perdoareis nessa ultima hora, ter-vos representado na ausencia? Ella não tarda l... Recebei vossa Ignez, e adeus, irmão!

Estacio precipitou para Christovão que ia sahir, e o reteve:

— Christovão haveis de viver l... E' a minha vontade! Tambem eu viviria si acaso....

A voz se evaporou em soluços.

— Ouvi l... A minha resolução inabalavel é esta! Não proferireis uma palavra, nem fareis um gesto que denuncie á Ignez minha presença. Communicae-lhe vossas intenções e o fim deste casamento. Eu ouvirei occulto por aquelle reposteiro l...

— Que pretendeis fazer?

— Si Inezita acceitar sem hesitação o vosso sacrificio, partireis para nunca mais voltar! E' tudo quanto acceito de vós!

— Deixae-me antes morrer!

— Desde que vosso luto se enramasse ás flôres

do meu amor, elle não podia ser feliz. Jurae-me que haveis de viver !

— Juro ! Esse sim será sacrificio para vossa ventura.

— Si porém ella vos....

— Calae-vos, Estacio !

— Então partirei eu !..

— Tereis remorsos deste pensamento.

Ouviram-se os ruges ruges da seda. Estacio mal teve tempo de occultar-se ; o vulto gracioso de Inezita assomou. Enlevada por um sublime pensamento, ella parecia fugir á terra e embeber-se já na serenidade do céo, tal era a expressão de suave placidez e bemaventurança que se derramava por toda a sua pessoa. Seu passo não mais calcava o solo com a magestade régia que tanta graça lhe dava ; agora deslisava brandamente como o vôo de um anjo resvallando á superficie da terra, antes que remonte ao empireo.

Ccaminhou para Christovão, cingida da celeste irradiação, e poz nelle os olhos cheios de uma magoada severidade :

— Ha uma hora vos odiava, senhor ! Neste instante solemne vos perdôo !

— Este perdão éu o mereço, e o esperava, senhora! exclamou Christovão. Toda a noite senti os raios de vosso desespero que me abrazavam as faces; mas eu sabia que elles se apagariam mais tarde, quando soubesseis que este casamento, não era a traição infame que julgastès, mas a ventura vossa ou o meio unico de unir-vos á Estacio!...

— Escarneceis de mim, ou enlouquecestes!...

— Recebi vossa mão para ter o direito de a restituir á Estacio. Christovão de Avila, senhora, já não existe! O que vêdes é seu vulto apenas; elle vae deixar-vos neste instante, viuva, mas só do infortunio. O hymeneo do amor e da felicidade vos espera.

Inezita surpresa ergueu as mãos hirtas, estorcendo os braços de afflicção, e escondendo o rosto no fino lenço que embebeu-se de lagrimas:

— Não, senhor! Haveis de viver!... Sim!... Haveis de viver para ventura de vossa esposa querida, da escolhida de vosso coração!...

Christovão ficou estupefacto; mas logo um tremor convulso apoderou-se d'elle:

— D. Ignez!... Vós quereis que eu viva?...

— Eu vos supplico.... e ordenol...

Ouviu-se um soluço por detraz do reposteiro ; e logo apoz os passos de alguém que se afastara rapido. Christovão correu á porta e arredou violentamente o reposteiro ; não havia ali mais ninguem.

— Estacio !... proferiu a voz de Christovão soluçando.

— Meu Deus !... exclamou Inezita.

— Vós o matastes, perjura !

Soltando esta exclamação Avila ia correr apoz o amigo. As mãos da donzella lhe cingiram o braço com uma crispação nervosa, e o retiveram ali :

— Não sahireis, senhor. Deus vos ordena !
Christovão succumbiu.

Estacio já andava bem longe !

Ia ao acaso, sem accordo de si. Vagou assim muito tempo alheio ao mundo exterior ; não era um homem, mas um esquife funebre, que força mystoriosa arrastava pelas trevas da noite. A primeira restea de luz que penetrou o abysmo daquella dôr foi a lembrança de Vaz Caminha. O mancebo sentiu a necessidade de vasar sua alma no seio do velho amigo e preceptor ; mas era tarde já ; sem duvida o advogado repousava.

O atroz sofrimento não podera apagar nesse nobre coração o tacto e as delicadezas do sentir : preferiu esperar, antes que perturbar o breve descanso daquella existencia decrepita.

Então levaram-lhe os pés sem que elle se apercebesse a Ribeira, em frente á porta de sua casa.

Que era feito de Gil?... O pagem á quem elle mandára adeante prevenir Christovão da sua vinda, não dera conta da incumbencia. Chegaria elle tarde, ou não tinha ainda chegado e estava aquella hora exposto aos riscos do caminho ?

Ainda teve o alferes coração para se inquietar sobre o seu pagem ; além de que sentia a necessidade desse companheiro. Bateu á porta, si Gil havia chegado a cidade, ali na casa devia estar sem duvida esperando-o. Bateu de novo e redobrou de força. Depois de repetidas pancadas, ouviu-se rumor dentro ; a jealousy do canto rangeu :

— Isto é hora de bater na casa dos outros ? disse uma voz de zanga. Siga seu caminho !...

— Desculpae boa mulher ! Essa é a minha porta !

— Quereis chalaça !

— Fallae mais baixo para não acordar a tia.
Está ella dormindo por certo.

— Qual tia?...

— D. Mencia !...

— Ah !

Com esta exclamação mudou immediatamente de tom a voz ; de aspera e irada tornou-se branda e compassiva :

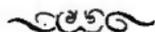
— E' o Sr. Estacio?... Pois não sabeis ?

— O que ?

— Vosaa tia já aqui não mora.

— Onde está ella então?...

— No céo !



XI.

Em que Estacio prosegue na sua via dolorosa.



Nunca vos succedeu contemplar, n'algum instante de remanso do espirito, um remoinho d'agua? O objecto qualquer, impellido pela corrente aproxima-se ; immediatamente attrahido pelo torvelinho é submettido a constante e vertiginosa convulsão. Ora desce nos vortices da onda até as profun-

dezas do pego, ora remonta á tona para descer de novo, e de novo subir. Afinal pela mesma lei da rotação chega um instante em que é o objecto lançado fora do centro eliptico ; basta porém um sopro para atira-lo de novo ao turbilhão.

Estacio fôra ludibrio da dor, como a folha é ludibrio do vento ou da onda. O pesar da perda de sua velha tia, que lhe servia de mãe, o arremessou outra vez e mais fundo no remoinho da grande desgraça. De novamente o passaram e repassaram os crueis tormentos que tinham crivado sua alma desde o momento em que vira Inezita ajoelhada aos pés do altar, até aquelle em que ouvira de sua boca perjura a fatal sentença !

Andou, andou, andou ! Movia-se o corpo ; a alma estava atada ao poste do supplicio, flagellada pelo latego da dor ; convulsava apenas e arquejava, não proseguia.

Resoaram perto ulos de angustia.

O mancebo estacou de repente ; o echo repercutira dentro. Aquelle grande e immenso infortunio, que cerrara-se ao mundo, passaria por certo entre os borbórinhos de festa e os clamores de alegria, mudo e isolado, sem aperceber-se do ruido ; mas o echo debil de uma angustia re-

boava no timpano desse coração ulcerado. Um infeliz é um irmão para quem soffre ; uma desgraça é para outra balsamo senão remedio, porque o soffrimento alheio faz distillar á nossa alma as suas gottas da caridade.

Como o prazer, tambem faz socios a dor. Nós deluimos as nossas magoas consolando as do proximo.

Estacio volveu olhos na direcção do pranto. A' esquerda erguia-se a faxada em arcabouço de um predio, mal começado. As portas estavam cheias com tijollos soltos e acamados, como é uso nas construcções ; em uma porém tinham praticado uma abertura, quanto bastava para entrar uma pessoa. E' natural que fossem famulos da vizinhança, para ahi atirar o cisco das casas.

Era facil de conhecer que os lamentos vinham d'ali. Estacio para lá encaminhou-se e da abertura procurou ver na escuridão. Havia quasi a meio um vulto confuso pouco elevado do rez do chão.

— Está alguém ahi? perguntou o mancebo aproximando-se.

— Senhor Estacio !... proferiu voz doce e plangente.

Um talhe se desenhou na sombra. Conhecía-se então de perto que o vulto era de uma mulher sentada, tinha no regaço um corpo inanimado ao qual se estreitava soluçando.

— Joanninha !...

— Gil, senhor Estacio !... Gil !... exclamou a mulatinha. E estendeu para elle o corpo suspenso em seus braços hirtos.

Estacio ajoelhando fora de si, depoz um beijo na fronte do pagem inanimado.

— Ainda respira ! acodiu com alegria.

Façamos aqui uma pausa.

Ella é necessaria para repousar o espirito no meio dos tristes acontecimentos que se desdobram ante os nossos olhos ; servirá ao mesmo tempo para atar o fio á narrativa anteriormente interrompida.

Separando-se de Estacio, no caminho, Gil en-
cetou ligeiramente a jornada ; a tristeza da despedida logo foi espancada pela inexgotavel alegria da idade feliz. Pouco depois galgava cantarolando o teso de uma collina á cujas faldas passava o rio. Margeando-o, chegou á praia, onde encontrando uma canoa ; fez-se de vela para a cidade. Ahi chegara por volta da tarde.

A primeira casa que buscou foi a de Vaz Caninha. Subindo a ladeira em busca della, viu o rapazinho pelotões de povo que iam e vinham do ergo do Rosario; teve curiosidade de saber o que era.

No meio do largo atopetado de gente erguia-se o pelourinho de cantaria, cercado por quadrilheiros. Estavam lá, jungidos ao poste, dois condemnados, presos de uma e outra banda, dando-se as costas, com o rosto voltado para o povo. Eram homem e mulher; dois complices e socios, o Braz e a Eufrazia. A gente ria e chacoteava, cuspido a zombaria á face dos reprobos, que ali estavam mesmo para vergonha e infamia do crime.

Defronte da Eufrazia, a feiticeira soltava estrepitosas gargalhadas, e bailava um ril estalando castanholas nas pontas dos dedos. A espaço parava para descançar o corpo, e então trabalhava a lingua:

— Não te dizia eu, michela, que um dia te havia de ver empoleirada!... Ah! Ah! Ah! Dá cá a pata, coruja!...

Ao opposto lado, defronte do Braz, um caboclinho lastimava-se e esmagava com os punhos fechados as lagrimas que rebentavam dos olhos. A's

vezes quando os quadrilheiros se descuidavam, esgueirava-se entre elles, buscando chegar ao pelourinho, donde o arrancavam á força.

— Pelo amor de Deos ! bradava elle.

Ali estava um contraste singular. A mulher exultava em sua vingança ; o menino pranteava de compaixão. Assim devia ser ; a carne magoada ainda da recente tortura perdoava ; a alma offendida, embora dez annos fossem passados, estava ainda na mocidade do seu odio.

Gil mal deu com os olhos de longe no objecto que attrahia a attenção, afastou-se ligeiro e arrependido de sua curiosidade. Esse espectaculo o contristou de novo :

— Máo agouro !... disse consigo.

Entrou á correr pela casa do licenciado. Vaz Caminha trabalhava : depois de certa epocha seu trabalho era quasi incessante ; pouco tempo dava ao repouso ; o mais delle empregava-o na ultima correcção de sua obra. Não se pode descrever a emoção que elle teve ao ver o pagem :

— Estocio é chegado ?

— Abi vem ; mandou-me adeante avisar-vos que amanhã será comvosco.

— Ainda amanhã !... murmurou Vaz Caminha.

— Ao romper do dia. Deixei-o ha cousa de dez leguas d'aqui. A esta hora estará proximo. Gil explicou o motivo porque Estacio não chegara com elle; e depois de socegar o velho á esse respeito, refez de forças com uma boa naca de carne que lhe deu a velha Eucheria, molhada com dois dedos de vinho. Assim confortado partiu-se em busca de Christovão; em casa não estava, e disse-lhe gente estranha de serviço que talvez o encontrasse para as bandas de Nazareth. Para lá botou-se sem demora.

Como ia perto de Santa Luzia, ouviu a modulação de uma voz bem conhecida sua, que descantava uns versos de improviso.

Gil sorriu com a idéa de uma travessura. Endireitou no rumo da voz e logo avistou adeante a feiticêira Joanninha, que arrastando levemente os pés, ondulava com uns decentes meneios desse requebro lascivo que denuncia a opulencia de harmoniosos contornos. Ella ia descuidosa, soltando ao ar os seus trinos maviosos, como um passarinho que canta para o céu e a natureza: a mão afilada batia o compasso na cesta de confeitos.

Desabou o pagem o chapéo sobre a frente, e apressando a marcha, hombreou com a mula-

tinha. Ella lançou um olhar de esguelha para o importuno, e tomou a deanteira ; o sujeito appareceu-lhe pela esquerda. Recuou então para deixa-lo passar : o tal passou é verdade, mas girou n'um pirueta, e postou-se-lhe por diante requebrando-se toda em uma graciosa mesura :

— Arrede lá, Sr. pagem ! Não gosto que me cerquem ; enjoam-me zumbaias.

Gil com um revez de mão ergueu a aba do chapéo ; e perfilando o corpo apresentou aos olhos da mulatinha, e bem perto, o petulante e formoso rosto que ella tinha gravada em sua alma.

— Deus meu !... exclamou tremula. Gil... Sr. Gil !...

O pagem não estava só crescido ; aquelles mezes de vida activa tinham desenvolvido rapidamente seu organismo. As fórmas haviam ganho em robustez ; o rosto queimado pelo sol, conservando sempre a petulancia que lhe era própria, desvanecera a expressão infantil ; já a sombra do buço azulava o labio superior e cobria as faces rosadas do macio frouxel.

Joanninha palpitante contemplava com embevecimento a figura do pagem ; seus olhos não se cançavam de admira-lo, e abraça-lo, porque eram

realmente abraços, esses languidos olhares que cingiam o amigo, e o enleivavam.

— Que me estaes á olhar ahí com estes olhos que querem comer a gente ! dizia Gil a rir. Perdeste a falla rapariga que nada dizes !

E ella calava e admirava :

— Escuta, Joanninha ! Agora chego ; e trago um recado urgente do Sr. Estacio para D. Christovão. Esperae aqui emquanto torno.

— Oh ! não !... balbuciou a mulatinha. Ainda não me fartei de ver-vos !... Como voltastes crescido e gentil, Sr. Gil !

— Que é isto, Joanninha ! Tratas-me por senhor !

— Pois estaes um homem !... Já trazeis espada ! Agora as raparigas todas vão se requebrar !

— Ai ! não te agonies com isto ! Onde estiveres tu, não olharei nenhuma outra ! disse Gil com recacho de galan.

— Fallaes de coração ! disse corando.

— Sabes que mais, rapariga ! Até já !

— Um instantinho ! disse Joanninha volvendo os olhos em torno.

Estavam justamente perto da frente do prédio em construcção. Joanninha travou de mão do pa-

gem e levou-o até dentro do muro. Esse lado da rua dava sobre uma ingreme encosta de montanha, como é muito commum na Bahia; a muralha do fundo já estava erguida; a plataforma que devia servir de assento ao edificio, beirava pois um precipicio de extraordinaria altura.

— Estou me demorando, Joanninha!

— E' um nada!... Quero dizer-te uma cousa! replicou Joanninha ficando tremula e pallida.

Os olhares que ella deitava ao pagem eram como espinhos que se voltassem para lhe crivar a alma.

— Avia então!

— Sabes, Gil, eu sou rica!... Muito rica!...

— Han!... As alfeloas tem deixado!

— Qual! Uma historia de herança! Nem eu sei bem o que!... Sabes que sou engeitada!

— Sei! o negocio da toalha!

— Ha de ser isto! Ora eu rica tambem o és tu!

— E o Sr. Estacio tambem!...

— Pois que duvida?

— Que fortuna!

— Mas tu rico, Gil, não careces mais de ser pagem ou servir á alguem,

— Que queres tu dizer!...

— Has de ter tua casa para mandar nella, com acostados e gente do serviço!

— Sahe-te dahi, Joanninha! Pois eu hei de nunca deixar o serviço do Sr. Estacio e sua companhia!... Guarda lá tua chelpa, que ninguem t'a pediu!

— Não! não! ouve cá, Gil, troquei! Queria eu dizer cousa diversa. Sim!... Não vês!... O Sr. Estacio em chegando casa com D. Ignez!

— E' o certo!

— Ora assim como elle tem seu pagem de estimação, tambem ella deve ter sua aia para a compor e tocar.

— E essa serás tu! Bravo! Topo; assim ficaremos todos juntos!

— Bem juntos e para sempre, não é? Sr. Estacio e D. Ignez, Gil e Joanninha! disse a rapariga abaixando os olhos.

Gil corou:

— Mas é que D. Ignez será noiva do Sr. Estacio.

— E eu, Gil?...

— E tu?...

— Tambem não podia?... Si tu quizeres...,

Joanninha vacillou encostando-se ao hombro do pagem para não cahir. Sentindo o contacto destas fórmas voluptuosas, e embebendo os olhos no seio da vasquina onde se debuxavam uns contornos rijos e harmoniosos, Gil estremeceu. A primeira centelha electrica do amor acabava de communicar-se ao coração do adolescente. Joanninha sentiu o braço do amigo que a cingia estreitamente ao peito; e ergueu a face onde os risos brincavam com os rubores.

Moveram-se balbuciantes os labios de Gil, mas não soltaram uma palavra. A mulatinha precipitou-se, e embebeu na sua aquella boca tímida e palpitante. Ali ficou sugando amor e volúpia. Como um cabritinho que salta sobre o seio materno, e depois de apoia-lo beba sorvo a sorvo o leite da vida, e afinal adormece saciado; assim reclinou ella.

Não viram os dois amantes no seu enlevo, a face taurina de Tiburcino que surgiu na abertura do muro, e os espreitou um instante. O magarefe estava horrendo; nas arcas do peito reboava-lhe o rugido, como o som de borrasca nas profundezas de uma caverna; rangia-lhe os dentes um riso de fera.

De um salto approximou-se dos dois amantes, e ergueu o punho. Viu Joanninha de relance, atravessar os arroubos lascivos do seu amor, aquella figura sinistra; e recuou espavorida, conchegando á si o amante para o subtrahir ao golpe.

Era tarde. O punho acostumado a abater um touro no açougue, tombára sobre a cabeça do misero pagem, que rolou sem sentidos. Estupida um momento, Joanninha balouçou como uma vergonzea batida do vendaval; seus olhos vão da victima ao assassino, e tornam do assassino á victima. Mas estala no peito um uivo sinistro, que gela a medula dos ossos; ella se approxima do magarefe com um colear de serpe.

Tiburcino tremia, e lançava em torno a vista enraivada. A alguns passos estava a beira do respaldo, e abaixo o precipicio; mas elle nada via senão a furia da amante bramindo vingança. A mulatinha chegou, e estendendo os braços hirtos, apertou as guelas do carniceiro, como si o quizesse estrangular. Fincando os pés, forcejou por empurra-lo, como se fosse uma pedra que arrastasse; o magarefe recuava, recuava, ante o impeto de Joanninha e fechava os olhos para não ver-lhe o semblante que a cholera desfigurava;

elle não oppunha outra resistencia senão a de seu peso.

Afinal não houve entre os pés do magarefe e o despenhadeiro mais que algumas polegadas. Joaninha concentrou as forças e soltou um segundo uivo mais lugubre que o primeiro. O corpo do magarefe despenhando-se pelo desfiladeiro, foi de rebojo em rebojo sumir-se na vegetação que enchia o barranco da montanha.

Então Joaninha se abraçara com o corpo hirtto e gelado do pagem, até o momento em que Estacio ali a foi encontrar.

Ouvindo as ultimas palavras do mancebo ella exclamou :

— Salvae-o, senhor Estacio !... Eu darei minha vida se preciso for !...

— Carecemos de prestar-lhe já soccorros. Onde o levaremos ?... Vossa casa fica perto ?...

— Oh ! não ! Bem longe !... Mas eu o carregarei !...

— Onde estamos ?...

— Não sei !... Em Santa Luzia, creio !...

— Aquella igreja !... E' Santa Luzia ?...

— Deve ser !

— Vamos aqui perto !

Estacio tomou o corpo do pagem e seguiu adeante; Joanninha o acompanhava beijando a mão de Gil. O calor que o mancebo sentira ao beijar a face do pagem era realmente um resto de vida, ou seria apenas o reflexo do seio ardente de Joanninha, onde a cabeça do infeliz rapaz estava conchegada?

Essa duvida assaltara o espirito do alferes, sentindo agora o gelido frio que lhe traspassava o corpo; ao ouvir de Joanninha a narração truncada do que passara, perdera a esperanza, visto que já tinham decorrido cinco horas. Comtudo bom era sempre tentar os esforços.

Estacio ia á casa de D. Dulce, que elle se recordara morar ali perto.

A cancella estava apenas encostada; entraram ás apalpadellas; a escuridão da noite era ali mais densa por causa da folhagem embastida do arvoredo. O vento de instante a instante soltava ulos tristes e longos; ouvia-se o bater de uma porta rangendo sobre os gonzos. No telhado cacarejavam lugubres duas corujas.

Apesar do soffrimento cruel que os pungia, não poderam as duas creaturas penetrar naquelle sitio sem que lhes arripiassem as carnes. Deitando

no collo de Joaninha o corpo do pagem, entrou Estacio a porta escancara, e achou-se na cosinha. Fez de proposito rumor para ver se despertava alguém; chamou em voz soturna, depois mais alta, porém debalde. Avisou então passar além; na varanda o mesmo silencio; a casa parecia abandonada e erma.

Chegando porém á sala principal ouviu um debil grunhir; fallou, ninguem lhe respondeu. Abriu a janella para que entrasse alguma luz das estrellas, e procurando descobriu um objecto negro atirado contra a parede. Tocou-o do pé e lhe pareceu massa inerte e bruta; mas o grunhido que primeiro ouvira, souo de novo.

— E' algum cão que achou a porta aberta; pensou o mancebo.

Tomado de um presentimento terrivel, soltou um grito de desespero, que accordou os echos adormecidos da casa:

— D. Dulce l...

A' sua voz, aquella massa inerte desenvolveu-se lentamente em um vulto de homem, que se foi á custo levantando. Essa figura grande e fantástica deu alguns passos tremulos e vacillantes, como si mal pudesse ter-se em pé; e estendendo o

pescoço, á semelhança de um cavallo que fareja, espiou o rosto do mancebo. Parece que o reconheceu, pois lhe travou da mão vivamente e apontou para o lugar onde estivera acocorado :

— Está ali!... disse um sopro de voz.

— Dorme ella, Lucas ?

— Quem sabe?... Até anoitecer, ainda eu ouvia gemer.

— Mas então acha-se enferma?... Leva-me onde está. Quero ve-la.

— Não. Ella não quer....

— Onde está ?

— Ali, no oratorio....

— A porta ?

— Não tem mais.

Impossiveis eram de comprehender as palavras do negro Lucas para quem, como Estacio, ignorava os successos occorridos ultimamente.

Desde que deixara o confissionario do Collegio cahira Dulce em uma especie de lethargo, do qual só tres dias antes sahira. Vaz Caminha appareceu como de costume e alegrou-se de a ver mais animada ; porém logo a conversa tomou um tom melancholico.

— Tenho um presentimento, doutor, de que

me finarei breve, e pois quero confiar-vos meu testamento.

— Recahis na melancholia, D. Dulce. Tratae de vos distrahir.

— Ei-lo. A ninguem tenho já com quem distribua os bens da fortuna, como não tenho ha muito com quem reparta os bens deste pobre coração, a não serem vós e nosso filho d'alma, Estacio.

— Quanto á mim, não consinto... ia replicando o advogado.

— A vós, doutor, deixo-vos pouco, bem pouco, um quasi nada. Estaes velho e só; não tendes mais ambições, senão uma que me confiastes, de ver sahido da estampa esse outro filho de vossa alma, que durante a vida inteira e por longas noites emballastes. Deixo-vos para isto o bastante e nada mais.

Com esta delicadeza apagou os escrupulos do velho; durou a pratica até ave-marias, em que se foi Vaz.

— Não ide triste, meu velho amigo. Que meu padecimento está para acabar, eu o sinto. Talvez o acabe a morte, e talvez, quem sabe, a ventura.

— Qual ventura?

— A que Deus me enviar.

Partido o advogado, a dona deu em segredo varias ordens a Lucas, o qual foi-se á cumpri-las. Depois despediu a Brazia do seu serviço, apesar las lamurias da velha comadre, e ordenou-lhe que deixasse immediatamente a casa com seu fato; para isso a mandou bem paga de suas soldadas.

Ficando só, abriu a dama bahus da India, onde estavam guardadas roupas do mais rico estofó e lavor, mimos de seu pae, que pensava distrahi-la com estas galas; ainda porém ali estavam em folha, como sahiram das mãos que as trabalharam.

Dulce compoz-se, embellezando-se como para uma festa. Ao ver retratar-se no espelho do trumó sua imagem, o sorriso, tanto havia refrangido, desatou do labio.

— Ainda sou formosa!

A paixão a transfigurava.

— Mais formosa talvez do que outrora... na festa da maja.

Dulce tinha rasão; o botão de outrora radiava em flor estrellada. Em Palos sua belleza tinha sido uma aurora; nesse momento era um esplendor.

Fechara a noite.

A dama tirou da gavetinha do trumó uma carta,

e leu antes de a cerrar com cera preta. Continha apenas estas palavras :

« Disseste que só no céu veria meu esposo ; para lá me parto agora . Espero que me não desampareis neste momento derradeiro . »

Por Lucas mandou a dama a carta ao Collegio, para ser entregue ao P.^o Molina sem mais demora, pois se tratava de um caso grave. Enquanto dava o negro conta da incumbencia, Dulce recostou-se á janella do quintal ; perto d'ali um pedreiro trazido por Lucas amassava a cal e arrumava os tijollos para uma obra qualquer , urgente, pois entrava pelo serão.

— Elle virá ! balbuciou a moça.

No receio de que o jesuita se esquivasse ao chamado, lembrara-se quanto havia de pesar em seu animo a idéa de não consentir que outro ouvisse a confissão extrema da esposa abandonada.

Seriam nove horas quando o P.^o Molina, guiado pelo negro chegou a casa, e logo depois ao lugar onde o aguardava a penitente.

Era o oratorio, estreita quadra no centro do edificio, fechada em cima por abobada, e servida por uma só, e esta pequena, porta. No fundo estava o altar com os cyrios accessos ; ao lado so-

bre um cochim de velludo, a dama envolta em manto de lila preta que a cobria da cabeça aos pés, mostrando apenas a flôr do pallido semblante.

— Que fizestes senhora?...

— Morro para ter o direito de vêr-vos! respondeu uma voz dolente.

O padre quiz saber:

— Onde ides?

— Em busca de soccorro. Sem duvida tomaste alguma droga. Eu vos salvarei!

Travou-lhe a dama das mãos:

— E' escusado! Uma hora de vida si tanto, que resta, desejo que a passeis á minha cabeceira. E' vosso dever de sacerdote!

— Meu primeiro dever é salvar-vos.

— Tendes vós o direito? Me restituireis a felicidade com a vida? Dizei-o!... Não respondeis!... Bem vêdes que nada ha já que me salve.

A senhora escondeu nâs mãos o rosto banhado de lagrimas. Os soluços rompiam-lhe do peito. Quando açalmou esse accesso de dôr, começou com debeis accentos:

— Fazem quinze annos!... Tantos eu tinha!..

Que formosa noite nas margens do Tinto: tudo era amor em torno de nós! Quem me dissera então que a minha noite de noivado tão linda se havia de trocar por esta tão aziaga! As bodas e a agonia se reuniram; e o esposo fez-se confessor!...

O frade escutava; as rugas que sulcavam sua fronte proeminente afundavam, como si o espirito se contrahira até os refulhos da consciencia. A dama murmurou ainda aquellas brandas queixas e afinal sopitou-se em sua dôr.

Decorreu longo trato. No oratorio reinava o silencio; mas da parte de fóra da porta ouvião-se uns rumores extranhos e descompassados; não penetravam elles o espirito do jesuita immerso nas profundidades de seu passado; porém no coração de Dulce repercutiam tristemente com os sons do martello na catacumba.

Então a palavra borbulhou do labio do jesuita, como a espuma do alcool por muito tempo reprimida:

— Neste momento supremo, posso dizer-vos!... Já não sois deste mundo; estaes a comparecer ante o Senhor; e lá haveis de lêr em minha alma.

— Fallae, sim ! E' supremo consolo ouvir-vos !

— Pois sabeí, mulher, que muito vos amei eu tambem....

— Vós?... Não é possível!...

— Não foi quando vos vi a vez primeira as margens do Tinto, em vosso casalinho, que vos quiz.... Então era eu uma creança, e folgava comvosco brincos de infancia, quando juntos dan-savamos na festa da maia, quando corriamos á casa do cura que abençoou nossa união. Desde que me arredaste de vossa vista, quebrou-se o encanto. A sede de aventuras que me escaldava o cerebro arrancou-me á vossa influencia. Vi um jesuita ; isso decidiu de minha sorte. Era ambicioso ; e deante de mim abria-se uma carreira brilhante a percorrer.

A dama ergueu o busto sobre a almofada.

— Quando foi que me quizestes então ?

— Quando passados annos vos vi á meus pés na igreja de S. Domingos, mais formosa que nunca. Era eu já um mancebo : apesar de que me cobria este habito, não tivera elle ainda tempo de enregelar o coração vigoroso e ardente. Achei em minha vontade a força grande de repellir-vos

com dureza, e pôr entre nós a immensidade dos mares. Mas donde vos não pude arrancar foi desta alma, onde a cada instante surgieis cheia de seducções irresistiveis para provocar toda a pos-sança de um amor vehemente.

Molina debruçou ao leito sobre o rosto da dama :

— Soffrestes l... Soffrestes muito l... Que foi porém vosso soffrimento em par com o meu?... A pureza de vossa consciencia e a serenidade da virtude, nada a perturbava em vossa dôr e aflicção.... Mas eu?... Reprobo que abjurara os votos conjugaes pelos votos da religião, e me sentia de novo arrastado para o amor, desprezado quando ventura, e anhelado agora crime e sacrilegio! Vossa imagem, deslumbrante de belleza, resplendente de paixão, se ostentava no meu delirio; eu lutava, abraçando-me com todas as forças, á cruz do Senhor: mas as garras de Satanaz me arrancavam dahi, dilacerando-me, para me rojar á vossos pés. Vós porém me repellieis com asco e horror, como um evadido do inferno. Tentação até o sacrilegio, desprezo até o asco, eis a minha existencia. Perante Deus, reprobo, perante vós infame; minha

virtude de sacerdote, minha consciencia de homem, se martyrisavam mutuamente.

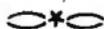
— Esposo !... murmurou a meiga falla de Dulce.

— E nessa grande solidão da dôr, em que miuha alma viveu, nenhum pensamento consolador. Onde acha-lo? Aos pés do altar que eu maculava? Junto á vós á quem desgraçei? Nas recordações de uma infancia desvalida e vergonhosa?... Christo teve sete passos para carregar a cruz ao Calvario; eu peccador devia arrastar a minha sem repouso, nem allivio.



XII

Vanitas vanitatum et omnia vanitas !



O jesuita ergueu-se arrebatadamente, e afastando-se do leito cruzou o aposento com passos agitados. Rangiam-lhe os dentes ; os labios tremiam com arripio convulsivo. Uma luta desesperada e terrivel agitava sua alma :

— Restava este ultimo e supremo combate !...

Todas as iras do Senhor se desencadeam contra mim, pobre e misero mortal !... Minha coragem está exausta, minha vontade cançou !... Mas não succumbe assim a alma do justo ! Não !... A virtude que lutou até hoje, sahirá triumphante de sua derradeira provança.

Fazendo então um heroico esforço approximou-se outra vez do leito, e cravou os olhos na dama, extatica de ver a estranha agitação :

— Sim, vencerei !... Mas é preciso que eu falle !... O horror de meus pensamentos echoando aos meus ouvidos, e arrancando a indignação de vossos labios, talvez flagelle este misero reprobado e aplaque o infame desejo !... Nem imaginaes, mulher, o que vae no abysmo insondavel desta arca !... Enquanto vos fallo, sacerdote, á vós, moribunda, sabeis que influições sobem deste leito ao meu espirito satanico ?... São as seducções da paixão !...

Dulce quiz fallar ; elle abafou-lhe a palavra nos labios :

— Ouvide !... A cada instante, aos meus olhos allucinados este oratorio se transforma na camera nupcial !... Lá corre o Tinto a murmurejar : aqui está o leito e a noiva á sorrir. Atravez da mor-

talha que já a cobre eu vejo as formas seductoras, e minha alma precipita para cevar-se nesse funebre hymeneo !

Dulce ergueu-se de um impeto : com esse movimento brusco a negra manta que a cobria toda, deslisou pelas espaduas, e ostentou-a no esplendor de sua belleza.

Dulce tinha o voluptuoso traço de noiva, ultimos véos da virgindade expirante, que um sopro basta para desfazer. Nas oscillações dessa transparencia que ora se empana, ora se aclara, a formosura radiante da andalusa possuia fascinações ardentes :

— Os braços da esposa vossa estão abertos para vós, querido !... Quanto ha que vos elles esperam e anceiam ! Não vos enganaes ! Essa é a noite feliz de nossas bodas, que um contratempo interrompeu e agora continúa mais desejada. Estamos sós, é linda a noite ; este céo é bello como o nosso da Andaluzia ; as brisas do mar tambem se enibriam aqui do cheiro das flores de laranja !... Vinde, amado meu !...

Molina hirto de espanto arrancou de seus hombros, como si fôra um jugo de ferro, o nevado braço que a dama cingiu-lhe ao collo.

— Arredae-vos, mulher !... Que significa este jogo ? E' hallucinação minha, ou embuste vosso ? Sois vós a envenenada que me fallava pouco ha, com voz e gesto de moribunda ?

— Sou vossa esposa amada ! Quero viver ; sim, para o vosso e meu amor !... Essa que vossa alma desejou com taes impetos de longe, ou á borda do tumulo, não a quereis mais, agora que vos ella sorri e se arroja á vossos pés ?...

O frade recuou , como si erguera-se ante elle uma vipera assanhada, e caminhou direito á porta.

A dama precipitou-se avante e tomou-lhe o passo.

— Não partireis !...

Houve um instante de hesitação, em que o sacerdote cerrara as palpebras para não ver a deslumbrante belleza que lhe entrava pelos olhos e alma á dentro. Depois elle a affrontou com a vista, senão calma, segura, e proferiu em voz firme :

— Ficarei, tendes rasão ! Devo levar ao cabo esta dura provança ; sahiremos della, eu torturado e vós para sempre desenganada. Não me comprehendestes, Dulce ! Eu vos amo ! Esse amor porém é uma flagellação d'alma, mais crua que a flagellação do corpo ! .. Não o reclameis, que elle se voltará em rancor profundo !... Entre nós está Deus !

— Não profaneis esta palavra amor, como profanastes a santidade de nosso hymeneo !... Si fosse verdade que me amasseis, não teríeis nem a força, nem a vontade de resistir aos impulsos do coração !... Mas basta o temor do peccado para gelar-vos o sangue !... Quereis saber como se ama ? E' assim ! E' assim como vos eu quero e aneio ha tantos annos !... Olhae-me !... Todas as potencias de minha alma se arremessam para vós !... E eu sei que sois um sacerdote, que pertenceis ao Senhor !... Venha embora a condemnação eterna ; a lembrança della me é doce, porque promette unir-nos no inferno, já que o amor nos expulsa do céu.

— A castidade é a nossa força ! Os companheiros de Christo, como seu mestre, devem se preservar da impureza. Ahi está sua virtude ; ahi o poder que tem realisado tantas cousas grandes. Não é a miseravel individualidade minha que eu defendo contra o vosso amor ; é o apostolado que me foi confiado, e a obra gloriosa que eu prosigo.

— Sois ambicioso ?... Eu já o sabia. Correis após as minas de prata, que jamais encontrareis, porque ellas não existem !... Thesouros porém

de maior vulto, riquezas fabulosas, como nunca sonhastes, tenho eu que são vossos, e pertencem á meu esposo. Ellas vos farão grande, príncipe, rei... o que desejardes l... E em troca de todas essas grandezas, só vos peço amor, amor!.. Amor por um dia, amor por uma hora l...

— Onde estão essas riquezas? perguntou o frade com avidez.

— Duvidaes?

Dulce correu ao altar, e erguendo a ouca peanha de madeira, que servia de base ao crucifixo, tirou do vão o cofre embutido, que fôra desenterrado pelo doutor Vaz Caminha. Abriu-o com a chave de ouro que trazia, e ergueu a tampa.

Molina fechou os olhos deslumbrados, soltando um grito de terror. Do cofre aberto jorraram espadanas de luz, que rutilavam da copia de grandes diamantes ali encerrados. A dama encheu as mãos das pedras preciosas e começou a brincar, fazendo-as borbulhar como cascatas.

— Recebei, esposo meu, é o dote de vossa Dulce!... disse afinal a formosa dama apresentando o cofre.

O jesuita sorrio :

— O que vós não podestes em mim, senhora, não poderão estas brutas pedras !...

Com o gesto repudiou o cofre, e foi ajoelhar ante o Christo.

Quanta seducção inspira á mulher a consciencia de sua belleza e o affogo de vehemente paixão, Dulce desenvolveu naquella hora. A contrariedade lhe enfurecia o amor, que então bramava raivoso; mas logo apacava, arrastando-se supplice e humilde aos pés do impassivel jesuita.

— Tentai-me !... murmurava este. A alma sahirá mais fortalecida do combate !

O rumor que desde principio se ouvia do lado da porta parecia ir á pouco e pouco subindo ao longo da parede. Dulce, que por algum tempo o esquecera, ouvindo-o agora, estremeceu. Lançando para aquella parte um olhar esvairado, voltou-se para o sacerdote :

— Ainda uma vez !... Sereis ou não meu ?

— Pertenço ao senhor !

— Pois então sabeis que tambem fiz um voto. Jurei que não sahiremos deste aposento, se não esposos ou cadaveres !...

— Cumpram-se os altos designios da Providencia.

Ambos emmudeceram. O frade orava ; a dama escutava o ruido, que a pouco e pouco ia diminuindo ; afinal interrompeu-se ; soaram no alto duas pancadas fortes e rijas ; depois cessou completamente.

— Ouvistes !... exclamou Dulce. Foi a lousa de nossa catacumba que acabam de sellar.

— Não vos entendo.

— A porta por onde entrastes, a unica deste oratorio, está murada por fóra.

O jesuita circulou com os olhos o aposento e examinando a porta conheceu que estavam realmente sepultados em vida. Acreditou então nas palavras de Dulce, que a principio tomára por uma vã ameaça.

— Não me pertencestes na vida, me pertenceis na morte. Teremos o mesmo tumulo, já que não tivemos o mesmo thoro.

As luzes do oratorio extinguiram-se ; a treva derramou-se pelo aposento.

Lucas, deitado da parte de fóra, junto á parede, com o ouvido collado no chão, não ouviu mais rumor no oratorio durante o resto da noite ;

mas pela manhã percebeu elle que batiam com força contra a porta, e apezar da ordem da senhora, custou-lhe a não seguir os instinctos de sua natureza, que o excitavam á penetrar no aposento. O silencio porém logo restabeleceu-se até o momento em que ali chegou Estacio.

Apenas o mancebo suspeitou pelas confusas palavras o que era passado, correu desatinado pela casa em busca de um instrumento qualquer para abrir a parede; achou-o no jardim. Enquanto elle trabalhava, o negro batia o fuzil e acendia uma candeia.

Joanninha sentada á soleira da porta do jardim, e alheia ao que succedia perto, continuava á acariciar o corpo inanimado de Gil, impaciente pela demora de Estacio em soccorre-lo, mas animada com a esperanço de que elle traria o necessario para salvar o misero pagem.

— Senhor Deus, salvai-o, não para mim que faço voto de servir-vos todo o resto de minha vida !... Intercedei por elle, que sois seu patrono, meu S. Gil, e vos levantarei uma capella !

A brecha afinal deu passagem; Estacio precipitou-se dentro.

A scena era sublime.

O sacerdote sentado nos degrãos do altar, sustinha em seus joelhos o busto desfallecido da formosa Dulce; um dos braços da senhora pendia-lhe pelos hombros; e a cabeça repousava sobre o peito. O jesuita já não se podia ter firme; era a columna do altar que o amparava; sentindo que alguém se aproximava, sua voz debil como um soluço murmurou:

— Ella!... salvae-a!... e desmaiou.

— Depressa! exclamou o cavalleiro. Vinho, Lucas.

O negro ergueu-se da terra onde jaziam os pés da senhora, e arrastou-se á copa, donde trouxe pão e vinho.

Foi tarde porém; a dama era já finada. Sem duvida ella morrera feliz; porque sua alma partindo-se daquelle formoso despojo, deixára impresso nos labios um sorriso de felicidade. Em uma das mãos notou-se que ella tinha fios de cabellos brancos, que pareciam arrancados em um ultimo estertor.

Estacio cuidou de salvar o jesuita, ao qual algumas gottas de vinho bastaram para reanimar:

— Estacio!... proferio elle ainda com a voz sumida.

Ouvindo-se chamar e por uma falla que vibrou dentro de sua alma, poz o mancebo olhos de espanto no desconhecido. Aquelle semblante profundamente sarjado de rugas, aquella fronte obumbrada de cans revoltas, jámais vira de certo, mas atravez da mascara de uma velhice fulminada, transpareciam traços energicos, que elle conhecia e tinha impressos na lembrança.

Afinal exclamou o mancebo sahindo de sua duvida para um espanto maior :

— P.º Molina !...

O velho quiz reter-lhe a palavra com um gesto de terror e murmurou com entonação profunda :

— Não proferi este nome ; elle foi profanado, filho. Já não sou o sacerdote da religião, e ministro do Senhor. Estas vestes, manchei-as. Arrancae-as de mim, que me queimam e trucidam as impurezas da carne... Não devo-as trazer sobre este miseravel despojo, que a virtude emfim desertou... Cuidei-me forte, e poucas horas bastaram para anniquilar essa fortaleza. O passado de tantos annos, apagou-o algumas lagrimas !...

Quasi não o ouvia, Estacio, tão cheio estava de commiseração ante aquella grande ruina de um

vigoroso organismo. O frade vergou a cabeça ao peito, e permaneceu assim vergado ao peso da dôr.

— Ella vos amava, Estacio, como seu filho... Todo o mal que vos eu fiz sem querer, sua alma angelica devia reparar.

Arrastou-se á custo até o cofre que rojava pelo chão, e po-lo entre as mãos do mancebo:

— Guardae-o. Isto vos pertence. Ahi está encerrada vossa felicidade.

Estacio tomou o cofre maquinalmente, e poz nelle os olhos, sem comprehender ainda todo aquelle mysterio. O P.^e Molina ajoelhou debruços sobre o corpo exanime de Dulce, e ouviram-se os soluços abafados que lhe rompiam o seio e estalavam contra o gelido espojo.

Nesse instante um grande estrupido sôou na rua; magotes de gente corriam apressadas para o outro lado da cidade, deixando apoz o surdo rumor de passos e vozes, que no silencio da noite incute sempre um inexplicavel pavor. De vez emquanto distinguiam-se nesse côro confuso fallas que se destacavam :

— Fogo !... fogo !...

— Depressa !

— Aonde ?

— Para as bandas da Sé.

— Acodi l...

Estas vozes sinistras ecoaram dolorosamente n'alma já tão ulcerada de Estacio.

Ainda havia naquella cidade de desolação e luto, para elle viuvo de suas mais queridas affeições, um derradeiro amigo ; e esse habitava justamente aquelle canto, onde lavrava o incendio. Tomou-o tal espanto e terror, que sem volver um olhar ao oratorio, da varanda em que estava, ganhou a rua e seguiu a corrente do povo.

O incendio era por detraz da Sé, e justamente na casa de Vaz Caminha.

O advogado depois que Gil partira voltára a escrever ; havia tempos que elle trabalhava com affinco na sua grande obra, que a promulgação das novas Ordenações Philipinas em 1603, modificára profundamente, exigindo grandes retoques e augmentos. Depois da morte de D. Mencia especialmente essa actividade do trabalho redobrára, e tornou-se quasi uma febre.

Vaz Caminha tinha um presentimento de seu fim proximo ; não queria deixar o mundo sem concluir a obra que consumira a melhor seiva de

sua vida, e representava uma das duas grandes dedicações de sua alma, a dedicação de intelligencia, como Estacio tinha sido a dedicação do coração. Sentia o pobre velho que exauria os ultimos alentos naquelle labor extrenuo ; mas sorria-lhe a immortalidade de seu nome, e em holocausto a ella sacrificava de bom grado os poucos vislumbres de existencia que ainda restavam.

Eucheria já estava no seu terceiro somno ; e de cada vez que acordára tinha vindo a porta do gabinete espiar pela fresta da porta o seu velhinho. Achando-o sempre debruçado sobre o telenio e a escrever e sobrelinhar o grande alfarabio, ralhava :

— Acame-se, Sr. Vaz ! Já os gallos cantaram. Tambem é tentar a Deus !...

— Estava mesmo para isso, Eucheria. Antes que vos deiteis, ouvir-me-heis roncar.

A velha tornava resmoneando ; e o bom do Vaz, sorrindo, afundava-se mais no trabalho ; era já nas ultimas folhas ; breve veria o desejado fim, e sellaria com uma cetraria a grande obra. Poderia então morrer tranquillo, legando a Estacio o cuidado de tirar da estampa o livro.

Um instante porém a sua cabeça esmorecida e

pesada de somno, vergou. Era já por madrugada, e muitas noites havia que o velho passava em claro; á seu pezar pois a mão parou inerte sobre o volume, a fronte escahiu e pousou sobre o braço. A respiração doce, ainda que fatigada, resoando sonora, annunciou que o bom velho dormia.

De repente elle accordou sobresaltado, sentindo extranho calor no rosto; ergueu de chofre a cabeça, e ficou como fulminado.

A candeia que allumiava o trabalho estava mui proxima da parte já corrigida do volume; o morrão desprendendo-se com alguns frocos de chamma, cahio sobre as folhas, e as foi consumindo em mais de um terço até a capa de pergaminho.

Avaliando o estrajo já produzido, vendo a obra de tantos annos de laboriosas investigações destruida por uma scentelha, Vaz Caminha ficou estupido, com os olhos pasmos e o movimento paralyzado. Seguia o progresso da chamma sem força nem vontade de extingui-lo.

De que lhe servia que a apagasee? Não estava sua obra já destruida, e com ella consumida a melhor porção de sua alma? Que ficava elle

fazendo na terra depois que seu espirito, ali apurado com tanto affan, se partisse della?

O incendio propagou-se com rapidez. De repente Vaz Caminha recordou-se do testamento de Dulce a favor de Estacio. Ainda o tinha no bolso; era preciso salva-lo para que chegasse as mãos do mancebo. Correu á porta, mas já o fogo a invadira de modo que não a póde atravessar, refugiou-se então em um canto menos fustigado das labaredas.

Já a esse tempo era o incendio senhor do edificio; o povo se agglomerava em torno, mas como sempre succede, na falta de uma iniciativa, perdia-se o tempo em hesitações.

Reconhecendo que o fogo era na casa de seu velho mestre e amigo, Estacio foi preza de uma vertigem, e lançou uma pungente imprecação de angustia.

— Melhor é rir!... Já não tenho alma para soffrer!

Quiz desprender dos labios uma gargalhada convulsa, e os dentes lhe rangeram de raiva. Teve impetos de atirar-se contra aquella multidão que se agitava ante elle e trincar-lhe as carnes, para derramar sobre os outros essa desgraça te-

lepois que seu escrivão
ffian, se partisse de lá
apagou-se com rapidez
ha recordou-se do teste
Estacio. Ainda o tinha a
o-lo para que chegas-
rreu á porta, mas já
do que não a pôde ar-
o em um canto meco
mpo era o incendio
se a agitação em torçã
ocede, na falta de or-
tempo em hesitações
que o fez era na ca-
arrazo, Estacio foi pro-
ou uma penitente
rit!... Já não tenho
der dos labios uma
dentes lhe rangeram
e atirar-se contra aquella
ante elle e trincar-lhe
sobre os outros essa des-

naz que se lhe agarrava como uma lepra as-
querosa.

Um homem veio a elle que o avistára de longe. Era Bartholomeu Pires, o velho amigo do advogado, accorrido um dos primeiros á noticia do incendio. Reconhecendo o mancebo, deitou-se a elle e não só pela atração de uma dôr commum; lembrou-se que pondo seus esforços á disposição de Estacio, cuja energia e decisão bem conhecia, talvez se podesse ainda conseguir a salvação do bom doutor.

— Vinde, Sr. Estacio!... Tenho fé que chegaremos á tempo.

Foi como um impulso magnetico, o que essa palavra de esperança produziu no mancebo; precipitou-se avante seguido pelo mestre de capella até a janella do edificio. Dahi lançaram o olhar ançeado para a cratera de chammas que borbulhava dentro; um grito aspero de dôr rompeu do seio de ambos.

No fundo do aposento já completamente invadido pelas chammas via-se a estatua de Vaz Caminha em uma attitude eloquente e sublime. O velho erguia á cima da cabeça a dextra que segurava o testamento de Dulce, tentando salva-la em

derradeiro esforço. Seus olhos cheios de angustia envolviam o papel que a chamma já chamuscava; impassivel ás torturas que soffria seu corpo já meio devorado pelo fogo, elle só lembrava-se nesse instante de salvar a herança do filho amado. Sua sensibilidade estava naquelle papel mais que na sua propria carne.

Estacio se arrojára contra as chammass para salvar seu mestre; porém um bolção de fumo e brazido que irrompeo pela janella o suffocou, regeitando-o fóra quasi asphixiado. Mestre Bartholomeu apoderando-se de uma lança investio contra o fogo para abrir caminho; enquanto o mancebo dissipada a asphyxia voltou a carga.

Ouvio-se então um grande estrondo; o tecto da casa desabou todo, e de um só jacto; sepultando sob suas ruinas os sobejos do edificio. Ao estrepito respondeu um clamor doloroso da multidão, que permaneceu estatica e immovel ante a horrivel catastrophe.

Bartholomeu, teve ainda resolução para deter Estacio que não obstante o desabo do tecto, se lançára entre as paredes vacillantes, pisando sobre uma grelha de brazas, para senão salvar, ao menos abraçar os restos queridos de seu mestre e amigo.

— Sr. Estacio!... Sr. Estacio!... gemeu o cantor.

— Deixae-me!... Não me impedi!...

— Mas ides matar-vos!...

— E que tenho eu mais com este mundo?
replicou o mancebo em ira.

Nesse instante atravessou pelos ares um som lugubre. Os sinos da Sé dobravam á finados, e já lhe respondiam os outros sinos das proximas igrejas.

A multidão, apenas recobrada da triste impressão de uma desgraça, era já assaltada pelo receio de outra.

Houve como um sossobro dos espiritos naquella gente; immersos em si mesmos, sentindo os sons funereos do bronze repicarem doridamente em seu intimo, esperavam anhelantes a certeza dessa outra catastrophe que estava plainando.

Subito grupos e grupos se foram destacando da massa informe e correndo para as bandas da Sé. Apoz outros; afinal estabeleceu-se a corrente, que escoou ao longo da rua rumorejando:

— Tão moça e formosa!

— Nem a capella tirou!

— Que pena!

— Mais um anjo no céu!

- Castigo ! Castigo !
- Não tinha que ver !
- Tão mal agouradas bodas, não podiam surtir bem.

Estacio ouvira o toque de finados e as vozes destacadas da gente com curiosidade indifferente e como uma diversão á sua angustia ; mas de improviso soltou um grande gemido, e lançou-se apoz a turba.



XIII

A rosa refflorida e a bonina ceifada.



Cahia essa noite fatal que vinha tão prenhe de calamidades.

Elvira recostada na penumbra do balcão, se engolphava em um melancolico scismar.

Acodiam-lhe á mente as doces recordações de seus puros e castos amores, quando o virgem

coração começara á desbotoar como uma flor á luz ardente dos olhos de Christovão. Lembra-vam-lhe as timidas esperanças, os continuos rubores, os desejos travados de sustos, todos esses desmaios do coração que annunciam a concepção do amor.

Mas á pouco e pouco iam-se apagando estas reminiscencias vivaces, como se apagavam no horisonte os tons rubros e aureos do arrebol da tarde ; succediam tons mais carregados e sombrios; lembranças da luta que teve á sustentar com sua mãe para defender seu amor. Finalmente a luz esvaecia-se de todo; ao crepusculo succeda a treva do presente cheio de tristura e ermo de esperanças.

Era noite.

O espirito da donzella parecia acompanhar o declinio da luz no horisonte, e soffrer a influencia da sombra no espaço. A mesma escuridão que sepultava a natureza, enlutava agora sua alma.

Depois da tarde em que com generosa abnegação restituira a Christovão seu juramento, a existencia da donzella era essa ; sahir um instante do presente para logo apoz tombar nelle e mais fundo. Era o tranze do misero naufrago ; á custa de

violento esforço surde á tona, braceja em vão, respira, entrevê o risonho azul do céu; e afinal de novo submerge-se.

Elvira estava excessivamente pallida, mas ainda assim formosa: sua belleza tinha certa diaphanez que a assemelhava á uma linda imagem de cera, qual se adora nos altares. Uma semana havia que ella começara de sentir um extranho soffrimento. De repente fugia-lhe a vida, deixando seu corpo frio e examine; apoz a vertigem ficava-lhe uma sensação inexprimivel; como a aspiração interna de todo o seu ser, seguida de uma constricção intima.

. A donzella curtia comsigo este novo padecimento; ella se habituara de ha muito a soffrer só e sem queixumes. Desde que sua mãe uma noite vibrara o punhal que devia cortar o elo de seu amor, e abandonara á vis assassinos a existencia de Christovão, interpuzera-se entre ambas véo glacial, como um sudario.

Um dia porém D. Luiza de Paiva surprendera a filha presa da costumada vertigem:

— Que tens, Elvira?

— Nada, minha mãe.

— Estás soffrendo alguma cousa, que pre-

tendes occultar-me ! replicou a dona com voz severa.

A donzella ergueu para olla um limpido olhar ; mas sua voz era profunda.

— Confessei-vos peiores cousas, senhora !

Depois accrescentou :

— Ha dias sinto uma vertigem, que me vem de repente, e uma agonia dentro, como si me arrancassem as entranhas. Mas logo passa... Ha de ser fraqueza.

D. Luiza estremeceu ; logo se contendo derramou pelos labios um sorriso de cruel ironia. Elvira viu esse sorriso sem o comprehender ; sua alma porem agastou-se com elle, como a sensitiva.

— Sei o que isso é !... Careces sem demora de ser curada, para que não cresça o mal, que então será sem remedio. Vou te preparar uma mezinha de muita virtude, que me ensinaram.

— Para que, minha mãe ? Isto nada é.

A dona voltara tempo depois com uma beberagem, de que obrigou a filha a tomar alguns tragos ; nos dias que seguiram repetio a dóse, que a donzella bebeu sempre com indif-

ferença, insensível tanto ao amargo do remedio como ao beneficio delle.

Nessa noite, apenas accenderam luzes, D. Luiza veio como de costume trazer á filha a taça com remedio. Elvira perturbada em sua dolorosa scisma mas não arrancada a ella, segurou a taça maquinalmente e levou-a ao labio. Quando porem o liquido verteu a primeira gota, ergueu-se a donzella arrebatada e fóra de si.

A cabeça levemente pendida á esquerda, como si inclinara o ouvido ás palpitações do coração, os labios entreabertos pelo forte anhelos, o corpo convulso para dentro de si, tal foi a attitude de Elvira alguns instantes. De repente ella soltou um grande e pungente ai, levando a mão ao regaço ; uma cholera grande que dormia no fundo de sua alma desencadeou-se como uma procella.

— Não o haveis de matar ! Quereis immolar o filho, como já immolastes a mãe ao vosso fanatismo ! Mas Deus não consentiu. Elle acaba de revellar-me por uma influença de sua infinita misericordia a existencia de meu filho !...

D. Luiza de Paiva dardejou sobre a donzella um olhar impio :

— Bebe !... exclamou apresentando de novo a taça.

— Nunca !...

— Preferes a infamia ?

— Estou resignada, respondeu a donzella com humildade.

A viuva teve um instante os olhos cravados sobre a filha. Que máo pensamento ruminava ella naquelle transe ?

— Então para salvar este fructo do crime e da vergonha que trazes no ventre, não te importas macular o nome de teu pae e a virtude de tua mãe, de lançar sobre os que te geraram o desprezo e o escarneo de tua deshonra ?

— O crime foi meu ; só eu serei punida !

— Assim devia ser, mas assim não é. O mundo dirá vendo-te passar :—E' a filha de Affonso de Paiva, o honrado mercador, que tornou-se uma ..

— Minba mãe !...

— Arripia-te o nome ? O povo o dirá não uma, porem mil vezes !

Sentio Elvira irritar-se o coração contra aquella crueldade :

— Pois que repita !... Será maior o castigo,

quanto maior for a vergonha ! Tudo soffreria, e agora ainda mais, por meu filho.

— Por teu filho !... E esse mesmo, quando souber que é um bastardo, não te pedirá contas severas de tua virtude e de sua honra ?

— Ah ! exclamou Elvira ferida n'alma.

Sua mão chegou a estender-se para a taça ; mas uma boa inspiração lhe desceu do céu, que retrahio o movimento e lhe orvalhou de sorriso e esperança o semblante angustiado :

— Meu filho terá um nome honrado e nobre !

— Qual ?

— O de seu pae.

A viuva soltou um riso de mofa.

— Suppondes que Christovão me abandonou ? continuou Elvira. Pois sabei, minha mãe, que fui eu quem o absolvi de seus votos e a seu pezar, porque me julguei indigna de seu amor, depois de meu peccado, embora fosse elle a causa. Mas acceitarei para meu filho o que para mim recusei.

O riso escarninho da dama redobrou :

— De que rides vós, minha mãe ?

— E' verdade ; não sabeis ainda ! Ouvis este

rumor de festa que anda lá fóra? Nem suspeitaes o que seja?...

— Acabae !

— São as bodas de vosso fiel amante D. Christovão de Garcia de Avila.

— Meu Deus !

— E adivinhaes com quem? Com vossa melhor amiga, a formosa D. Ignez de Aguilar.

— Ah !

Elvira cahiu fulminada sobre o estrado. Sua mãe, depois de a contemplar algum tempo, conhecendo que ella não carecia de soccorro corporal, retirou-se, esperando tudo da situação em que deixava a donzella. Perdida toda a esperança de casamento, o unico recurso que restava era o aborto; assim destruiria o obstaculo que sobreviera para impedir o cumprimento de seus votos.

Ergue Elvira a cabeça e circula o aposento com olhares esvairados. Não vendo a mãe, como que sua alma sentiu-se alliviada de um grande peso.

— Não é a primeira vez que ella me engana! Verei Christovão e lhe supplicarei em nome de meu, de nosso filho! Elle é nobre e generoso! Si porém for verdade.... Si chegar tarde para obstar que seja esposo de outra....

Levantou-se resoluta :

— Não matarei meu filho , não !... Morrerei ra que elle não nasça á vergonha e á deshonra ! Rebuçando-se á pressa em escura manta, res-
lou como sombra ao longo do corredor. Já corre a direcção da cidade ; passa a porta de S. Bento ; o instincto a leva á Sé, cujo caminho conhece. Ella sabe que Avila mora nas immediações, e es-
pera poder orientar-se ali chegando.

A gente do povo, que concorria á casa do fi-
lho para ver chegar os noivos, a guiou ; quando o cortejo já apparecia no principio da rua, Elvira ao dar fé delle atravessou da outra banda e en-
cou na habitação de Christovão.

Esgueirou-se como um phantasma ao longo das escadas e deslisou pelos aposentos illuminados ; de repente abriu-se deante della uma porta, e seus olhos viram o leito nupcial ricamente adornado. Ao torno as aias da noiva dispunham suas roupas e dormir sobre o cochim de velludo, e davam o ultimo alinhamento á camera festiva.

— Christovão !... Christovão !... exclamou El-
vira arrojando-se no aposento, e recuando ante
quelle apparatus.

As mulheres que ali estavam volveram para a

desconhecida com surpresa, depois se entreolharam rindo, e cochicharam da aventura.

— Não me direis onde encontrarei D. Christovão de Avila?... Não é esta sua casa?

— Pois não estaes vendo que é esta mesma? Onde o encontrareis!... Não vedes o povo que festeja os desposados?

— Os desposados!... Mas então já vem da igreja?

— De lá sahiram.

— Sois tambem das convidadas?

— Chegastes tarde para a cerimonia, mas á tempo para a ceia.

— Ai, Jesus, que foi?

Era Elvira que tinha cahido desmaiada. O rebuçado da manta desconcertou-se, descobrindo o rosto. Uma das aias reconheceu a amiga querida de Inezita; tomando-a nos braços deitou-a sobre o leito, e cuidou de chama-la á si.

Por este tempo entrava o cortejo. Os convidados eram conduzidos á sala da ceia, e corria a scena até o momento em que se retirou Christovão depois de seu estranho pedido.

Sahido o mancebo, a noiva querendo repousar um instante no camarim, pediu ao pae que a abençoasse. Apenas se vio livre do rumor e alegria

da festa, a donzella derramou no pranto os sentimentos por tantas horas recalçados.

Durou pouco essa expansão. Logo enxugando as lagrimas, revestiu-se de uma expressão glacial.

— Emfim!...

Suas aias viram a mão gentil lançar pela janella um objecto diminuto, e se apinharem os labios a modo que libassem gotas de mel.

Entretanto a historia da desconhecida que se apresentara bruscanente, corria a casa, graças á indiscrição das aias. Em pouco não se fallou em outra cousa, e o acontecimento, alias natural, ainda que estranho, tomou logo o cunho supersticioso do tempo. Diziam que a desconhecida não entrara pela porta, mas sahira da parede, fendida para lhe dar passagem; outros que era tão fria e gelada a mão, que arripiava ao toque.

Assoalhando-se taes vozes, chegaram á Inezita que as ouviu das aias proximas. Inquirindo do motivo, veio ao conhecimento do caso estranho. As almas succumbidas e já desertas de esperança, tonto se deleitam com as scenas de tristeza, como se affligem com o espectaculo da alegria.

Ergueu-se pois a desposada e foi ao camarim nupcial, impellida por vivos desejos de fugir aos fol-

garés da festa, e de saturar-se ainda mais nas agonias dessa noite agourada, com a presença da desconhecida. A donzella quiz entrar só na camera.

Reviram-se as duas amigas sem grande commoção; ambas estas duas almas estavam flacidas de tanto soffrer. Dos labios de Inezita escapou-se um leve rumorejo, como de um coração que se affoga no abysmo: dentro do seio de Elvira soou o estalido da ultima fibra rota.

— Tambem tu, Elvira!...

Só então se lembrara a filha de D. Francisco do quinhão que tocara á amante de Christovão na desgraça commum. Para as neturezas privilegiadas a felicidade é prodiga; a dôr egoistica.

— Vinha buscar o pae de meu filho; roubaste-o, Ignez. Peço-te eu agora sómente mãe para o misero, pois esta, roubou-a elle, teu esposo!...

— Filho!... bálbuciou a donzella espavorida.

Elvira, com a sublime impudencia da agonis, abaixou ao regaço um olhar morto:

— Si o não amparardes, leva-lo-hei comigo. O odio de minha mãe o matará antes de nascer.

Comprehendeu Inezita que havia nesse abysmo

a que fôra precipitada, voragens ainda mais profundas. Correu para a infeliz amiga; cingiu-a nos braços e envolveu-a de ternura e consolo.

Abriu-se com este tepido calor o seio de Elvira, e verteu no coração da amiga as lagrimas e soluços ali condensados durante tão longos dias e curtidas noites. Tudo referio, tudo e com a ingenuidade da innocencia. A santidade desse martirio da virtude era tanta, que o anjo decahido nada vellava, e o anjo exaltado não enrubecia.

De repente houve em Inezita um sobresalto. Sua alma recahira na realidade esquecida. A dolorosa expressão que a vendava dissipou-se; sorrio, e desse sorriso derramou-se por toda sua pessoa uma aspersão de luz. Dir-se-hia que o céu já lhe fluctuava em torno.

— Abençoada seja esta minha pena, pois trouxe ella vossa ventura, Elvira!

Elvira não comprehendeu.

— Sereis esta mesma noite esposa de Christovão! disse Inezita.

— E vós? acodiu a donzella esvairada. Que sereis vós, Ignez?

— Serei a que foi.

— Quereis sacrificar-vos por mim?

— Prometti-me a Estacio no tumulo, pois não pude ser delle em vida. Tenho já a morte dentro em mim ; ella me advertiu neste momento. Esperae-me ; breve tornarei com vosso esposo.

Antes que Elvira podesse oppor-se á resolução, a donzella sahiu em busca de Avila, a quem mandou aviso por um pagem. E' já conhecido o que passou na sala até o momento da brusca desapareição de Estacio.

Christovão retido por Inezita, a olhava estupidamente ; o sentimento da realidade lhe escapava :

— Era Estacio que ali estava ! repetiu elle esvairado.

— Breve o tornarei a ver !... Não sabeis vós para onde foi elle deste passo ? Sei-o eu ; vae encontrar-me no céo.

— Ah ! exclamou o mancebo sacudindo a oppressão. Ainda o amaes ?...

— Não se trata já de Estacio nem de mim, senhor, que não somos deste mundo, mas de vós e de Elvira.

— E porque não partiremos nós tambem comvosco ?

— Não podeis, não. Vosso filho já vos prendeu á terra.

— Meu filho !... Meu filho !... Que vozes são estas, senhora ?...

— Vinde !

— Aonde ?

— A' vossa camera nupcial. Em vez do cadaver que vos esperava achareis a esposa abençoada do céo, que se perdeu para não perder-vos. Não comprehendes este sublime sacrificio ?...

— Nada comprehendo.

— Elvira se condemnou á maldição, porque era o meio de se unir eternamente ao seu amado. Vinde, que vos ella dirá tudo.

Momentos depois Christovão estava aos pés de Elvira e della ouvia a plena confissão do suicidio de sua castidade.

Inezita esgueirou-se, buscando nesta casa em festa um canto para morrer. Subito desalento se apoderava de seu corpo ; cahio sobre uma cadeira quasi exanime. Elvira e Christovão, inquietos pela sua ausencia, foram encontra-la em tal estado.

A esta hora já os fidalgos presos no pavilhão tinham forçado a porta e derramavam-se pelas casas. Em vez de Christovão morto, grande foi a surpresa de D. Francisco encontrando sua filha á expirar.

Quando horas depois, Estacio chamado pelos dobres dos sinos penetrou na casa, o refluxo da gente levou-o á camara nupcial.

Estacou na porta.

Em frente, sobre o leito de velludo estampava-se no brocado azul da tapessaria o formoso relevo do talhe de Inezita. Parecia que adormecera, se reclinando suave sobre as almofadas.

O mancebo avançava, quando a figura pavorosa de D. Francisco de Aguilar, assomou-lhe por diante :

— Retirai-vos, mancebo ! Não insulteis minha dôr !

Estacio curvou a cabeça ante aquella sagrada indignação e sahiu do aposento. Alguns passos além sentiu que o estreitavam ao peito ; firmou os olhos baços no vulto, e através da nevoa do espirito, reconheceu Christovão. Então com o gesto frio e compassado de um authomato desviou de si os braços do cavalleiro :

— Estacio !... exclamou Christovão.

— Um tumulto nos separa.

O cavalleiro sentiu o coração esmagado por esta palavra. O amigo tinha razão : elle era o assassino de Inezita ; querendo salvar a perdera.

— Uma graça me deveis, em paga de tanto

mal. O espejo mortal de Ignez vos pertence, porque emfim.... a desposastes.

Esta ultima palavra o mancebo a arrancou do peito, como uma convulsão.

— Seu esposo sois vós ! exclamou Christovão.

— Reclamo de vossa lealdade o espejo de uma alma que me pertence.

— Te-lo-heis.

— Quando ?

— Na seguinte noite.

— Onde ?

— S. Bento.

Partiu Estacio. Na rua o Bartholomeu Pires chegou-se a elle e poz-lhe nas mãos um objecto.

— Vossa caixa, Sr. Estacio.



XIV.

A beira de um esquite.



O fogo lavrava ainda na casa que fôra do bom Vaz Caminha.

Sem designio, trazido por uma especie de attracção, voltára Estacio direito ao lugar do sinistro, então deserto. Perdida a esperança de salvar o

advogado, e applicada a curiosidade selvagem da turba, cada um tratára de recolher.

O mancebo entrou pela portinha do quintal, como outrora, durante a infancia, nas diurnas visitas que fazia á seu padrinho e mestre. No horto, proximo ao outão, estava a cacimba, em cuja borda de tijolo o velho doutor, quando sahia fóra por tarde, costumava sentar-se.

Estas recordações da infancia fluctuavam entre a dôr na alma do mancebo, como as ondulações da sombra no seio de uma tréva espessa. Erão raios de mel, tenues e subtis, que mais contrastavam o amargor do presente.

Tempo esquecido esteve ali sentado á beira do poço ; já recordando o passado, já contemplando com uma curiosidade incomprehensivel, o jogo das chamma, sobre as ruinas do edificio. Essa labareda, á crepitar alegremente, á espreguiçar-se em ondulações voluptuosas, o estava enamorando. Como que a flamma lhe abria os braços sensuaes ; e desfazia-se já em caricias para recebe-lo. Ferviam ali sorrisos em braza, beijos em combustão para o consumirem n'um só e rapido affago.

Ainda o mancebo ergueu-se para acodir ao aceno da labareda palpitante ; mas o reteve uma lem-

branca. Desejava contemplar ainda uma vez a belleza material daquella, que tanto amára em vida.

Com o movimento que fizera para erguer-se cahiu um objecto, e produziu rumor. Há no meio das dôres acerbadas, curiosidades frivolas, symptomas de uma caducidade moral. Estacio foi presa de um impulso igual: ergueu o objecto, que examinou attenta e minuciosamente. O que era? Como ali se achava?

A pouco e pouco as reminiscencias espedaçadas se foram reatando; lembrou-se vagamente da imagem encanecida do P.^o Molina e das palavras que elle proferira entregando-lhe o cofre. No começo a scena se desenhou como um quadro secular despregado dos muros de vetusto castello: depois avivou-se ao pungir dos recentes golpes. Revistando o cofre, vio o mancebo uma pequena chave pendente; experimentou-a no fecho; deu a volta; abriu a tampa.

Um jorro fulgurante de limpidas centelhas esguichou de dentro, e deslumbrou a vista de Estacio. O cofre estava cheio de grandes diamantes; havia ali encerrada, naquelle estreito vão de algumas pollegadas, uma riqueza estupenda. Mais uma

ironia amarga da fortuna, que o esbofeteava assim com a opulencia, quando della não caricia; havendo antes, nos dias da ambição, nas horas de esperança, abatido seu pundonor com a carranca da indigencia!

Estacio já não pertencia a terra; suas nupcias eram do tumulo; o hymenêo de sua alma com a de Ignez devia celebrar-se no céu. Lá ha as galas da bemaventurança e as irradiações da luz divina; não se carecem das chispas e do brilho material. Ninguem mais lhe restava na terra á quem fazer dom de tamanha riqueza; todas as suas afeições tinham voado para o seio do Creador á espera-lo; e uma, uma das mais queridas, estalára com violencia.

Entretanto murmuravam os labios do mancebo:

— Impia sorte!... Devias conhecer-me, pois desde a infancia contigo luto!... Queres depravar-me o coração acendendo nelle a cobiça!... Podesse eu, que despersára com um sopro todo este immenso thesouro por ti accumulado!...

Uma lembrança atravessou o espirito de Estacio. Ouvira outrora no pateo uma renhida controversia sobre a combustão do diamante, então simples conjectura dos sabios que só mais tarde foi veri-

ficada por experiencias repetidas. O mancebo aproximou-se do edificio incendiado : a parede do outão de todo desmoronada descobria o ladrilho do que fôra gabinete de Vaz Caminha.

Encheu Estacio a mão de diamantes e atirou-os sobre aquelle pavimento abrazado ; umas apoz outras lá foram as riquezas que encerrava o mysterioso cofre. A todas devorou o incendio em poucos instantes : o carboneo que se christalisára no seio da terra volatilizou-se ao fogo e derramou-se na athmosphera.

Naquelle noite, os viventes, que habitavam por ahi acerca, respiraram um ar miasmatico impregnado dessas exalações millionarias.

Contaram depois alguns mestreaes sahidos na madrugada para a tenda, que viram Estacio adormecido na relva do horto, com a cabeça sobre o parapeito do poço. Ao sahir do sol porém, lá não era já. Foi essa a ultima memoria que houve na cidade do Salvador do infeliz mancebo. Muita vez pelo tempo adeante deu elle materia para longas praticas ás velhas comadres bahianas; muita supposição se fez : certeza de seu fim desgraçado, porém, nunca a houve.

O seguinte dia foi de tristeza para a cidade

do Salvador. A fidalgia naquelles tempos não tinha sómente o privilegio da riqueza e fausto, nem sómente enfeodava as festas e gosos da vida. Arrogava-se tambem a tirannia funebre do luto. Quando se finava alguma existencia da nobreza, o nojo não ficava na familia, nem mesmo na classe; a plebe devia participar delle, e sentir as penas e magoas dos grandes.

Desde a alvorada, que os sinos de todas as igrejas começavam a dobrar por finadas e continuavam sem interrupção. Si alguma suave flôr de alegria despontava nesse dia algures pela cidade, em casa de pobre, logo a finara bafejo funebre que passava. O som vibrante do bronze traspassava o coração e nelle vertia o pezar e o susto.

Nesta occasião, porém, o luto da cidade do Salvador não é uma oppressão da fidalguia; rebenta espontaneo d'alma do povo. Não ha quem não prantêe com lagrimas sinceras a donzella infeliz, arrebatada na flôr de sua idade e belleza. A esta lastima, accrescem as suspeitas sinistras sobre o infæusto passamento da noiva, e tambem o terror pela nova, ainda vaga mas exa-

gerada, das outras catastrophes dessa noite angustiada.

Durante o dia não se viam nas ruas senão grupos de gente merencoria, de passo arrastado e vozes soturnas. Praticavam em tom submisso do caso desventurado; uns conjecturando sobre as causas do facto; outros percorrendo sobre a pompa do sahimento. Depois se dispersavam cabisbaixos para se formarem além em outra roda. Emtanto cruzavam em diversos sentidos officiaes mechanicos, atarefados com a armação do catafalco e eça, assim como da armação da casa de Christovão.

Cabiu emfim a noite.

A rua, da Sé chamada, onde era a casa de Christovão, estava a não poder de gente. O popular curioso de assistir ao funebre sahimento, rebentava de uma e outra banda. Vinham chegando as confrarias dos Defuntos, da Misericordia, e outras com seus giões na frente. Compareceu o Governador D. Diogo de Menezes, sua comitiva, e os mais officiaes de El-Rei.

Já o prestito se alinhava pela rua além.

Nesta occasião o fluxo e refluxo da multidão, approximou duas pessoas que ali estavam immoveis

para assistir ao triste espectáculo. Uma dellas dellas deve ser Zana, a feiticeira, envolta em seu longo tobarde vermelho coberto de figuras cabalísticas. A outra mostra apenas o vulto de um cavalleiro, coberto de negros arnezes e vizeira cahida. A espada lhe bate o flanco; esguia e longa adaga cruza a cinta; apoia o braço esquerdo sobre alto e pesado montante.

Quando a bruxa impellida pela lufa-lufa, bateu contra o hombro do cavalleiro, este abaixou para ella um olhar lento e inerte; enxergando-a, porém, sentiu alguma emoção, que se revelou por ligeiro sobresalto. Seu guante cerrou com impeto o braço da mulher.

— Bruxa de Satanaz!... rugiu uma voz cava. Estaes satisfeita? Vindes ao repasto dos mortos, como vampiro que és!

A feiticeira estremeceu:

— Perdão, cavalleiro, si vos offendi. Mas Deus me fulmine si foi por meu querer. Nem se quer entendo as vossas fallas?

A voz que estas palavras proferio era suave como uma dhulia; mas sentia-se nella, como em um favo de mel, laivos da dôr causada pelo guante.

Os dedos do desconhecido affrouxaram ; seu tom, sempre amargo, se tornou mais natural :

— Já te não lembras do agouro no dia de anno bom, na Praça de Palacio ?

Zana retorquiu vagarosamente e depois de uma pausa :

— Mal me quereis. cavalleiro, porque a sina vossa trouxe-vos á tamanha desventura ; e não pensaes que possa haver maior ?

— Impossivel !

— Nunca amaste, cavalleiro, senão saberieis qual seja a maior angustia do mundo. Sei-o eu, que amei e amo, e não acabarei enquanto primeiro me não acabar este amor. E' ver-se desdenhada, e, quem sabe?... curtir o tormento de ser possuido de outra o objecto de seu carinho, por quem se estremece ! Esta sim, é angustia, que a de chorar morto o querido de nossa alma, chama-se á par com ella, a bemaventurança !...

Sob a vizeira estalou um soluço. A feiticeira unio-se ao flanco do cavalleiro, suspensa na ponta dos pés, para lhe alcançar o ouvido.

— A virgem que ali está finada, esta é feliz ; já não soffre. Matou-a o remorso, ou o castigo?... Ninguem o sabe. Si ella vivesse seria

esposa de outro, que não o primeiro escolhido de seu coração; trahiria as juras de seu amor. Pensaes que o esposo seu d'alma desejasse, si aqui estivera agora, ve-la resuscitada?...

— Não turbai, mulher, o repouso de quem já não é deste mundo. Morto sou; tem-me ainda á terra, mas por minguadas horas, um voto santo.

— Nada mais então vos prende ao mundo? perguntou a feiticeira.

Nesse momento sahio fóra da casa o esquife; era coberto de damasco branco franjado de ouro; conduziam D. Diogo de Menezes, e os principaes da fidalguia bahiana. Na porta estava um alto e sumptuoso catafalco, guarnecido de velludo roxo e negro com franjas tambem douradas e galões de prata. Colocado o esquife sobre a cornija do pedestal, poz-se o prestito em movimento. Os mordomos alinharam suas confrarias; e as carpideiras entoaram as estrepitosas lamentações.

Dirigiu-se o sequito á igreja S. Bento, onde tinha sepultura a familia do Senhor D. Christovão de Garcia de Avila.

Dez horas eram dadas quando terminaram na igreja os officios funebres; o popular derramou-se pelas ruas adjacentes; a familia voltou acompa-

nhada dos parentes e amigos; só D. Christovão se deteorou na igreja para dizer á sua esposa o extremo adeus. O lugar ficou escuro e ermo.

Um vulto se approximou então da porta lateral do convento, e quedou-se ahí á espera. Com pouco abriram de dentro, e outro vulto assomou. Este ultimo apresentou ao outro um objecto minimo, e murmurou estas palavras:

— Restituo quanto vos pertence. Não era assim que eu esperava....

O outro estreitou-o com vehemencia ao peito:

— A dôr me fez injusto hontem. Venho do tumulto pedir-vos perdão!

Por algum tempo sussurraram as palavras do colloquio estranho. Afinal as mãos se travaram uma derradeira vez; e o vulto que sahira de dentro sumio-se longe na escuridão da noite. O que chegára penetrou no templo; antes porém de entrar arrojou de si as armas que trazia.

Chegou á sacristia; estava ali um velho, leigo do convento, que despertou da modorra ao som dos passos nas lajes do corredor.

— Podeis recolher bom velho. Amanhã virão para sellar a catacumba; não consenti que levantem a lapida!...

No centro da igreja se achava o catafalco rodeado de tocheiros, Um frade estava ajoelhado próximo, que ao rumor de passos se ergeu e sumiu na capella-mór, Hirto e lento subiu o desconhecido os degráes da eça: no ultimo cahiu de joelhos. A chave de ouro que trazia cerrada na dextra, rangiu; e as abas do esquite abrirão-se em par.

Ignez parecia adormecida. Nunca a formosa donzella ressumbrára meiga serenidade, como neste somno tumular. Era a sua propria e mimosa estatua em vida; mas talhada em frio alabastro. O cavalleiro tomou-lhe a mão gelada:

— Nada já nos póde separar, minha Ignez. Agora somos um do outro; juntos dormiremos no mesmo jazigo e juntos acordaremos no céo, entre os anjos que te esperam, esposa minha, para coroar-te de rosas immaculadas.

Sentiu o cavalleiro que lhe travava da mão pendente, outra mão debil. Voltou o rosto; a fei-ticeira estava de novo com elle, ajoelhada no degrão inferior, em attitude supplicante:

— Que me queres tu ainda?

— Trago-te a vida de tua amada.

O cavalleiro ficou tranzido e estatico.

— Também eu te amei, porém tarde. Ignez já possuía teu coração. Um dia quando a destinaram á outro quiz saber si ella era digna de ti, e achei-a qual eu fôra. Jurou que a morte a arrebataria aos pés do altar, para restitui-la ao seu escolhido. E eu tive forças de jurar-vos também em minha alma, que a ressuscitaria para o vossò amor.

O capuz do manto escarlate desconcertou-se, deixando ver á luz dos cirios um rosto formoso.

— Rachel ! proferiu o cavalheiro.

— A vida de Ignez aqui está ! exclamou a Judia mostrando um frasquinho de onro.

— Dae-me !

— Dar-te-hei, Estacio, mas em troca me voltareis o preço.

— Quereis meu sangue ?

— Nem uma gota delle. Reclamo este esquite...

— Rachel !

— Pertence-me, pois não sou amada.

Nos solemnes momentos a alma não divaga, mas se inscruta nos vocabulos breves que lhe

escapam. Estas frases lapidarias entram no espirito como inscrições burladas. Proferindo a ultima palavra, não deu Rachel, nem á voz, nem ao gesto, a minima emphase ; mas Estacio reconheceu ao toque de seu coração a immutabilidade daquella resolução. Braços estingidos no peito e cabeça derrubada, permaneceu algum tempo immovel. Afinal ergeu-se :

— Vivireis ambos, e acabe eu que de nenhuma sou digno!

Atirou-se Rachel aos pés do cavalleiro, abraçando-lhe os joelhos :

— Não ; não ha de ser assim. Tomae; que ella respire e... adeus.

Estacio a cingiu ao peito quando já fugia e seus labios esfrolaram a fronte da bella judia.

— Vivei, Rachel, eu vos supplico , para doçura da minha felicidade.

— Sim, viverei, pois me prendeste á terra. Adeus, sêde feliz.

Partira a judia. Estacio timido agora ante a esperanza e a decepção, vasou o liquido no lenço que pouco ha cobria o rosto da virgem ; e tre-

mulo deu-lhe a respirar a droga subtil. Uns laivos roseos se derramaram pelas faces da donzella; arfou-lhe o seio.

Ignéz vivia.

O mancebo arrancando-a ao esqnife, foi com ella nos braços, sentar-se ao estrado da capella. Instantes depois entre-abriu Ignéz as palpebras e seu primeiro olhar embebeu-se das vistas de Estacio. O sorriso dos anjos lhe orvalhou o semblante :

— Graças, meu Deos, por haverdes ouvido minha oração. Encontrei-o no céo, ao esposo de minha alma. Vossa infinita bondade nos uniu!... Fallae-me, Estacio!...

— Deos nos uniu ainda na terra, onde estamos, Ignéz minha.

— Na terra... Mas eu morri.

— Não, pois estaes em meus braços. Dormistes desde hontem.

— Então, exclamou a donzella com pavor, sou a desposada de...

Estacio a atalhou :

— A desposada de D. Christovão e filha de

D. Francisco, a Senhora D. Ignez de Aguilár ali repousa naquella esquite e brevê dormirá no jazigo dos seus. Tu és a minha esposa, a minha Ignez, que Deos me envia do céo.

— E' verdade, eu descí do céo, e para ser vossa. Vinde que Deos nos abençoe.

Os dous amantes ajoelharam ás abas do altar mór para orar. De repente uma sombra resvalou; e um sacerdote assomou ante seus olhos sorprendidos. A debil luz dos cirios distantes reconheceram no rosto macerado do monge as feições de D. Fernando de Athayde.

— Deos me envia para abençoar a vossa união, meus filhos.

Tomando as mãos dos amantes uniu-as sob a estola e proferiu as palavras do sacramento. Sentiram os esposos humida a mão do monge e pensaram fossem gotas de agua benta; eram lagrimas silenciosas á furto arredadas.

Na manhã seguinte a canôa de Esteves sahia barra fóra; iam nella uma dama embuçada e um cavalleiro desconhecido.

Nessa mesma hora vellejava um navio mar em fóra; e além, nas ribas alcantiladas, o vulto de

um monge transmontava a serra. Levava o navio Rachel e seu pae, que abandonavam para sempre as terras do Brasil. O vulto ermitão levava ao deserto a grande alma do P.^o Molina.



EPILOGO.

Ha bem pouco tempo ainda, se viam nas cercanias da linda bahia de Camamú, as ruinas de uma capella, que ali existira em eras remotas sob a invocação de S. Gil.

Um anno havia decorrido desde o passamento de D. Ignez de Aguilar. Eram sete horas de uma bella manhã de primavera ; arvores em flor, céo em gallas, passaros em alegres descantes, nada faltava á festa de natureza. O sino da capellinha tangia alegremente ; e o ambito do pequeno templo cheio da luz do sol que embranquecia a dos cirios, semelhava um céo estrellado em noite de esplendido luar.

Estavam na igreja duas pessoas. Uma era Frei Fernando de Santa Violante, que depois de accender os cirios e vestir o altar, subira ao côro para tanger a campã. A outra era a recolhida, soror Joanna, occupada em varrer o chão de ladrilho.

A ermida era nova, de fresco concluída. Dizia-se na aldeia vizinha que a mandára construir de seu bolsinho a soror Joanna, em virtude de um voto que fizera.

Aos lados viam-se os dous eremitérios isolados, onde viviam em clausura, a devota, servente da casa de Deus, e seu irmão Frei Fernando, capellão da ermida.

Poucos instantes depois, pelo caminho que desembocava em frente, appareceu um grupo de seis pessoas, onde havia pompa de mocidade e formosura, mas simplicidade extrema de traje. Estacio conduzia Iñezita e Christovão a sua bella esposa D. Elvira de Avila. Seguia-se Gil, carregando ao collo uma linda creança, filha deste ultimo par. Ao mesmo tempo da outra banda chegava João Fogaça que trazia pelo braço a sua Mariquinhas dos Caixos.

No mesmo navio que levara Rachel, partira para Europa Fr. Fernando : ia á Roma cumprir

a promessa que fizera a Estacio de obter do Santo Padre a annullação do casamento de Inezita. Chegara, havia apenas um mez, com o breve do Papa.

Christovão e Elvira, unidos desde muito, só então souberam da existencia de Estacio e Inezita, que suppunham mortos e sepultos na mesma campa. Viviam, noivos irmãos, esperando a sanctificação do seu amor.

O monge ratificou os sacramentos anteriormente celebrados; unindo desta vez em legitimo matrimonio os dous casaes. Todo o tempo da cerimonia reinou na ermida profundo silencio: terminada ella, a irmã Joanna derramou sobre a cabeça dos noivos um açafate de rosas.

Apenas sahiram as pessoas, o monge e a recolhida se estreitaram ao peito. Foragidos do mundo, escorjados da desventura. esses dous infelizes se abrigavam no seio um do outro. Desde esse instante foram verdadeiramente irmãos.

Emtanto o grupo de amigos se dirigia entre o arvoredo a modesta, mas graciosa habitação de Estacio, situada á margem de um rio, que a abraçava carinhosamente formando uma quasi ilha, do feitio de coração. Um poeta do tempo não

deixára escapar esta circumstancia para della tirar um conceito de madrigal. Si o amor reside no grande musculo humano, sem duvida aquella mansão do amor devia ter essa fórma.

Estacio e Iñezita separaram-se um instante dos amigos, e penetraram no interior da habitação; ahí estavam D. Francisco de Aguilar e sua mulher D. Ismenia, carregada em liteira. Tinham vindo incognitos para abençoar a filha resuscitada. Foi tudo quanto a ternura obteve do orgulhoso fidalgo castelhano: para o mundo sua filha estava realmente finada.

Depois da benção paterna, partiu o fidalgo com sua mulher as occultas, como tinham vindo. Os primeiros effluvios do santo amor conjugal dissiparam a sombra melancholica na fronte de Iñez.

Elvira tambem era feliz. Mas como a rosa, cujo seio punziu a antena de um insecto, a flôr de sua felicidade tinha uma nodoa que só o tempo devia apagar.



INDICE DO VOLUME VI

I	A esphinge do drama no deserto.....	5
II	Remonta a aguia os vôos.....	37
III	A boca da botija.....	71
IV	A creança engeitada e a herança regeitada... ..	101
V	A caça caçando o caçador.....	125
VI	O cahos eterno do coração da mulher.....	151
VII	Um impedimento matrimonial não cogitado pelos canonistas.....	181
VIII	Estrangulação de uma derradeira esperança.	209
IX	Itinerario da decepção ao desengano.....	231
X	Onde o acaso representa seu papel de bufo na tragedia humana.....	255
XI	Em que Estacio prosegue na sua via dolorosa.	281
XII	Vanitas vanitatum et vanitas.....	307
XIII	A rosa re florida e a bonina ceifada.....	327
XIV	A beira de um esquife.....	345
	Epilogo.....	363

Advertencia.

Na revisão das provas dos quatro ultimos volumes escaparam muitas incorrecções. Nem todas é possível agora corrigir, sem demorar a já bem tardia publicação da obra, começada lá vão 15 mezes. Apon-tam-se aqui somente os erros mais salientes notados em uma rapida leitura; muitos outros devem existir; e alguns até filhos da ignorancia ou inadvertencia do author. Para estes a melhor errata é a critica severa, a que se remette o livro.

VOLUME III.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Correcções.</i>
6	16	um heroé.....	outro heroe
9	15	principio.....	principe
27	24	carruscava.....	corruscava
31	4	agrada.....	me agrada
37	23	D. José.....	D. Annibal
44	13	se partou.....	se partiu
45	6	1595.....	1597
54	16	Nunez.....	Vellez
65	17	exprimiou.....	espremeu
88	23	1599.....	1600
97	1	Oito.....	Sete
121	3	cahiu.....	cahia
121	25	encyclica.....	collectiva
186	11	primeiro.....	primeiro....
192	2	baijar.....	beijar

VOLUME IV.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Correções.</i>
21	17	Sr. D. José.....	D. José
26	19	por este meio.....	com este meio
27	10	Lembra-vos.....	Lembrai-vos
30	24	filho.....	alferes
36	14	si roubou.....	se roubou
43	18	affagava.....	affogava
45	20	os perdeu.....	a perdeu
55	2	D. Marina.....	D. Dulce
64	1	evocou.....	avocou
68	8	voz.....	falla
75	15	alfim.....	afim
81	24	distan.....	distancia
138	21	como que.....	como
167	6 e 7	Samuel.....	Simeão
169	21	um anno.....	cinco annos
177	19	amanhã.....	domingo
200	6	Pacientae.....	Paciencia
204	11	amante.....	namorado
254	2	siso.....	riso
254	18	guardar.....	guardas
282	1	aos 8.....	aos 16
300	13	decorastes.....	descorastes
301	11	empenho de honras	empenhos de honra
307	21	pela face.....	pelo matiz

VOLUME V.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Correções.</i>
19	16	objecto.....	facto
53	6	judeão.....	judeu
58	14	Pereira.....	Antão
92	10	fez.....	fizemos
200	3	André.....	Pedro
203	10	conseguisse.....	a conseguisse

VOLUME VI.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Correcções.</i>
		orientaes.....	occidentaes
145	21	fazendo.....	mudando
152	13	miiagem.....	imagem
155	2	guarda.....	guardai
157	6	cruz.....	luz
157	16	elle bem.....	bem
161	15	estes.....	estas
162	8	no mez de Março...	nessa estação
163	12	acheguae-vos	achegae-vos
165	4	paasado.....	passado
179	14	hei de.....	heis de
184	13	á esperança.....	a esperança
211	24	felidade	felicidade
214	14	segunda-feira.....	terça-feira
216	21	Roto é	Roto foi
219	2	peço.....	faço
219	11	esquecerte.....	esquecestes
228	16	em seu.....	em um
229	4	confessionario !....	confessionario,
234	4	seguira.....	seguiram
244	15	the	lhe
246	11	enião.....	então
275	21	Ccaminhou	Caminhou
276	3	desespero.....	desprezo

Noticia historica geographica e estatistica da Republica do Paraguay por P. T. Xavier de Brito; 1 v. broch.....	1\$000
Filho do Pescador, romance brasileiro por A. G. Teixeira e Souza; 1 v. enc.	
Maria ou a menina roubada, romance por A. G. Teixeira e Souza; 1 v. enc.	
Poesias de B. J. da Silva Guimarães, 1 v. enc.	6\$000
Opusculos historicos e litterarios por D. J. G. de Magalhães, 1 v. enc.....	6\$000
Tristezas á beira-mar, romance por M. P. Pinheiro Chagas, 1 v. enc.....	2\$500
Motins politicos, ou historia dos principaes acontecimentos politicos da provincia do Pará desde o anno de 1821 até 1835 por D. A. Raiol; preço de cada parte 2\$, já se achão publicadas duas.	
Vista das fortificações de Humaitá.....	1\$000
Da Oceania a Lisboa, viagem de Francisco Travassos Valdez, 1 v. broch.....	5\$000
As nacionalidades mortas, hontem, hoje, pelo Dr. I. F. da Veiga, 1 v. broch.....	1\$000
Repertorio das leis e decisões do governo concernentes á segunda directoria da secretaria de estado dos negocios de agricultura, commercio, e obras publicas, desde o anno de 1808 pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, 1 v. enc.	4\$000
Atribuições dos presidentes de provincia, pelo juiz de direito Caetano José de Andrade Pinto; 1 v. enc.....	6\$000
Orphão nos infernos, traducção de L. M. Figueiredo.....	1\$000

acaba de chegar

A LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

COLOMBO

OU O

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

PELO SR. M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE,

2 volumes bem impressos e encadernados 8000.

Esta obra ha muito tempo esperada e ansiosamente desejada, vem preencher uma lacuna na litteratura brasileira, dotando a do primeiro poema essencialmente epico, tanto na substancia como na fórma. Em verdade só dous assumptos no mundo moderno, como se exprimia Chateaubriand, se prestão para a epopéa, a saber: as cruzadas, cantadas por Torquato Tasso na sua *Jerusalem Libertada*, e o descobrimento da America, reservado ao Sr. Porto-Alegre pelo anjo da poesia.

acaba de chegar

À LIVRARIA GARNIER

69, RUA DO OUVIDOR 69

COLOMBO

ou o

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

PELO SR. M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE,

2 volumes bem impressos e encadernados 8000.

Esta obra ha muito tempo esperada e ansiosamente desejada, vem preencher uma lacuna na litteratura brasileira, datando a do primeiro poema essencialmente epico, tanto na substancia como na fórma: Em verdade só dous assumptos no mundo moderno, como se exprimia Chateaubriand, se prestão para a epopéa, a saber: as cruzadas, cantadas por Torquato Tasso na sua *Jerusalem Libertada*, e o descobrimento da America; reservado ao Sr. Porto-Alegre pelo anjo da poesia.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).